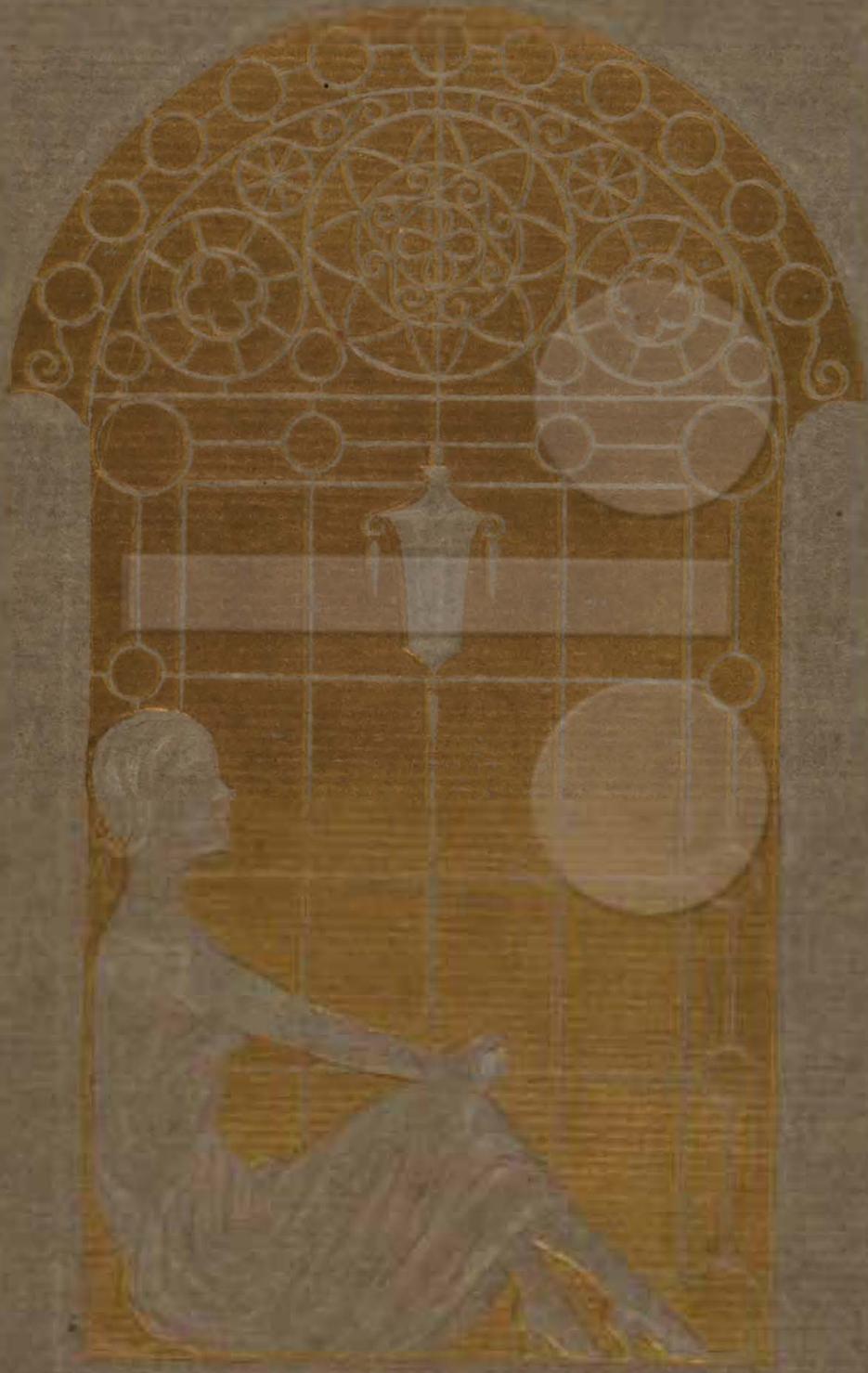


Frou-Frou...

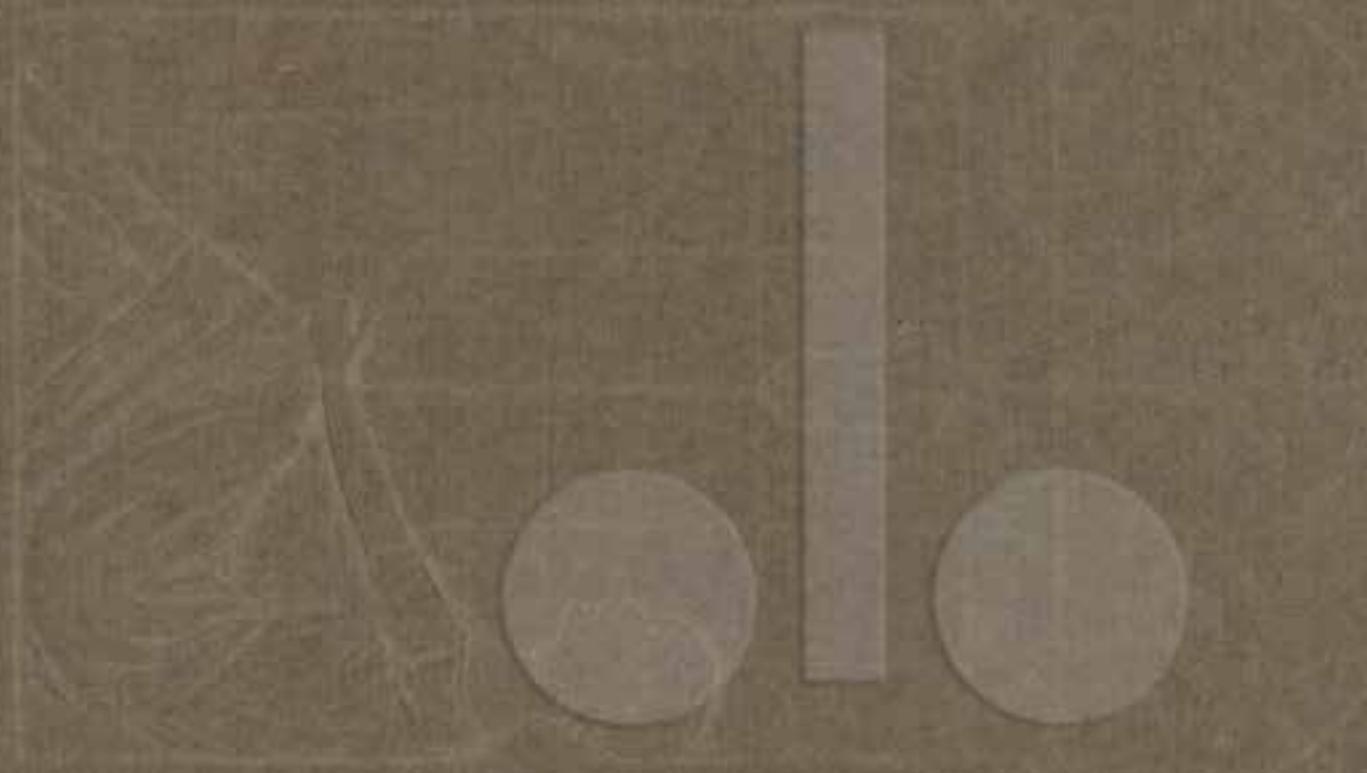


ANNO I

Nº 2

PREZZO

₤ 500



EMERALD CO.



**Robes de Théâtre, Toilettes de visite, Manteaux
et Costumes** — modèles de haute couture.

Chapeaux - modèles des grandes maisons parisiennes.

SOIERIES ET DRAPERIES

Porte-tresors, Colliers, Bracelets et tous les mille
petits riens qui complètent le charme de la femme élégante

**Vous désirons faire savoir à nos élégantes clientes
que nous recevons de Paris, toutes les semaines,
ces articles et les offrons à des prix sérieux.**

Parc Royal

A Maior e a Melhor Casa do Brasil

“Frou-Frou...” e a Imprensa

FROU-FROU... está immensamente grata á imprensa da Capital e dos Estados, que saudou o seu aparecimento em termos os mais lisongeiros e acolhedores. Viu *Frou-frou...* por esta maneira gentil, compensados os seus esforços no afanoso empreendimento a que se abalançou, qual o de dar ao Brasil um *magazine* que, pelo cuidado e luxo do seu aspecto material e artistico, e pela sua elevada orientação intellectual, estivesse á altura do grau de paiz civilisado, que o Brasil, attingiu. A todos sem distincção, *Frou-frou...* se confessa agradecida.

DA “A PATRIA”

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o primeiro numero da revista mensal *Frou-frou...* que hoje será posta á venda em todo o paiz. E' o novo mensario um primoroso trabalho artistico que vem honrar sobremaneira as nossas artes graphicas, apresentando-se com um luxo e um bom gosto muito para louvar. As suas diferentes secções, todas ellas variadas e brilhantes, contém materia para satisfazer o mais exigente dos leitores. Versos inéditos de Hermes Fontes, contos, romances, anedoctas, os mais variados assumptos, tornam *Frou-frou...* um verdadeiro primor. Destacam-se artigos sobre decorações e mobiliarios, uma pagina artistica sobre Mistinguett, paginas sobre arte photographica; uma dupla pagina sobre os ultimos acontecimentos da semana, secções de modas, com os ultimos modelos de Paris; de theatro, de cinema, com uma bellissima pagina dedicada a Rodolpho Valentino; um curioso album familiar, etc, etc.

A apresentação material de *Frou-frou...* pôde rivalizar com os melhores magazines do mundo. Por isso mesmo não é exaggero affirmar que essa publicação honra sobremaneira o Brasil. A sua direcção artistica está entregue ao conhecido escriptor theatral Antonio Guimarães. Auguramos a *Frou-frou...* um brilhante futuro.

DO “RIO JORNAL”

FROU-FROU... — E' titulo de mais um *magazine*, e este luxuoso, dos mais luxuosos que conta o Rio de Janeiro. Pôde affirmar-se, sem sombra de favor, que *Frou-frou...* é de todos os que entre nós se publicam, o de maior gosto artistico e de mais luxo.

As suas paginas contem leitura interessantissima e são admiravelmente illustradas com excellentes gravuras a negro, em trichomia, e em “double”. Encontramos alli uma poesia inédita de Hermes Fontes, artigos desenvolvidos sobre a arte de mobiliario; uma pagina artistica dedicada a Mistinguett; retratos dos mais queridos artistas cinematographicos; a arte na photographia; illustrações dos acontecimentos da semana; “charges” engraçadas de Belmonte e de Sylvio; secções de sport, de modas de theatro; romances, contos etc., etc.

O que porém, se destaca como originalidade, é a sua artistica capa, que não tem rival entre as publicações brasileiras. A direcção do brilhante mensario é do conhecido escriptor theatral Antonio Guimarães.

DO “JORNAL DO BRASIL”

Titulo suggestivo é o deste *magazine*, cujo primeiro numero temos sobre a nossa mesa de trabalho. *Frou-frou...* apresenta-se com um numero brilhantissimo, uma verdadeira novidade no nosso meio, em que vem encher uma lacuna entre as publicações de luxo, que não são muitas entre nós. As suas paginas encantam logo á primeira impressão, pois o seu aspecto material é dos mais bellos. A capa, em cartolina, é, além de luxuosa, de muito gosto. As diferentes secções são animadas de um grande gosto artistico, de variada materia, toda ella subordinada a um cuidadoso amor de arte.

DO “O JORNAL”

Mais uma revista illustrada, finamente illustrada, circula desde hoje. E' o mensario *Frou-frou...* cuja confecção artistica é de causar boa impressão.

A capa do primeiro numero, em cartolina, está em pé de concorrência com a das revistas estrangeiras do seu genero e reúne paginas que, além de decoradas com arte e bom gosto, contém materia interessante. Os ultimos acontecimentos da semana, foram registrados numa pagina dupla de *Frou-frou...* que nos apresenta ainda versos inéditos de Hermes Fontes, contos, anedoctas, “charges” e desenhos de Belmonte e Sylvio.

O arranjo elegante dos interiores com os modelos de mobiliarios mais modernos e adequados mereceu especiaes cuidados da direcção da nova revista, que reúne todos os elementos para agrado geral. Dirige-o o escriptor theatral Sr. Antonio Guimarães.

DA “GAZETA DE NOTICIAS”

Frou-frou... — E' o titulo de mais um *magazine*, e este luxuosissimo que conta o Rio de Janeiro.

As suas paginas contem leitura interessantissima e são admiravelmente illustradas com nitidas gravuras a negro, em trichomia e em “double”. Encontramos alli uma poesia inédita de Hermes Fontes, artigos desenvolvidos sobre a arte do mobiliario; uma pagina artistica sobre Mistinguett; retratos dos mais queridos artistas cinematographicos; a arte na photographia; illustrações dos acontecimentos da semana; “charges” engraçadas de Belmonte e de Sylvio; secções de sport, de modas e de theatros; os romance Manon Lescaut, etc., etc.

O que, porém, se destaca em originalidade, é a sua artistica e luxuosa capa, que não tem rival entre as publicações brasileiras.

A direcção do brilhante mensario está entregue ao escriptor Sr. Antonio Guimarães.

DO “CORREIO PAULISTANO”

Frou-frou... é o titulo de uma lindissima revista illustrada que acaba de surgir na Capital da Republica. Não só pela sua materia literaria, como principalmente pelo esmero de sua confecção graphica, é a nova publicação uma das mais luxuosas e de maior gosto que tem apparecido no Rio. Merece especial menção o carinho com que foi feito o seu primeiro numero, que temos sobre a mesa, graças á gentileza do Sr. Antonio de Maria, estabelecido nesta capital com agencia de jornaes e revistas, á rua Boa Vista, 5-A, e que é o seu agente e representante nesta capital.

Destacam-se no primeiro numero de *Frou-frou...* que se dedica ao mundo feminino, além da capa, sobria e de gosto, lindos e nitidos clichés de arte e de festas sociaes, retratos de artistas de cinema ou espiituosas “charges” de Belmonte e Sylvio.

DA “PLATEA”. DE S. PAULO

Frou-frou... Com esse nome appareceu hoje uma nova revista mensal, editada no Rio. No seu texto, caprichosamente feito, encontra-se uma leitura variada e agradável, ocupando-se além disso dos assumptos mais importantes referentes á arte e á cinematographia. Lindos “clichés” enfeitam as suas paginas.

DO “JORNAL DO COMMERCIO”, DE S. PAULO

Temos sobre a mesa o primeiro numero de *Frou-frou...*, a magnifica, revista illustrada que acaba de sahir do Rio de Janeiro.

E' impressa em trichromia, em excellentes papel, o que se pôde dizer uma revista bem feita. Entre os collaboradores todos elles de nome, contem os Srs. Hermes Fontes, Ruben Dario (traducção), Virginia Victorino e outros.

Os “clichés” são muito nitidos e as numerosas caricaturas, são, na sua maior parte da autoria do talentoso artista Belmonte.

DA “GAZETA”. DE S. PAULO

Circulará amanhã, no Rio, o primeiro numero de um novo *magazine* de arte e mundanismo. Foi ella baptisada com o pequeno e suggestivo nome de *Frou-frou...*, que só por si lhe serve de cartão de visita, pois ella, feito moderno e de aspecto leve e atrahente irá tratar em seus minimos detalhes, dos factos da politica do mundanismo carioca, pontilhando os commentarios e as reportagens de fina ironia e encantada graça *Frou-frou...* conta com um corpo exceleente de collaboradores, do qual se destaca Belmonte, o habil e festejado artista do lapis.

DA “FOLHA DA NOITE” DE S. PAULO

Recebemos o primeiro numero de *Frou-frou...*, a luxuosa e linda revista illustrada que acaba de sahir no Rio de Janeiro.

Frou-frou... é impresso em trichromia, em excellentes papel, o que se pôde dizer uma revista bem feita. Entre os collaboradores, todos elles em nome, contam-se os Srs. Hermes Fontes, Ruben Dario (traducção), Virginia Victorino e outros.

Os “clichés” são muitos nitidos e as caricaturas, de que está cheia, são, na sua maior parte, autoria do talentoso artista Belmonte, o que equivale a dizer que são esplendidas.

DO "CORREIO DA MANHÃ"

O Rio de Janeiro conta desde hoje mais uma revista illustrada, com o titulo *Frou-frou...*

E' um mensario de grande luxo. O leitor fica desde logo bem impressionado com a originalissima capa em cartolina.

Frou-frou... contém secções variadissimas, de sport, de modas, de cinema, de ornato das casas de theatro e de mobiliario, etc.

Frou-frou... é um mensario como ha muito o Rio desejava. Elle serve sobretudo ás senhoras, pois que ellas encontrarão quanto lhes agrade acima de toda outra qualquer preocupação.

A direcção da *Frou-frou...* está entregue ao conhecido escriptor theatral Antonio Guimarães.

DO "O IMPARCIAL"

Temos sobre a mesa de trabalho o primeiro numero da revista mensal *Frou-frou...* que hoje será posta á venda em todo o paiz. E' o novo mensario um primoroso trabalho artistico que vem honrar sobrenaneira as nossas artes graphicas, apresentando-se com um luxo e um bom gosto muito para louvar.

As suas diferentes secções, todas ellas variadas e brilhantes, contém materia para satisfazer o mais exigente dos leitores.

Versos inéditos de Hermes Fontes, contos, romances, anedotas, os mais variados assumptos, tornam *Frou-frou...* um verdadeiro primor.

DO "JORNAL DO COMMERCIO"

E' o primeiro numero dessa revista mensal, dirigida pelo nosso confrade Sr. Antonio Guimarães.

A capa é uma trichromia em alto relevo, que agrada immenso á primeira vista. O texto escolhido compõe-se de notas da redacção e colaboração assignada. *Frou-frou...* traz tambem muitas photographias da actualidade e lindos desenhos.

DO "O PAIZ"

Começa a publicar-se hoje mais um mensario illustrado, no Rio, com o titulo *Frou-frou...* Recebemos o primeiro exemplar,

que nos produziu um sincero movimento de agrado, taes são a originalidade e o luxo do novo magazine.

A principiár pela capa, que é um mimo de bom gosto, *Frou-frou...* em cada uma das suas paginas tem basta materia a prender a attenção do leitor mais exigente.

Versos inéditos de Hermes Fontes; artigos sobre arte photographica, sobre mobiliario e decorações, sobre modas e cinema; *charges* espirituosas de Belmonte e Sylvio; uma pagina artistica dedicada a Mistinguett; secções de theatro, de cinema, de sport, contos, versos e a leitura mais variada e interessante de pequenos artigos, tudo isto organizados com muito gosto, delicadeza e arte.

As senhoras, sobretudo, têm em *Frou-frou...* um excellente magazine para as suas leituras favoritas. Modelos de vestidos, em nitidas gravuras, e outras secções occupam algumas das suas paginas.

A direcção literaria está entregue ao conhecido escriptor theatral, o professor Antonio Guimarães.

DA "A NOITE"

Mais um órgão da imprensa illustrada carioca apparecerá amanhã, com o nome de *Frou-frou...* E' uma publicação luxuosa, com desenhos, allegorias, paginas de literatura, informações e modas, constituindo um magazine moderno, elegante e util. Será vendido a 2\$500 o numero avulso, e o primeiro, que nos foi oferecido, está realmente bom.

DA "A RUA"

Titulo suggestivo é o deste magazine, cujo primeiro numero temos sobre a nossa mesa de trabalho.

Frou-frou... apresenta-se com um numero brilhantissimo, uma verdadeira novidade no nosso meio, em que vem encher uma lacuna entre as publicações de luxo que não são muitas entre nós.

As suas paginas encantam logo á primeira impressão, pois o seu aspecto material é dos mais bellos. A capa, em cartolina, é, além de luxuosa, de muito gosto. As diferentes secções são animadas de um grande gosto artistico, de variada materia, toda ella subordinada a um cuidadoso amor de arte.

PÓ DE ARROZ

LADY

É o melhor e não é o mais caro.

PREÇOS:

Caixa grande	2\$500
Pelo correio.	3\$200
Caixa pequena	\$500

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes Ns. 36 e 38 / RIO
e Rua Urugayana N. 44

J. Lopes & C.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes e estrangeiras.

Para dar brilho e rosar as unhas

só o "ESMALTE ORIENTAL"





O conjunto da elegancia, conforto e durabilidade,
reunem-se no modelo FLEXIVEL para creanças

Preços razoaveis, todos os tamanhos, em varias cores

CASAS *Clark*

Ouvidor, 105/107
Uruguayana, 9 e 33
Carioca, 38
Camerino, 174/176
Estacio de Sá, 60

Frou-Frou...

ANNO - I NUM. 2

MAGAZINE MENSAL

JULHO DE 1923

Propriedade de S. SANTOS & COMP.

Preço: Rio e Estados 2\$500
Numero atrasado... 3\$000
Assignatura (um anno) 36\$000



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Avenida Rio Branco n. 110
RIO DE JANEIRO
End. Tel. FROUFROU - RIO

Direcção de ANTONIO GUIMARÃES

CORRESPONDENCIA
a S. SANTOS & COMP.
Caixa Postal n. 372

NOTA DO MEZ

As grandes datas e as grandes "blagues" da Historia

Mais uma vez, em cento e trinta e quatro annos, a humanidade commemora o gesto da gente alvoroçada do Palais-Royal sobre a desprestigiada prisão — fortaleza, defendida por De Lannay. Os historiadores rethoricos e apaixonados, com Michelet á frente — os politicos romanticos e vazios, á maneira de Anlard, passaram a fazer d'este acontecimento — inicio d'uma serie de factos a que De Maistre chamou "uma obra satanica" — o tocsin agitalor da libertação humana. Exercitos de oradores; multidoes de exaltados poetas, tem considerado a tragico-comica queda da Bastilha a hora mais sagrada da Liberdade, dando-lhe a nervoa do tempo, com que se occultam aos olhos das gerações, para lhes dar glorificação e prestigio, os traços grossos da fragilidade humana.

Desde Taine, essa até então intangivel e como que sagrada revolução franceza tem apanhado muita luz para que pretenda passar ainda como um symbolo absoluto e puro de regeneração social. E' bem verdade que d'esse monturo de odio, de maldade, de sangue e de crimes, surgiu a flôr vermelha da Liberdade, como da decomposição organica podem resultar as petalas rubras d'uma rosa. Mas á luz da critica moderna os seus actores, que se preocupavam em imitar Roma, tem descido dos seus pedestals para nos causarem poucas vezes pena, as mais das vezes horror, e algumas vezes riso. Pensando, continuamente, em pousar para a historia, não são elles que provocam e guiam os acontecimentos, mas os acontecimentos que os arrastam, como n'um furacão, sem ordem, nem seriedade, ás apalpadellas, creando em cada minuto uma incoherencia, uma contradicção. Daud affirmava, face a face, a Luiz XVI que não pintará tyranos, e

tem a sêr, annos depois, o pintor entusiasta do heroe de Wagram.

A tomada da fortaleza de De Lannay, que, no dizer d'um critico moderno, foi a origem d'um dos mais notaveis phenomenos de contagio mental, não pôde ser considerado em si, mesquinho como é, um grande facto historico. Elle vale tão sómente porque marca o encerramento definitivo do regimen feudal, cuja pratica aliás, era, de ha muito, imperfeita, irregular. O recio de Luiz XVI — gesto que se repete e que o mata — foi a obediencia clara ás imposições do governo popular, que nunca mais obdiça da sua vontade tiranica. Entretanto, o povo começava a impôr-se, destruindo uma prisão onde não entrava um pária do bairro de Saint Antoine, e onde só teria a honra de ser encarcerado quem trouxesse fôros de nobreza. Perto, na sordida Bicêtre, apodreciam dezenas de populares; mas Desmoulin e a sua gente, não se lembraram senão d'essa Bastilha, que era apenas um phantasma do passado, e onde, no final da refrega, tão somente se encontraram sete prisioneiros.

E foi o povo quem destruiu a Bastilha? Não. Le Bon ensina que não é justo dizer-se que o povo tomou a Bastilha, atacou as Tulherias, ou invadiu a Convenção: mas sim que alguns agitadores reuniram bandos populares que elles lançaram sobre a Bastilha, sobre as Tulherias, ou sobre a Convenção. A queda da Bastilha não é obra do povo de Paris, mas do grupo agitador que cercava Desmoulin, trazendo nos chapéus os ramos verdes das arvores do Palais-Royal, e no meio do qual passava a sua figura comica e desgrenhada Theroigne de Mericourt, de chapéu plumado á Henrique II, de espada em punho e duas pistolas á cinta.

Mas, afinal, digase com justiça, foi esse grito de uns tantos que fez abalar o mundo inteiro.

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA

EM HESPANHA E PORTUGAL

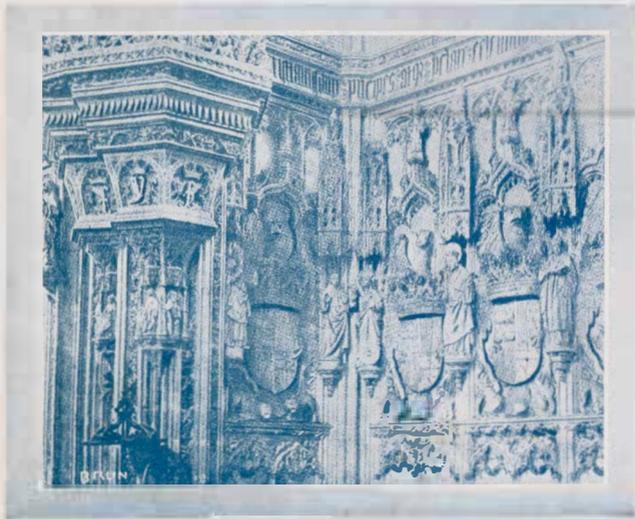
HISTORIA da Renascença na arte europeia é a de uma conquista que, antes de se tornar irresistível, teve de abrir caminho em lentas penetrações. A arte franceza, por exemplo, apesar de enfraquecida nas suas maneiras, após uma resistencia tenaz á arte italo-antiga, e quando já não pôde impedir que a onda avançasse, assimilou-a e deu-lhe fóros de nacionalista. Ainda ha poucos mezes um critico d'arte erguia, n'um aspero espirito de germanophobia, o problema, por demais debatido, da propriedade do termo *gothico* para indicar o floreamento transbordante e soberbo das cathedraes francezas. Dominado pela sua paixão, que tantos corações adoece n'essa doce e adorada terra da França, propunha que nos documentos officiaes não mais, ao fallar de Notre-Dame ou de Reims, se usassem as expressões — *arte gothica*, mas a de *arte franceza*. Este chauvinismo artistico não altera a sequencia historica dos factos, que obedecem, no evoluir dos seculos, a causas absolutamente distinctas dos preconceitos patrioticos ou regionaes.

A fecundidade espirital da vida religiosa, a magnificencia da vida principesca, tinham encontrado as suas expressões mais completas na arte franceza muito tempo antes das guerras de Italia. As proprias guerras, longe de serem para a civilização franceza o signal d'uma expansão nova, foram, com a derrota, a razão da marcha victoriosa da Renascença. Aconteceu que se caminhou, n'esta transformação artistica, por cima dos Pyreneus, como se tinha caminhado por cima dos Alpes. O *ataque* artistico fez-se até por duplo caminho, pois se pelo sul da França entrou em Hespanha e, consequentemente em toda a peninsula, por mar, por essa Lisboa formidavel do seculo XV, por essa *terra de mythas e descayradas gentes*, no dizer do chronista, ella penetrou até ao coração do povo iberico. N'esse tempo, Hespanha e



Palacio dos Duques do Infantado, em Guadalajara

lhe legara o *principe perfeito*. A unidade de Hespanha tinha sido preparada, tres seculos depois da de Portugal, pelo casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castella, e consumada com a reunião do ultimo reino mussulmano ás corôas unidas. Os monumentos que perpetuam os reinados de Fernando e Isabel e de D. Manuel o Venturoso, desde S. Thiago da Galisa até Malaga, desde o Minho até ao Algarve, são como a marca dos sellos reaes, porque raro é encontrar um so de que não tenham sido fundadores ou donatarios. Cada um d'elles apresenta os signaes e os emblemas que se encontram nas suas moedas. Os emblemas dos Reis Catholicos são symbols de união, um grupo de flechas, ligadas, que claramente indica que a união faz a força. Uma divisa acompa-



Côro da Igreja de S. Juan de los Reyes, em Toledo

Portugal pareciam ter encontrado, na exaltação d'uma subita fortuna, uma nova e epica juventude. A conquista de Granada poz termo á missão medieval de Hespanha. O que vae iniciar-se é a conquista. Os portuguezes foram, incontestavelmente, os iniciadores das aventuras maritimas. Mas as descobertas decisivas realisaram-se quasi ao mesmo tempo: Co'ombo, que D. João II despresou como um sonhador, regressa d'uma segunda viagem ás *Indias* que tomariam o nome de America, precisamente quando Vasco da Gama saía do Tejo á procura do caminho das verdadeiras Indias, dando a volta á Africa. E assim, simultaneamente, Hespanha e Portugal se engrandeciam, uma e outra, com a descoberta e conquista de metade do mundo, dividido entre os dois pela bulla de Alexandre VI.

Soberanos gloriosos deram os seus nomes, em Hespanha e Portugal, á epoca das grandes descobertas maritimas que foram, nos dois prizes, um período de ordem e prosperidade. O rei D. Manuel de Portugal, ao succeder a D. João II, de quem era primo e cunhado, recebia uma herança de indiscutível valor que



Retabulo da Cathedral de Sevilha, por Maitre Dancart

na o symbolo: *tanto monta*, isto é, tanto importa que se diga Fernando e Isabel, como Isabel e Fernando. São reis pelo mesmo direito. O emblema de D. Manuel foi a esphera armillar, cujos circulos sintetisavam a imagem geometrica do universo. As divisas que se encontravam entrelaçadas na esphera eram um jogo das palavras *sphera* e *spera*. para fallar da esperança em Deus cuja gloria envolve o homem e o mundo: *Spes mea in Deo meo*. — *Spera in Deo et fac bonitatem* — *Primus circumdediti me*. Quasi sempre sobre a esphera brilhava a cruz de Christo.

A ARTE NA HES- PANHA

Quando o poderio dos Reis Catholicos chegava ao seu apogeu, os architectos originarios da Colonia e de Bruxellas, que se tinham estabelecido em Burgos e em Toledo, preparavam a educação dos filhos que lhe succederiam no labor artistico. Na segunda metade do seculo XV, outros artistas na maioria flamengos ou allemães, atravessaram os Pyreneus. Deste modo, quando a Hespanha atingiu o seu maximo esplendor, a arte nos seus dominios, tendia a *germanisar-se*, como antes se tinha *francesado*. A arte nacional nada tinha que podesse opôr-se a esta influencia. O dominio dos mouros levára aos reinos christãos a sua fórma artistica, a arte *muçéjar*, que se impôs até mesmo nos templos das aldeias. O gothico vivia mais na região maritima da Corôa de Aragão, que directamente recebia a influencia de França: Catalunha, Valença e Baleares. Os artistas do Norte vieram então a penetrar na Hespanha, chamando a si a architectura religiosa, ao passo que a arte *muçéjar* se limitava á architectura profana. A queda de Granada não poz um ponto de suspensão na influencia artista dos mouros. Ficaram, pelo menos os convertidos, a imprimir a sua maneira como anteriormente. A *Casa de Pilatos*, em Sevilha, é posterior á queda do dominio arabe. Os palacios deixados pelos senhores berberes eram os preferidos dos reis. Fernando e Isabel habitaram por muito tempo o palacio da *Aljaferia*, perto de Saragoça. Esse palacio principesco denuncia um pomenor curioso na evolução artistica dos architectos mouros: a adaptação de certos motivos da arte gothica na sua maneira artistica. Pouco a pouco os artistas mourescos foram cedendo deante da architectura



Uma das Capellas Imperfeitas da Batalha

sanctuarios; nos tumulos e nos retabulos. Henrique La Harpe, Juan Frances, Hane de Colonia, Matheus de Hollanda, Giralte de Bruxellas, Robert de Montmorency, Rodrigo Allemão, Le Flaman, Juan Gúas e Meudo de Jaen, Gil de Siloé, são nomes illustres que encheram de belleza toda a Hespanha, em Miraflores, em Burgos, em Zamora, em Sevilha, em Toledo e em Granada.

O PROBLEMA "MANUELINO"

A obra descaravel do tempo e o cataclismo de 1755 destruíram todas as obras maravilhosas da Renascença que dentro das muralhas da antiga Lisboa deviamos encontrar hoje. Apenas as portas das igrejas da Conceição Velha e da Magdalena ficaram a dar-nos uma pallida ideia do esplendor architectural que devia ser a Lisboa seiscentista. Fóra, porém, das muralhas de D. Fernando, ficaram, ao norte e ao sul do Tejo, variados e bellos monumentos que têm o emblema symbolico da esphera, occupando o primeiro logar essa maravilha architectonica que são os Jeronymos, e a renda brincaca das Capellas Imperfeitas da Batalha. Os maiores e os mais ricos d'esses monumentos despertaram a curiosidade dos observadores pela sua estrutura complicada. Desde 1842 que essa arte *indisciplinada*, em que os portugueses affirmam reconhecer uma arte nacional, tem a designação de *manuelina* dada por Varnhagem. A critica nem sempre se harmonizou nos conceitos espendidos sobre a arte do *encordoamento*. Para Joaquim de Vasconcellos, o *manuelino* é uma arte *bastarda*, vinda das bandas de Hespanha;



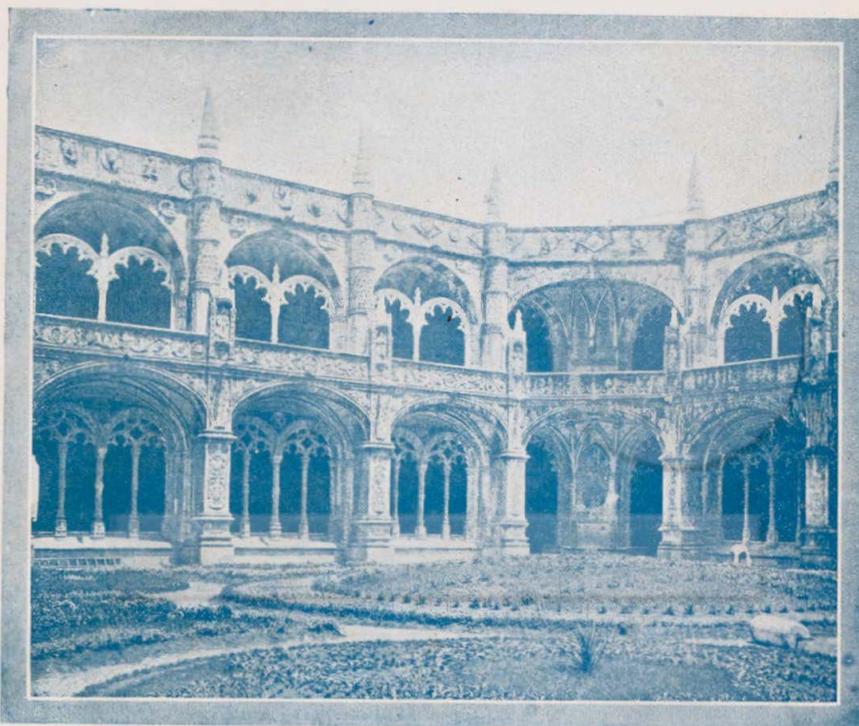
Retabulo monumental de Gil de Siloé

para Haupt, o grande critico apaixonado pela arte portugueza, é um estylo semi-colonial, que transportou para a Europa as monstruosidades da arte hindu; para Ramalho Ortigão, como para o historiador Alexandre Herculano, é uma criação do naturalismo portuguez, que dentro de pouco tempo teve de lutar e ser dominado pelo classicismo estrangeiro.

As linhas e motivos do Renascimento portuguez soffreram, como em Hespanha, com a arte *mudéjar*, a sua influencia moura ou mourisca. Cintra, a grande rosacea da Batalha, são d'isso exemplos eloquentes, como o são, por igual, as *capellas imperfeitas* da Batalha. Em Evora, onde tanto tempo permaneceu D. Manuel, a arte *mourisca* exerceu uma notavel influencia nos motivos architectonicos, formando com a arte gothica combinações que foram muito mais fecundas que as exercidas no tempo de D. João I. Os *mouriscos* do Mentejo não devem nada em belleza aos seus vizinhos de Castilla. Souberam dar uma graça, ao mesmo tempo oriental e de originalidade, por exemplo, ás janelas do palacio de Evora, cujas duplas arcadas, em ferradura, compõem variações executadas, não já em estuque, mas em marmore e granito. O motivo ordinario da dupla arcada, em ferradura, é acompanhado de columnatas em cordeame entrançado. Esse mixto de gothico e mourisco não é privativo do sul do Tejo. Sem fallar de outros monumentos de menor valia, é preciso não esquecer a Matriz de Caminha, onde os dois typos architectoraes se enlaçam: e, sobretudo, Thomar, quicá o mais perfeito dos modelos da extranha architectura do paiz dos navegadores. Os Jeronymos são a mais alta expressão do *manueli-*

no, que é o estylo do Renascimento portuguez, com o seu cunho acentuadamente nacional. E' exactamente esse caracter que dá ao Renascimento portuguez uma grande e admiravel superioridade: é que se a corrente de cultura classica do Renascimento, vindo a estender-se a todo o mundo, colheu Portugal na sua influencia, o paiz do Infante D. Henrique soube assimilar o Renascimento italiano, dando-lhe um caracter profundamente nacional. Não se amoldou, não se apagou, não se limitou ás formulas consagradas pela escola. Transformou-as ao sabôr do seu glorioso momento historico, construindo alguma cousa muita sua, muito do povo heroico da beira-atlantico. E foi assim na custodia dos Jeronymos, como nos *Lusiadas*; na janella do capitulo de Thomar, como no *Auto do Vaqueiro*, de Gil Vicente. Era a raça a tocar, em toda a sua pujança, o zenith da sua gloria, que lhe não suportaria uma sujeição servil e absoluta a formulas alheias.

As *Capellas Imperfeitas* do soberbo templo da Batalha, que constitue o symbolo da independencia politica do paiz, são, no seu floreamento, uma synthese maravilhosa do espirito historico nacional. O proprio signo que se entrelaça nos seus brincados — *Tennis serei* — e que era o lemma da vida d'esse pobre rei D. Duarte, parece reproduzir o *clan* do proprio povo, tenáz no seu amor ao engrandecimento da raça, e no apêgo apaixonado á liberdade da terra gloriosa. Raros movimentos architectonicos reproduzirão melhor a psychologia collectiva d'uma nação, como o *manuelino* traduz aancia de grandeza, de gloria e de poderio que dominou Portugal no resurgimento humano da Renascença.



O Claustro dos Jeronimos



Boston

CALÇADOS FINOS

para Homens,

Senhoras

e Creanças

PARA HOMENS

Sapatos e botas desde 21\$500

PARA SENHORAS

Luiz XV desde 25\$000

Telephone Central 6154

Rua da Carioca n. 42



BASTOS-BARRETO

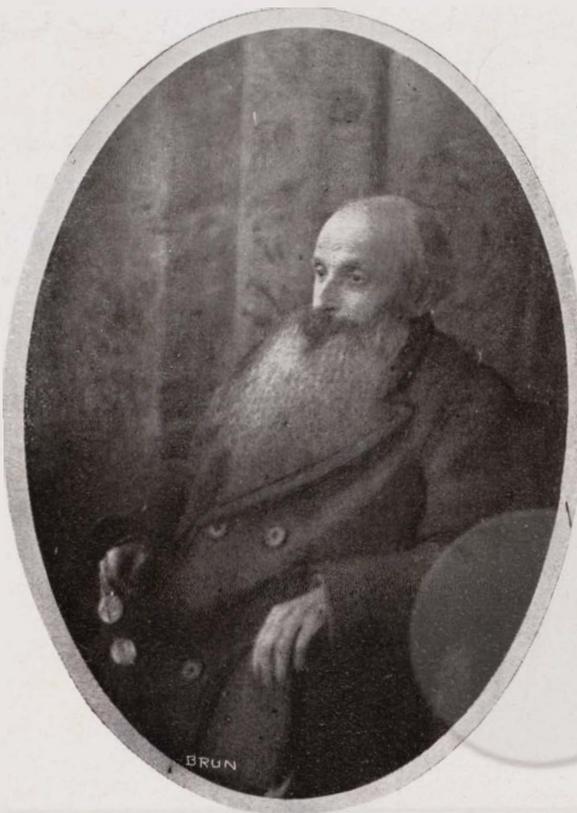
MCMXXIII

SALOME'

UM GENIO E UM SANTO

Em menos de um anno, os povos que fallam a lingua portugúesa viram desaparecer para os misterios do alem, as duas mais altas expressões do genio da Raça. Hontem Rui Barbosa; hoje Guerra Junqueiro, deixaram de viver entre os homens para entrar nos humbraes do portico da immortalidade, inicio da sua verdadeira existencia — a que resulta do influxo dos seus ensinamentos na lucta incessante do homem para a Perfeição, para o Absoluto.

Ha muitos pontos de contacto entre essas duas divinas creaturas, ambas phisicamente fronzinas, mas alem de cujos organismos parecia a vida do espirito irradiar, como a luz azulada d'um atomo de rudio atravessa o pequeno involuero que o incerra. Se um era a palavra do convertido da estrada da Damasco, potente e profundo; o outro trazia nas roupagens do seu es-



tilo e da sua allissima inspiração a grandesa misteriosa do propheta do Apocalipse.

A soberba e adoravel crea'ura que, em Lisboa, acaba de entrar na paz do tumulo, foi toda uma vida nortecida pelo ideal, em que não houve um minuto que se embaraçasse nos liames da materialidade e da indifferença. Foi o defensor intransigente da Belleza e da Verdade, tal como ao seu espirito ella se apresentara em um dado momento. Ter variantes nas suas ideias. Nos principios fundamentais da vida?... Não. Nas modalidades transitorias, nos aspectos exteriores e secundarios. Só os ignorantes ou os imbecis se cristalisam nes formulas empiricas do fanatismo seclario.

Foi um verdadeiro, um ardente evangelisador. Todos os grandes dears andavam, como rubras chanas, adiante do seu emminhar pela existencia: a gloria da Raça, a piedade pelos humildes, o castigo dos maus, a paixão pela Belleza, o amor de Deus!

"La vie est une trahison suirie", escreveu Anatole, Guerra Junqueiro passou os seus dias a combater essa traição, procurando ensinar aos homens que só a bondade e a justiça fazem a vida digna de viver-se.

Fra um genio e um santo!

CASA RAUNIER

15 % DE DESCONTO

nas Secções de Fazendas, armario, meias, chapelaria, camisaria, Roupas para senhoras, cama e mesa, tapeçarias e alfaiataria.

Tocando a campainha, quando estiver fazendo o pagamento de suas compras, nada lhe será cobrado.

170, Rua do Ouvidor, 170



A ARTE NA PHOTOGRAPHIA



Pensando n'Elle...

RECEBEU *Frou-frou...* tantos enco-
mios pelas bellissimas reproduções
de photographias artisticas que, para
d'algum modo satisfazer aos de-
sejos manifestados por muitos dos nossos
leitores, continúa a publicar hoje novos originaes
que, sem duvida, não são inferiores em belleza,
aos que demos no nosso primeiro numero. A pho-
tographia é a expansão artistica dos que não
têm o dom de traduzir pelo pincel os encantos
que a natureza, nas suas multiplas fórmas, lhes
póde offerecer.

Trabalho que não obedece hoje, como as-
sentuamos no nosso primeiro numero, tão só-
mente a um esforço material, — mas exige,
antes, certos predicados de estheta, que nem
todos usufruem, por elles se aprimora o gosto e
se desenvolvem qualidades artisticas, muito de
apreciar.

Os exemplares que temos o prazer de apre-
sentar, neste numero, são todos elles duma gran-
de belleza e, sem duvida alguma, vão produzir
aos leitores da *Frou-frou...* um enorme en-
canto, tornando o nosso *magazine* mais digno de
ser guardado, como quem guarda uma authen-
tica obra d'arte.

Não é sómente o homem de sociedade, a
quem a fortuna sorriu que, de *kodak* em punho,
procura fixar imagens para desfastio duma vida
de *blaseur*.

O homem de sciencia, o escriptor, o artista,
necesitam hoje duma pequena machina, porque
só com ella poderão ter, no momento preciso,
junto de si, o documento nitido que servirá de
base aos seus estudos ou aos seus planos artis-
ticos.

E se *Frou-frou...* não fosse ainda tão moga,
que lhe fica mal dar conselhos, pediríamos á
mocidade brasileira que, em lugar de gastar o
seu tempo e o seu dinheiro em cousas banalis-
simas, os empregasse neste intretenimento, que
dá, incontestavelmente, muito trabalho, mas não
dá menor prazer. A mocidade é um minuto ra-
pido na vida. Quando o cabellos brancos vierem,
com o seu cortejo de desilusões e o seu consolo
de saudades, algumas provas photographicas,
amarelecidas nas paginas dum album, contribui-



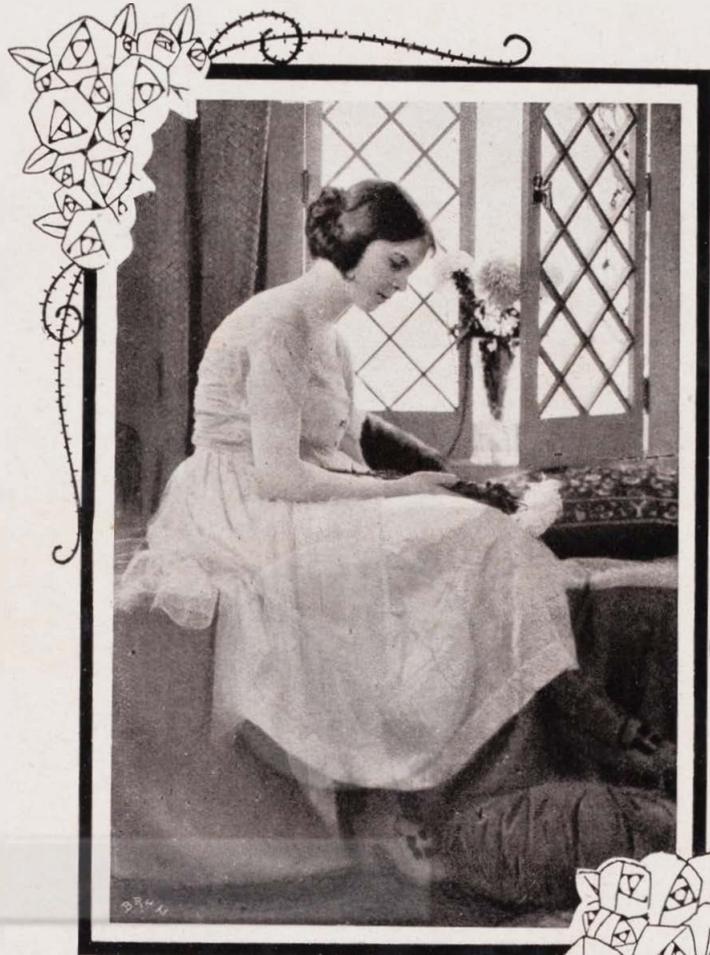
Paisagem

rão para nos conceder alguns instantes de felicidade, cousa rara nos dias que vão correndo. E' aqui um rosto fresco de alguem que nunca mais os no-sos olhos víram: é allí a recordação da figura doce e meiga daquella que, ao nosso lado, vae envelhecendo; acolá o corpito traquina e fresco na meninice desta moça, que dentro de pouco nos vae fugir para os braços do marido que a conquistou. Numa palavra: é o passado.

E o passado é quem, afinal, faz a razão da vida. O presente quasi se não vive, senão pela recordação do passado. E para que essa recordação seja vibrante, permanente, lucida, a photographia é indispensavel.

Não queremos dizer com isto que ella seja a única preocupação da nossa vida. Deus nos livre de dar tal conselho. Mas que, ao menos, ella tenha um logar identico aos dos nossos livros. Servir-lhes-ha como de complemento, porque não é demais accentuar que a photographia não constitue apenas um entretenimento, mas tambem um meio de estudo.

Se o espaço nos não faltar e especimens de valor nos chegarem ás mãos, continuaremos a publicar esta secção, na certeza de que, com isso, daremos grande prazer aos que nos procuram.



Frou-Frou

Scismando



Noite de tempestade

Este cliché é um bello trabalho do illustre amador, Snr. J. T. Villela, de Porto Ferreira, o primeiro que tivemos a honra de receber. Como os leitores da "Frou-Frou"... veem, é um trabalho primoroso.



...18 anos... mais 4 que
mamãe

(Clichés gentilmente cedidos pela "Kodak Brasileira Limitada")



Um formoso grupo de objectos da **TOMBOLA DA EXPOSIÇÃO**, que será realizada logo após o grande sorteio de 500 contos dos **BONUS DA INDEPENDENCIA**.



AMOR... AMOR...

— Consola-te rapaz... Minha filha não te quer para marido... mas ha tantas moças bonitas por ahi...

— E'... mas... com quinhentos contos de dote... ha poucas...

Poesias

inéditas



Voz da Solidão

*Eu illuminarei teu ser corrupto.
Serás, interrogando lousa e lousa,
Que ha uma voz na mudez de cada cousa,
E que o eterno estremece no minuto!*

*Tem pensar... Tem sofrer... E' teu tributo.
Serás, em mim, o que interprende e o que ousa.
Busca-te na verdade em que repousa
Meu todo de infinito e de absoluto.*

*Por entre o torvelim do mundo insano,
Ouve o silencio em que te falo e ensino
A comprehender o bem que traz o damno.*

*Sé teu deus! Sem clamor ou desatino,
Grava, em belleza, com teu pulso humano,
As tabuas de Moysés de teu destino!*

Rosalina Coelho Lisboa

Aguarélas



de, dentro do modesto salão do velho coronel João de Castro, pelo cercro de D. Pedro não passavam, nem de leve, lembranças da malfadada política que o trouxera, rumo a S. Paulo, n'uma correia aspera, a metter nos eixos os revolucionarios do feudo andradino, dando uma reprimenda matereada a um, recusando a mão a outro, pondo-os, a todos, em debandada, n'um decreto brusco de estilo e conciso de termos.

Ao crepitar das velas, que dentro das tulipas de vidro, iam amortecendo lentamente, no esquecimento das horas que passaram rapidas, o principe, alheiado de tudo, até mesmo talvez das conveniencias mais banaes, andava, como borboleta tonta, em redor do fogo que ardia nos olhos escuros e doces de "sinhá" Domitila a mais moça das filhas que o velho militar açoriano agasalhara, modestamente, sob o seu tecto. E era de vê-lo, com o seu ardor impetuoso, impondo a nobreza da sua estirpe, paru entontecer a deusa; e os seus dotes de artista, para lhe prender a sympathia. Ao cravo, a sua voz potente cantaria uma ória de Marcos Portugal, ou um lundun do padre Mauricio, com aquella arte com que Nenkonn lhe apurára o gosto musical, tradicionalmente bragantino. Os pesados e persistentes conselhos do velho Andradá; as reprimendas atrevidas dos constituintes das Necessidades, de Lisboa; a falta, cada vez mais crucial, de recursos no erario publico; a propria figura, masculina mas carinhosa, da princesa; onde estaria tudo isso n'aquella hora, em que os seus vinte e quatro annos sentiam o primeiro embate d'uma intensa paixão, que, como nenhuma outra, o haveria de fazer soffrer?

Mais do que as palavras, os olhares diriam promessas, traçariam as linhas do destino d'aquelle principe varonil e ousado e d'aquella tímida provinciana, mal convalescente d'uma tragedia, em que o ciúme e a brutalidade d'um marido tinham manchado de sangue e de vergonha a sua mocidade.

O velho coronel Castro, os filhos, a creadagem, todos enfim, rejubilavam na honra, sobremaneira cvaidecedora, d'aquella visita principesca. Ella, porém, que tinha do amor a presciencia instinctiva da mulher de vinte annos, comprehendia que todo aquelle alvoroçar do moço principe, todo aquelle doudejar em graças e facecias, eram para ella, para o amor que lhe cantava nos labios sensuaes e lhe agitava o seio tumido.

As horas d'aquelle serão passaram rapidas para D. Pedro, que as queria eternas. Ao despedir-se, noite alta, escudando-se na ampla capa do frio cortante da serra, o principe não tinha no cerebro outra lembrança que não fosse a da imagem da caçula do coronel Castro, a alimentar-lhe mil loucas phantasias. Se em alguma cousa a imagem linda entrasse nas suas agitadas cogitações politicas, essa seria a de se prender ainda mais á terra que elle ia libertar para nunca perder os seus olhos a luz d'aquelles que lhe encieram, no serão do coronel Castro, o pei'o de desejos.

...O primeiro serão e cavaqueira n'essa casa honesta... entre o moço bragança e a familia do veterano, produziram as mais remotas e as mais graves consequencias...

Alberto Rangel

Sobre a casta do velho servidor cultiu o silencio do recolhimento. No seu leito, "sinhá" Domitila sonharia com historias de fadas, em que ha principes encantados, e risos e perfumes.

II

Tarde florida de prenuncios de primavera. Andam no ar susurros dormentes de cigarras. Vae o sol em declinio, espalhando a sua cauda de ouro sobre as campinas verdes. Na estrada, os braços carinhosos d'uma figueira brava, a "arvore das lagrimas", estendem a sua sombra amiga. Ha uma doce serenidade na natureza, aquella ingrante quietude que faz, na terra virgem da America, um laço traiçoeiro para as almas.

Na curva da estrada, manchando d'uma nota, estranha a natureza agreste, dois negros possantes e bizzarramente vestidos suspendem uma cadeirinha, rosa e ouro, dentro da qual "sinhá" Domitila parece scismar. Os seus olhos negros, onde cantam desejos, atentam com indifferença no valle e na serra, entre os quaes se aninharam os seus sonhos e se lhe tingiu de sangue a vida. Outros sonhos maiores, parecendo trazer nas suas roupagens o encanto misterioso das lendas orientacs, enchem-lhe o coração e o cerebro, n'um alheado da vida rotineira e brusca da pequena cidade colonial. Sonha; evidentemente sonha, porque é só de sonho aquelle olhar vago e perdido, em que não é difficil descobrir uma furtiva lagrima, que se não sabe se é desespero, se de médo.

Passados instantes, descendo do Cubatão, um tropel de cavallos desperta aquelle silencio. "Sinhá" Domitila tirou, pela janella da cadeirinha, a sua cabeça curiosa. Na bocca crincou-lhe um sorriso de alegria. Os cavalleiros, no meio da poeirada que o sol poente polvilhava de ouro, continuavam cavalgando os ginetes, na empafia dos seus fardamentos vistosos, dos penachos esvoaçantes dos capacetes, no tilintar das espadas. E os dois foram-se aproximando: a cadeirinha, com a sua senhora, levada pelos dois negros offegantes; o grupo vistoso dos cavalleiros, a quem D. Pedro tomara a dianteira.

Subito os cavalleiros estacaram. O principe rasgou o espaço, n'um largo gesto, com o seu bicorneo negro, para a linda boneca que lhe sorria de dentro da cadeirinha. E desceu. Junto da janella do delicado brinco de ouro e rosa, Sua Alteza dizia á sua dona qualquer cousa que a fazia abrir a bocca vermelha n'um louco e largo riso. E assim ficaram tempos esquecidos, deante dos dois negros boquiabertos e do piquete da Guarda de Honra, cujos officiaes sorriam maliciosamente.

E veio ao principe, n'esse momento, o desejo vulgar de alardear forças, de se impór pelos seus musculos. Pegou dos varaes trazciros da cadeirinha e ergueu-a, como quem levanta uma terra franca. E "sinhá" Domitila rindo entre estonteada e medrosa, ia dizendo com malicia:

— Com V. Alteza é forte! Como V. Alteza é forte!

Seguido pela Guarda, o principe ia conduzindo com uma corajosa repulsa das convenções e dos direitos das hierarchias, ajudado por um dos escravos, a cadeirinha fragil, em que aquella pequena, que o trazia tonto, gargalhava contente. Depois veio ao principe um mais bizarro desejo. Mandou desmontar dois officiaes do seu sequito e pôl-os dos varaes da cadeirinha. "Sinhá" Domitila protestou: "Que não! que não!" Mas o principe insistiu, e dois guapos moços, vestindo as fardas brilhantes da historica Guarda de Honra, pegaram dos varaes, e entre sorrisos foram conduzindo, estrada abaixo, seguidos do sequito, aquella que seria, mais tarde, a dominadora suprema do coração do seu principe e senhor.

A par da cadeirinha graciosa, D. Pedro ia conversando, indifferente ao grotesco da sua attitude, fazendo abrir-se aquella bocca, onde se aninhava o mel dos beijos que elle buscava, em continuas e estridentes gargalhadas.

— Nunca mais V. Ex.^a terá negrinhos como es'es! chataceava inconvenientemente D. Pedro.

Era ao cair da tarde. A casaria da cidade começava a apparecer. A scena que denunciava a que impetos de paixão aquelle azougado coração de mulher levaria um dia o principe, desfez-se. Escria levar longe de mais a audacia, ousando atravessar a velha e austera S. Paulo, com aquelle entremez pastoril, em que um principe punha ao serviço dos caprichos do seu coração braços vigorosos talhados para defender a Patria.

III

Nas ruas estreitas e mal calçadas da velha cidade, cuja origem tocava os primeiros encontros da civilização com a terra livre do Noro Mundo, a agitação politica punha um certo alvoroço a quebrar-lhe a pacatez tradicional. Mas quando a noite cahia sobre o velho e escuro burgo, a escassa illuminação dos nichos e largos dava aquellas ruas tortuosas a misteriosa tonalidade d'uma lendaria cidade medieval, onde raro um ruido quebrava a tranquillidade monotona. De quando em quando, a lã cobria com o seu manto de luz a cidade adormecida. O som maguado d'uma voz atravessava, por instantes, aquelle silencio de morte. E nada mais.

Mas desde que o principe chegára a S. Paulo, a velha cidade colonial andava n'uma agitação permanente. Começavam a viver-se as grandes minutos da historia, e o povo, por certo o mais cioso da sua emancipação, adivinhava a hora gloriosa da liberdade. D. Pedro, por seu natural communicativo e sincero, deixava, com prazer, que o incenso dos adoladores subisse até ao seu coração, era o libertador. Mais: era o idolo! Por isso os dias se passavam em festas, em promessas, em esperanças.

Aconteceu, porém, que uma noite, em que não havia nem estrellas nem luar, o principe se encurralou no velho casarão que lhe servia de palacio, não querendo, junto de si, nem aulicos nem amigos. A deshoras do palacio parecia uma casa abandonada. Apenas ao seu largo porção uma sentinella passava, somnolenta e aborrecida. De quando em quando, o tenente Cardim commandante da guarda, vigiava que o serviço se encontrasse aturado e seguro, tanto mais que a perturbação politica da cidade dava alma a boatos terroristas, que punham em perigo a vida do principe.

O tenente levava ao maximo rigor a sua missão de responsavel pela vida de Sua Alteza. Perto do palacio não parava um ruido, nem se permitia que alli entrasse quem quer que fosse. Foi, por isso, grande a sua surpresa, quando viu dirigir-se para alli, uma leve cadeirinha, conduzida a pulso por dois escravos. O minusculo e gracioso estojo tomou a direcção d'uma pequena porta particular do paço e de dentro d'elle surgiu, como que assustada, toda envolta na manilha de filó, a delicada figura de "sinhô" Domitila, a filha, mais moça do velho coronel Castro. A pequena porta abriu-se como por encanto e o vulto nella desapareceu rapidamente. Sobre o palacio sahiu de novo o silencio. Não se ouvia um sussurro.

Lá dentro, porém, escrevia-se o primeiro capitulo d'um grande drama de amor, que encheria, por alguns annos, de preocupações a vida brasileira. Drama de amor, que teve, por vezes, os tons berrantes de comedia, mas que soube agitar, n'uma vertigem louca, todo o turbilhão das ambições, dos odios, das vinganças, até de crimes. Aquella linda mulher que, a tacs horas e por tal modo, se ia entregar, vencida, nos braços fortes d'um principe moço e gentil, subia o primeiro degrau do seu throno de amor, no alto do qual mul pedras a attingiriam, fazendo-lhe sangrar o coração.

Tumultuar-lhe-iam na cabeça, aquel-

la hora, as descjos vulgares de riquezas e poderio? Não é crevel, o que ella amava, o que a venciu, não eram ambições, nem honras; mas o amor. — o amor sensual, se querem — mas o amor do seu coração, que não conhecera ainda a felicidade de ser amada. Nem ella, a pobre provinciana estonteada; nem elle, o principe, que era, antes de tudo, um homem, pensavam n'aquelle minuto de ventura em outra cousa que não fosse o seu amor, a agitação febril que os atirava loucamente nos braços um do outro, sem pensar nas consequencias, nem na situação social que os prendia, mórmente a elle, no pelourinho torturante em que a hipocrisia dos homens costuma fustigar as creaturas que fogem, pelas imposições da natureza, á grillheta da moral convencional.

"Sinhô" Domitila começava, desde essa hora, a seu alolada e apedrejada. E não se sabe, ao vel-a findar n'uma nobilissima rethorica, se foram, através a dramatica senda da sua vida, mais as flores do que as dores, mais os beijos do que as pedradas. Por debaixo do forçamento da sua corôa de marquezã gotejava o sangue de mil soffrimentos, sobrelevando a todos o que lhe vinha do seu amor de mãe.

IV

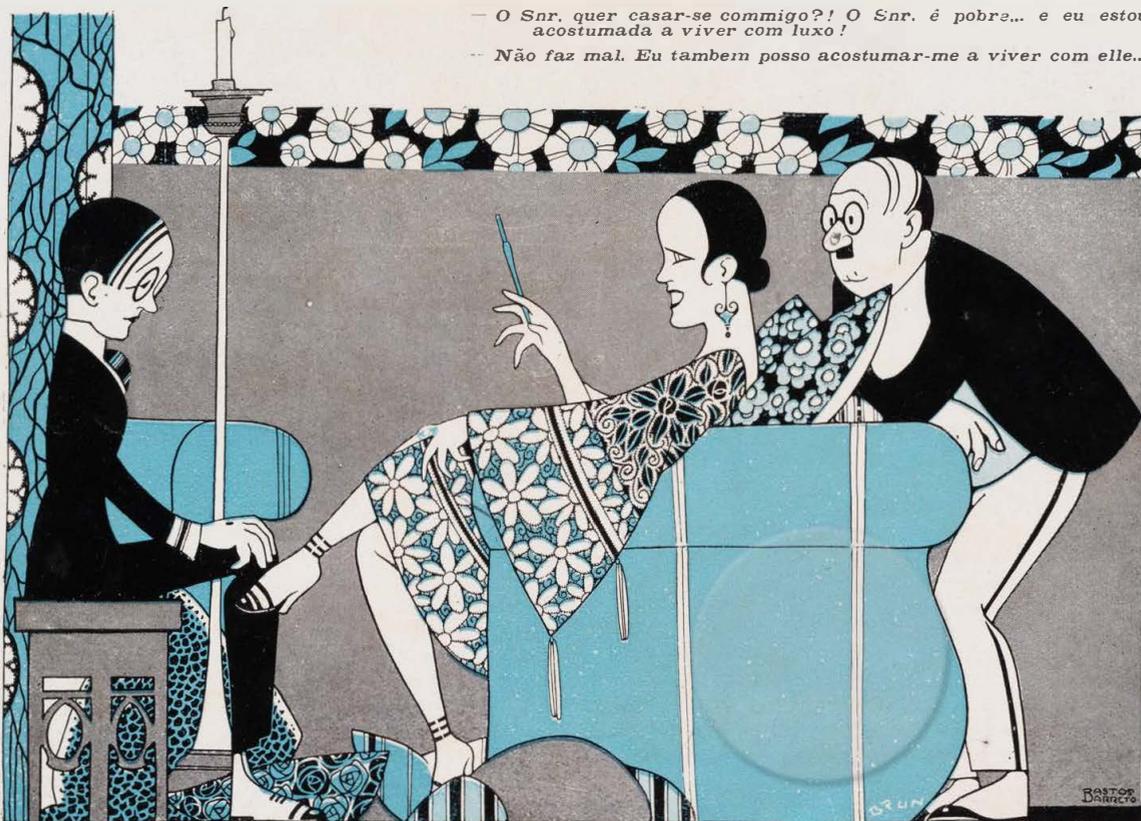
Brilha o salão sumptuoso com mil luzes. Ha batinas roxas, circumspectas e graves; ha fardões de ministros, em que tremulam as pedras preciosas dos crachás; ha fardas militares de bellicas tradições; ha todo um mundo que se curva, que adula, que se agita, que procura, áridamente, o melhor logar junto dos ouvidos de "sinhô" Domitila, que traz sobre o seu nome, agora, a corôa floreada d'um marquezado. E era de vêr como aquelle formigar de gentes cereara, em contumelias, a modesta provinciana paulista de ha sete annos, trazendo, escondidos na algibeira, os memoriaes. E os risos, e as graças, e os pro'ostos de amizade procuravam ser, qual d'elles, o mais caloroso, o mais tingido de sinceridade.

E' que a linha ascensional d'aquelle drama de amor tocara o seu maximo de grandeza; e, para que não lhe faltasse a benção de Deus, castigando a crueldade dos homens, os filhos vieram sanctificá-lo! E porque quem mandava era não já só o amante, mas o pae tambem, aquelle salão sumptuoso, de mil luzes, viria atufado de mundo, onde se encontrava de tudo: o politico renal e traicociro; o padre melifluo e hypocrita; a mulher irrejosa e perversa. As palavras que atulam trazem em si o veneno mortifero da inveja, boccos que beijam porque não podem morder! E a intriga teve e reteve a teia da peçonhia, enredando-a nas conveniencias politicas e no desamor, por fastio, do imperial amante.

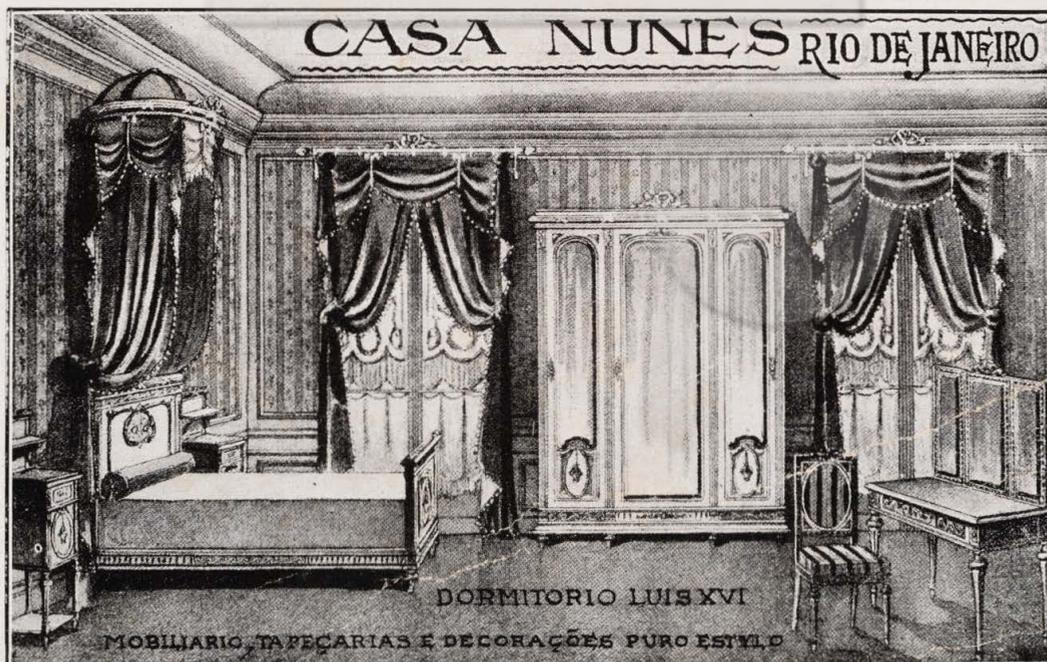
Como vai mudado o principe galanteador dos dias de S. Paulo! Todo elle são as preocupações da sua situação domestica; as necessidades do Estado; a politica; os inimigos. As suas palavras não trazem mais o calor, a vehemencia, o colorido sensual de outros tempos. Apparecem agora conselhos banaes, mal escondendo a traça da indifferença, que os aulicos instigam. E "sinhô" Domitila, revivendo na memoria os dias primeiros da queda amorosa, diz-lhe talvez para o seu coração que o d'enganho não valeria o prazer do passado.

Onde estão as Latinas, os fardões e as fardas de outro tempo?... Onde estão os thuriferarios de ha poucos mezes, os incensadores incansaveis e mesureiros?... No paço e nos salões, arrastando pela rua da amargura a mulher para a qual não encontravam na sua bocca elogio sufficientemente justo e modestamente foi esconder-se á sombra d'aquella serra, onde o seu romance d'amor principiara.





- O Snr. quer casar-se commigo?! O Snr. é pobre... e eu estou acostumada a viver com luxo!
 -- Não faz mal. Eu tambem posso acostumar-me a viver com elle...



TAPETES FINOS - TECIDOS - CRETONES - CORTINAS - STORES - ETC.
 VISITE AS NOSSAS EXPOSIÇÕES

CASA NUNES

65, Rua da Carioca, 67



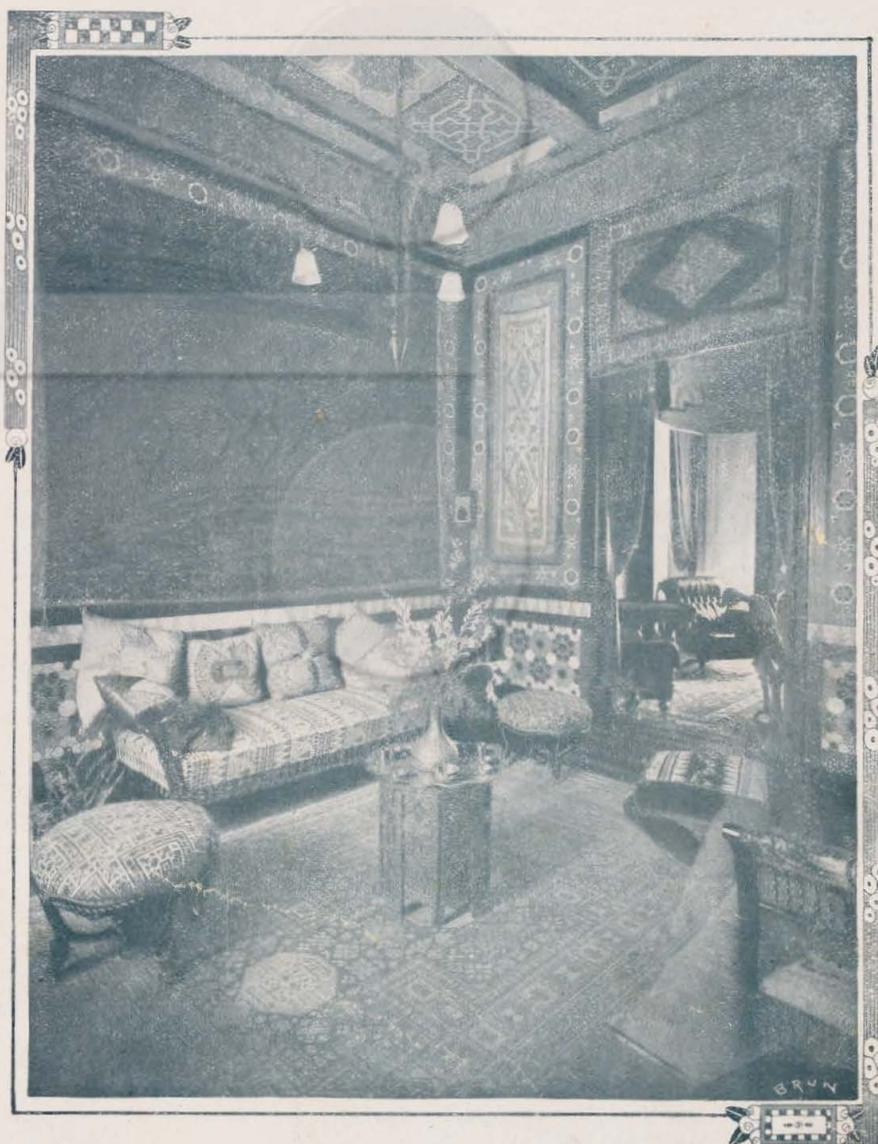
Mobiliário e decorações

Sophás - leitos

O imperio romano ressuscitado pela America

Vem-nos d'essa nação — phantasia que é a America do Norte, a modi "original" — se bem que de original tenha pouco — dos sophás-leitos, como ultimo modelo da elegancia feminina. Nada de lençós, nada de rendas, nada de finos pannos da Bretanha. O sophá simples, amplo e commodo, e sobre elle uma pesada pelle de urso, ou de leão mesmo. Indifferente. E', segundo a ultima palavra da excentricidade americana, o leito ideal. Na realidade, não nos traz nada de novo. Já pela idade aurea de Roma faustosa se usou a mesma cousa, e sempre o mesmo processo se adoptou nas epochas de requintada sensualidade. Entre os povos fortes de querer, como pretendem ser os americanos, o leito não tinha o conforto dos nossas amplas camas, mas não subia (ou descia?) a esta moleza doentia de tecidos de velludo ou seda para decaenso. Havia, realmente, pelles, sobretudo pelles de urso; mas o que estava por debaixo era a lasea fria e dura, ou a tabua aspera e de quebrar osso. Mas os homens que se deitavam n'esses leitos brandiam espadas que pesavam kilos, e eram fortes de corpo e alma.

Nada como o leito para orientar a vida. Cavalheiro que aprecie camas fôfas e sedas acriciantes, é fraco de nervos. O mais que elle pôde fazer é passear na Avenida. Dizem que Napoleão dormia muito. Mas mais de cincoenta por cento das horas dormidas foram sob a tenda de campanha, e lá, com certeza, não havia sophás de dozes molas.



Canto de sala Mourisca com tapeçarias no estilo

(Leandro Martins & C. — Rio)

Deste modo, teremos de considerar a cousa pelo lado pratico e pelo lado hygienico, e até mesmo, talvez, pelo lado moral. Neste ultimo "capitulo" é melhor, comtudo, não tocar. Deixemos a moral em descargo, porque no leito, quando se dorme, pois que para isso o crearam, a moral não tem que intervir.

Quanto ao lado pratico, não ha por que negar que um leito de tamanha simplicidade é o ideal, sobretudo para quem não é millionario e... vive só. Podemos até chegar á perfeição de occuparmos para tudo um unico aposento, do mesmo modo que uma ave occupa uma gaiola. Poderemos chegar tambem, por este processo, a resolver o altissimo e profundo problema das habitações e a livrar-nos da massadonia de ler columnas e columnas nos jornaes, repisando a mesma bordoadada nos senhorios. O leito sophá, seria, de dia, um authentico movel de salão. As refeições far-se-hiam na mesma sala, frugalmente. "E a cosinha?"

Oh! diabo!... A cosinha tinha-nos esquecido... Bem. Fica atraz dum pequeno biombo. Um fogareiro electrico talvez salve o problema?... Não!... não!... O melhor é o leitor ou a leitora irem almoçar e jantar ao *restaurant*. E' mais commodo e não estraga a esthetica.

Ficamos, pois, em que pelo lado pratico, a cama-sophá é o ideal. Economisam-se lençoes, fronhas, almofadões e,

talvez mesmo, creados. Não é preciso fazer a cama. Ella está sempre feita. Um panno de mesa, uma coleha de seda, qual-quer cousa enfim, bastará para nos reguardar o corpo das impertinencias do frio. Venceu, pois, o leito-sophá pelo lado pratico.

Vamos a ver agora a hygiene. Aqui pega o carro. As condições em que, através os seculos, o leito se tem modificado, na sua organização, ou melhor nos diversos elementos de que se compõem, são uma conquista da hygiene. Primitivamente, havia um uso excessivo de pelles de animaes. Depois, em evolução lenta, o leito foi-se adaptando melhor ás necessidades hygienicas, de modo que as qualidades dos tecidos empregados e as fórmias do leito contribuíram em muito para beneficiar a saúde do corpo humano. Não foi arbitrariamente que a tradição nos impoz o uso dos lençoes de linho. A sua influencia na hygiene do corpo é enorme. O beneficio que á saúde traz o arejamento das roupas do leito constitue uma das condições essenciaes da sua organização, tal como a temos recebido do passado e naturalmente continuará pelo futuro, apezar de todas as imitações americanas. O corpo, durante as horas de repouso, tem uma vida, em alguns pontos de vista, differente da que leva quando perambula pelas ruas ou se entrega ao trabalho. As roupas, como a disposição do leito, são condições essenciaes para o goso duma saúde que todos ambicionamos.



Remington

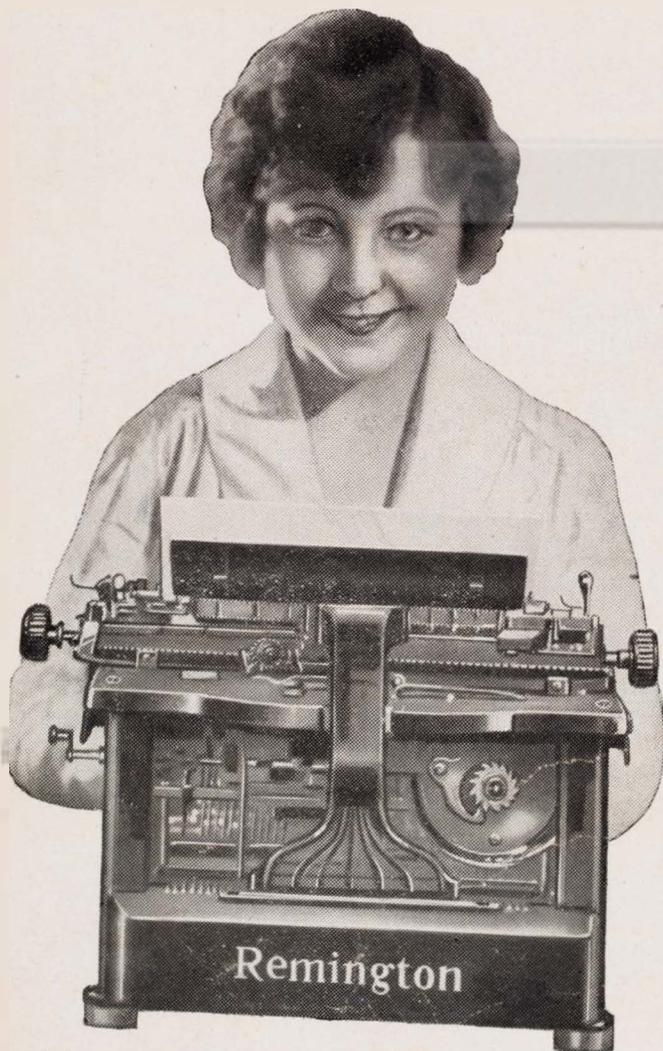
“A FUNDADORA DA INDUSTRIA”

O SEU UL-
TIMO MODELO
CONSTITUE O MAIS
MODERNO E ASSIGNALA-
DO ADIANTAMENTO NO PRO-
GRESSIVO DESENVOLVIMEN-
TO DAS MACHINAS DE ESCREVER.
VENDEMOL-AS GARANTIDAS DE PER-
FEITO FUNCIONAMENTO E FACILITA-
MOS O PAGAMENTO POR MENSALIDADES.

“CASA PRATT”

Filiacs e Agencias em todos os Estados

R. Ouvidor, 125 -- Rio de Janeiro



Jóias da Literatura Brasileira



AO LUAR

DE VERONA



Desceu da escada o marmore polido,
Porque, enfim, minha voz ouviu, a medo,
Chamando-a, como passaro perdido,
Chama a outro da sombra do arvoredo.

Da lua o claro disco humedecido
Empinava no céo. Calado e quedo
Estava todo o jardim, sómente ouvido
Se fazia das auras o segredo.

Veio. Assustada, pallida, distante,
Olhou-me e estremeceu, talvez no instante
Em que eu tambem, de longe, estremezia.

Ah! si um canto entre as ramas que oscillaram
Então se ouviu, não foi a cotovia...
Foram dois corações que se apertaram.

Alberto Oliveira.

ESCALADA IN...

de Charles...



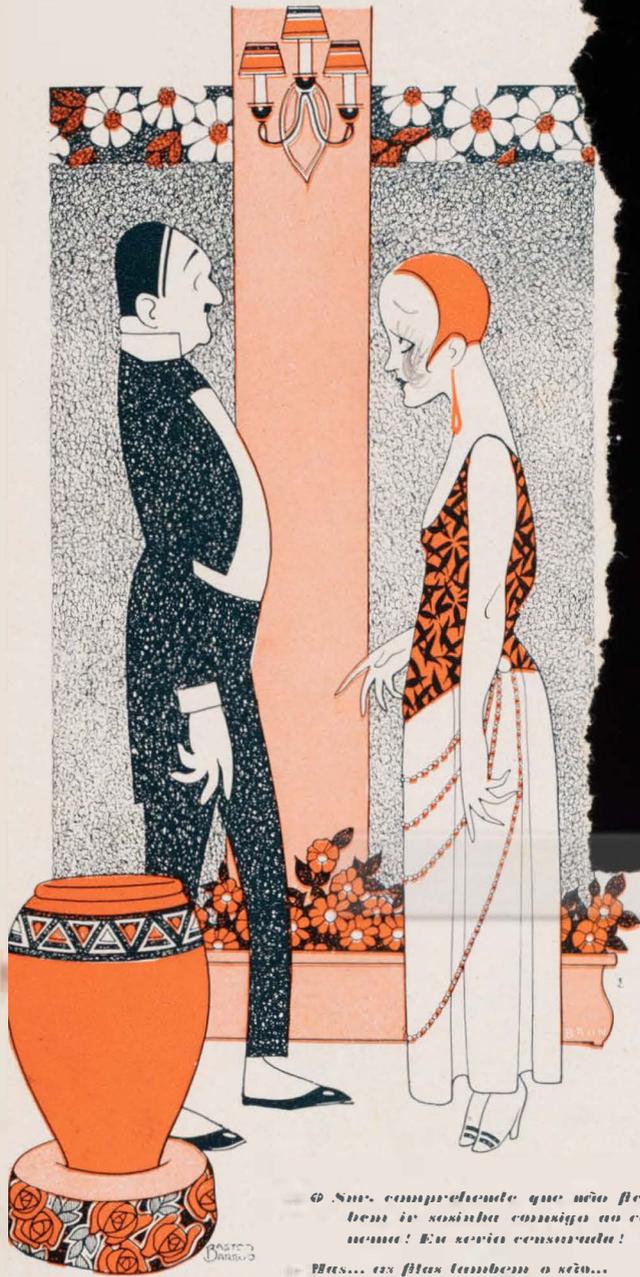
BIBLIOTHECA

*Trabalho do architecto
americano*

Charles A. Platt



FROU-FROU...



« Sim, compreendo que não fica bem ir sozinho consigo ao cinema! Eu seria censurada!

« Mas... as fitas também o são... »

Frei Thomaz vae imitando, na ficção e na doutrina.

Qu' luro coração, que animo fero
Te poderá ouvir, que não se abrande!
Eu já, dês que te ouvi, só isso quero.

O soberbo, em seus mantos se desmande;
Descubra o cubigoso novas minas,
Ca la um, a seu gosto, viva e ande.

E' esta por ventura, a lei que ensinas?
Não mostras tu ser bulo, só vaidade
Fôra do amor do céu em que te afinas?

Bem prégas a ver-lale da verdade,
Bem ver-lales guardes quanto prégas,
Se olhas sempre em Deus, sempre á vontade.

Frei Thomaz de Sousa deixou manuscriptos uns commentarios latinos dos prophetas Joel e Oseas.
Extinguiu-se, não se sabe quando, na obscuridade da sua cella de religioso, e na humildade do seu habito de simples dominicano.



CASA ABRUNHOSA

CALÇADOS FINOS

ORIGINALIDADE • ARTE • BOM GOSTO

Telephone Central 1176

101 - RUA DA ASSEMBLÉA - 103

Croquis de sapato em camurça, sua ultima criação para inverno

Um noivo... em calças pardas

O dr. Prospero Fortuna estava noivo, desgraça ou felicidade (o leitor escolha) que acontece a muito boa gente. Estava noivo, com a agravante de possuir uma noiva que era um encanto. Dizemos "agravante", porque o outro já dizia que era um perigo ter mulher bonita. A par de ser um encanto, a noiva do dr. Prospero Fortuna era também um bocadinho exigente. E se o leitor já foi ou é noivo, deve conhecer perfeitamente os calafrios que dá uma noiva quando... suplica.

Ora a noiva do dr. Prospero Fortuna tinha visto em uma vitrine da Avenida uma jarra japoneza, que era a maravilha das maravilhas. Vê-la e deseja-la foi obra d'um momento. A' noite, quando o dr. Prospero Fortuna contava, em presença da família da sua futura mulher, a sua decima anedocta, que, por signal, não tinha graça nenhuma, a pequena disparou o pedido: "Que linda jarra! Compra Prospero. Vae ser uma belleza no nosso salão de visitas!" E o dr. Prospero Fortuna prometteu logo comprar a jarra.

No dia seguinte, bem cedo, o nosso dr. Prospero estava em frente da vitrine a admirar a joia. Quando bateu com os olhos no cartão que marcava o preço, quasi ia tendo um desmaio. Oitocentos mil réis! Mas onde diabo ia elle arranjar aquelles oitocentos mil réis, no meio do mez, com o pagamento da repartição ainda tão longe? Foi uma noite de insomnias. No dia seguinte, ao chegar a casa da noiva veio logo a pergunta: "A jarra?" Que não tinha tido tempo de passar na Avenida. Muito trabalho. E assim foi engendrando hoje uma desculpa, amanhã outra, enquanto ia procurando o dinheiro, pedindo aqui, pedindo acolá. A cousa já estava mesmo complicada, porque elle não sabia mais o que dizer, quando uma manhã, ao passar em frente á terrível vitrine onde ia admirar aquelle objecto da mais atroz complicação da sua vida, viu que a jarra já não estava. Teria sido vendida?! Que azar! Entrou no estabelecimento e custou a ser attendido, porque ia lá dentro um barulho dos demonios entre o patrão e um caixeiro, e precisamente por causa da fatídica jarra que o caixeiro tinha partido.

O dr. Prospero Fortuna, ao surgir-lhe uma ideia luminosa, disse ao dono do estabelecimento:

— Meu caro sr. Eu compro-lhe os cacos d'essa jarra.

— Ora não me aborrece, respondeu o "delicado" commerciante.

— Estou fallando serio. Compro-lhe os cacos. Dou-lhe cincoenta mil réis por elles.

Dentro de poucos minutos o negocio estava fechado, mas o dr. Prospero Fortuna impoz a condição de que os cacos seriam mettidos, em meio de palha, n'um caixote pregado. O commerciante, recebendo contente os cincoenta mil réis, prometteu cumprir o desejo do freguez.

Contentissimo, o nosso complicado noivo correu a um posto de "rapidos" na Galeria Cruzeiro e combinou, com um daquelles experts "guris", mediante uma esportula de cinco mil réis, comuzir os cacos á casa da sua noiva, ás 8 horas da noite, tendo o cuidado de tropeçar na escada e deixar cair o caixote, fugindo em seguida. Ficou também combinado que o "guri" n'essa occasião teria de levar um cascudo. Deste modo a noiva ficaria convencida que a jarra se partira no tombo.

Oito horas da noite. O dr. Prospero Fortuna participára que a famosa jarra ia chegar. Não se fallava de outra cousa. A noiva

JANTAR DO CASAMENTO

Garantimos a authecidade do caso.

Houve recentemente, nos suburbios do Rio, um casamento á antiga, com grade jantar a todos os convidados. A' sobrezeza, começaram os brindes, e o noivo viu-se obrigado a agradecer o primeiro, apesar de ter préviamente pedido que o dispensassem de tal.

Vermelho até ás raizes do cabelo, não teve remedio senão levantar-se. O seu intento era explicar, que não estava preparado para fazer um discurso; mas, infelizmente, poz a mão sobre o hombro da noiva, sentada ao seu lado, e, olhando para ella, resolveu-se a começar; o que fez nas seguintes palavras:

"Isto foi... uma obrigação... que me impuzeram..."

O resto não foi possível: ninguém ouviu-o, porque as manifestações de alegria de todos os commensaes explodiram em intermináveis gargalhadas.

A desigualdade da educação

(De Eduardo Laboulaye)

"Entre os homens não ha senão uma differença: a da educação. Uns partem, munidos de todas as ferramentas necessarias pelos cuidados de seus paes; outros mettem-se ao caminho sem nenhuma especie de recursos. E' preciso fazer desaparecer esta desigualdade. Hoje, cada qual tem necessidade de marcar o seu logar ao sol; mas para que cada um possa conquistar esse logar é necessario facilitar-lhe os meios. Tal é a primeira razão, que milita a favor da educação dada a todos os cidadãos".

estava radiante e... muito mais meiga. De repente, um toque de campainha. E' o "rapido". Era effectivamente. O pequeno, cumprindo á risca o combinado, a meio da escada tropeçou e o caixote veio rolando até ao portão. Um grito de horror ecoou.

Partiu-a, com certeza! exclamou o dr. Prospero Fortuna. E um cascudo forte fez rolar até fóra do portão o "guri" lestrado.

O dr. Prospero Fortuna ergueu o caixote e trouxe-o até á sala, não cessando de dizer:

— O patife partiu a jarra com certeza!

— Abra! abra!

E o dr. Prospero Fortuna entrou a abrir o caixote, dizendo muito nervoso:

— Está partida! está partida!

O caixote está aberto. As mãos da noiva chorosa revolveu as palhas. Dentro estavam os cacos da jarra... todos cuidadosamente embrulhados em papel de seda!

O dr. Prospero Fortuna deu um pulo para o chapeu e voou pela escada abaixo. Ainda hoje se não sabe por onde elle anda.



SALA DE JANTAR

em estylo Renaissance.

toda esculpturada

em imbua patinada.

(Leandro Martins & C.)

— RIO —





CONTO
DO
MEZ
CONTO DE AMOR

(De Paul Marguerite)

A ARVORE DE OURO

Em um paiz louro, verde e azul — côr dos trigos, dos bosques e do mar — reinava um imperador. Sabio, bonissimo e tão velho, que os homens nascidos no dia em que elle viera ao mundo já dormiam todos no cemiterio, só em raras cerimoniaes apparecia ao seu povo, ostentando com altivez o diadema, a tunica de ouro e o sceptro. Nos outros dias vivia occulto e pensativo no seu palacio.

Estranha habitação! No parque não havia mais do que aguas verdes, estatuas manchadas, ervas daninhas, arvores mortas: corvos vojavam por alli, todo o dia, com as suas azas sombrias; e, durante a noite, ouvia-se apenas o cochar melancolico dos sapos. Nos caminhos as ervas selvagens cresciam. Os aposentos do palacio mostravam os tetos fendidos, os soalhos desconjuntados, os moveis arunchosos e os fogões estumaçando, enquanto as salamandras lhe dançavam nas chamas.

A habitação parecia estar em harmonia com o seu dono, porque as consas em que elle pensava eram tristes. Vinte annos antes tinham-lhe fallecido, depois d'um reinado de treze mezes, o filho e a nora, que deixaram um filho. Outras desgraças se seguiram. O raio matara-lhe o adivinho, que no quarto proximo, traçava o horoscopo do infante. Tres das suas amas tinham enlouquecido. A agua, o veneno e o fogo, ameaçavam-lhe a vida. Vivia por um milagre.

O imperador, seu avô, cercava-o de cautelas. Nem os cuidados, os mais assiduos; nem os prazeres, os mais deliciaes; nem os mestres, os

mais sabios; nem os pagens, os mais divertidos, tinham faltado ao môço principe. Comtudo, elle ia crescendo taciturno, fragil como uma planta que se estiola, á sombra, n'uma caverna. Fallando pouco, pensava muito, lia de mais e raramente passeava: dir-se-hia que o sol o cegava, e o ar puro lhe queimava o peito. Um anno lhe faltava para chegar á maioridade, para subir ao trôno.

Amava, mais do que a todos, seu meio irmão, o robusto Mainrad, nascido d'uma serva, gigante ruivo com olhos de creança, habil em todos os exercicios de força, e ousado caçador de fêras. Não menos Mainrad amava o principe. Temido por toda a gente, Mainrad fazia-se humilde na sua presença, obedecendo-lhe cegamente. Triste por vêr seu jovem irmão tão debil, procurava continuamente despertar-lhe interesse pelas caçadas, no meio de cavalleiros, de matilhas e de trompas, na esperanza de que tão rudes fadigas lhe trouxessem appetite, somno e saude. Mas o principe accedia a todos estes planos com repugnancia. Comtudo, em uma manhã de outomno, foi com Mainrad caçar veados na floresta.

Santo Humberto protegia-os: a bruma violacea das montanhas desfazia-se ao calor do sol. Estava um dia formoso, claro e irio. Desde manhã á noite soaram as trompetas, cujos echos repercutiam. Sob os pés dos cavallos folhas mortas voavam como aves. Mataram-se cinco javalis, uma côrça e seis cabritos montezes, dois veados. Através as clareiras e os penhascos, precedendo os senhores que, de chicote na mão e cutelo á cinta, cavalgavam em grupo, o principe, desatento e como sonhando, galopava a toda a brida, n'um aleão negro, entre dois galgos brancos.

Pararam após uma hora de correria, para recuperar forças. Os criados, no centro d'uma encrusilhada, tinham disposto o vinho, as carnes e as fructas, o pão. Todos bebiam e comiam. So o principe se não sentára; colhia, perto, violetas sem perfume. Logo Mainrad foi para junto d'elle, perguntando-lhe em que sonhava.

Elle respondeu: — Estava reparando n'este alamo, cujas folhas, amarelcidas pelo outomno, estremecem ao vento. O sol, que ellas reflectem, veste-as d'um brilho magico. Como espelhos partidos, lançam raios de luz: e mil esmeraldas, perolas, estrellas, fulgem, sacudidos, na arvore de ouro.

Mainrad abriu os olhos desmesuradamente; o que elle via era apenas um vidoeiro muito ordinario.

— Mas, continuou o principe, o sol occulta-se, o vento sópra, as folhas estremecem. O que! Nem uma só! Dentro em pouco, o alamo é apenas um esqueleto. Assim é a nossa vida, meu irmão. Scintilante e bella, palpita e brilha; o primeiro sópro da morte a arrebatará! — Vamos regressar? Estou cansado...

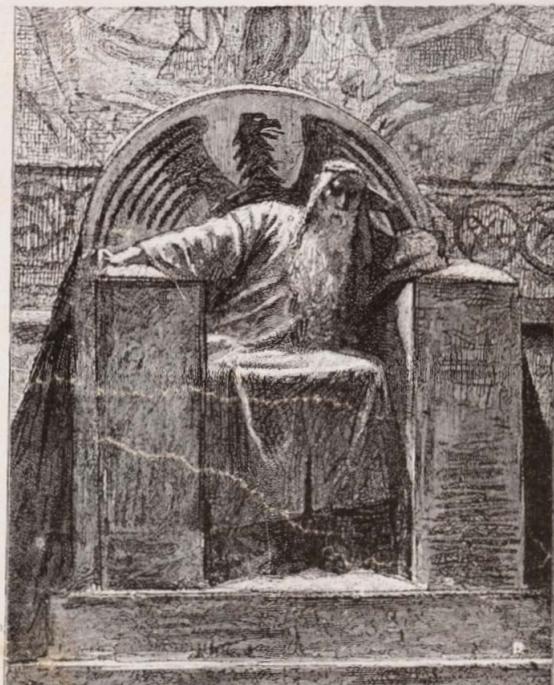
Todos montaram de nôvo e partiram: os caçadores atordados pelo cansasso, Mainrad tortorado por presentimentos e o principe, á frente, muito pallido. Viram que elle tomava por um caminho que não era o habitual, lamacento, exhalando um cheiro de cogumelos, e ao fim do qual brilhava uma linha de agua, clara como uma espada. Observaram-lhe que era o rio. Elle retomou o caminho, dizendo:

— Atravessa-lo-emos!
Objectaram-lhe, inclusive Mainrad, que era grande a altura e o ruido pouco seguro. Elle, porém, em voz de commando, ordenou:

— A galope! Vejamos quem primeiro o atravessa! Que soem as trompas!

E já então elle ia longe, esporeando asperamente o cavallo, cavalgando-lhe á ilharga Mainrad. Atraz d'elles todos os caçadores, chapinhados de lama, se precipitaram loucamente. A estridencia das trompetas dominava os gritos, o relinchar dos cavallos e o latir dos cães. O rio parecia crescer, transbordar, correr; todos se lhe atiraram para dentro; muitos quasi alli se viram no perigo de ficar, tendo perecido tres picadores afogados. O principe sentiu-se agonisar. Apenas alcançou a outra margem, em primeiro logar, que largou o arção e caiu redondamente. Mainrad, precipitando-se, tomou-o nos seus braços. Um pesado silencio caiu sobre os homens e os animaes; o medo e o espanto transformaram-nos em estatuas. Quando o principe voltou a si, estenderam-no, no meio da maior consternação, sobre uma padiola de ramos. Batiam-lhe os dentes. Murmurou:

— Não é nada, não é nada! — (E com um sorriso doloroso). Pódes



...as cousas em que elle pensava eram tristes...

Os livros fallam d'elle, como d'um misterio, e os velhos, ao referirem-se-lhe, abanam a cabeça. Não será uma estranha chimera?... Certamente, porque todos os caminhos levam ao nada, o meu truaõ aplaudir-me-hia por escolher o mais misterioso, chegando á morte através do amor! Mas existe o amor?... O que é elle, afinal?..."

PRIMAVERA

A primavera, mais juvenil que uma donzella, mirava nos ribeiros as pontas rosadas dos seus seios entumescidos; estremeia, infinitamente suave, sob as rendas vivas do seu vestido de folhas; e suspirava docemente, os olhos banhados de sol. O sol e o ouro verde dos losques convidavam aos sonhos e ás viagens.

Um dia em que o principe fóra passear sózinho, perdeu-se. Depois de muito vaguear, chegou em frente a um castello, cercado d'um cinto de muralhas, coroados de goivos amarelos, e em que não havia nem portas, nem janellas. Com o auxilio dos pés e das mãos, pulou a muralha e saltou como um ladrão. Um grito de pavor atravessou o espaço. A seus pés estava uma creança lesfallerida. Ficou-se o principe admirando, tão galante ella era, os seus cabellos de sêda, a sua bocca entreaherta deixando ver uma fileira de perolas, os seus pésinhos e o seu vestido de prata. Para a reanimar, chamou-a com ternura, humedeceu-lhe as temporas e collocou-lhe junto ao nariz um frasco de saes da Arabia. Mas como não conseguisse despertá-la, atreveu-se a beijá-la. Ella sorriu e acordou.

Ah! esperava-o. As cartas predisseram á minha ama que seria amada por um principe. Elsa é o meu nome e sou orphã. A liberalidade de um tio exilado conserva-me n'estes logares, onde nunca me faltou comida alguma. Olham por mim velhos servidores e não recebem ninguem. Quero muito a estes logares; tanto mais que si fóra eu não poderia viver, porque, — dêvo avisar-vos — eu sou debil a tal ponto, que uma intensa emoção pôde matar-me

Ella estendeu-lhe, com infinita graça, a pequenina mão que o principe beijou.

— Aqui está a minha ama! Disse.

Uma velha mulher appareceu, seriamente irritada. Protestos de obediencia e presentes acalmaram-na. Dirigiram-se todos três para o castello, onde se serviu um leve repasto. Depois o principe, após algum descanso, despediu-se, seguindo pelo mesmo caminho de que se servira para entrar.

Desde então, voltou em cada manhã. O seu cavallo galopava perdidamente, sob a acção violenta das esporas. Aves gorgעיavam ao sol; um perfume de lilás e de madresilva embalsamava o ar; os trigões ondulavam e, sobre a relva, as gottas de orvalho brilhavam como vidro. Apenas chegado, o principe prendia o cavallo a uma arvore e pulava o muro. Lá estava Elza esperando-o.

Passaram juntos deliciosos momentos; ora encerrados no castello, onde ella lhe mostrava as suas bonecas, os seus quadros, ou o seu estudo no cravo; ora passeando no parque, onde elle lhe colhia flores nos taboleiros de abrotes, de cyclaminis e dos lyrios. Como duas creanças, faziam merendas de confeitos e amendoas, jogando o volante e outros jogos. Se se sentiam cansados, repousavam sob as abobadas de folhagem, ou então visitando os aviários, hrincavam com os coelhos brancos de olhos franjados de vermelho, lançavam grãos de trigo aos patos azues, ás rôlagementes, aos pavões, que desdobravam o leque da sua cauda em arco.

Preferiam a tudo o pomar. A relva sedosa estava constelada de violetas, e as arvores cobertas d'uma brancura odorante. Havia

Por alli pecegueiros paseos e cerejeiras brancas, ameixeiras, macieiras, pereiras e marmeieiros bravos, todos em flôr, habitados constantemente pelas aves e pelas abelhas.

Mas, por maior que fosse o prazer que o principe sentia junto de Elza, elle não se considerava feliz. As noites, que eram agora mais curtas, pareciam-lhe mais compridas, porque não dormia. Um queirante enchia-lhe de tedio a alma, fustigada por desejos, para os quaes não conhecia o remedio. Elza, por sua vez, mudava tambem, empalidecendo e córando de repente. Já não ria. Um confrangimento atroz lhe torturava as temporas; e via-se obrigada a calcar o peito com a mão para suffocar os estremecimentos do coração.

... Mais o tempo se escoava, mais crescia a sua dôr.

El, no ultimo dia da Primavera, Elza e o principe, ao cair da tarde, depois de t'er errado durante horas, entraram, impellidos pela sua inquietação e melancolia, no pomar branco de aromas de mel. Passeavam silenciosos. Elza tremia, porque os olhares do principe eram estranhos. O amor perturbava-os, como um forte perfume.

— Elza! murmurou o principe.

Ella sentiu que lhe tomava as mãos e a sua vista toldou-se.

— Elza! repetiu com ardor. E, feroz, tomou-a, palpitando como uma ave que estrebucha na mão do caçador.

— Ah!... suspirou Elza. E foi tudo. O seu pequenino coração parou; ella caiu, ainda quente e estremeando de amor.

O sol occultava-se; a agua dos lagos tinha reflexos roseos.

— Meu Deus! exclamou o principe. E ficou durante muito tempo chorando, ajoelhado. Depois, como a morta não despertasse mais, ergueu-se cheio de pavor e fugiu por cima do muro, como um ladrão. O pequenino corpo de Elza ficou estendido na relva. Durante a noite, as flores do pecegueiro foram-na cobrindo d'um manto alvo, acompanhando a oração funebre dos rouxinos.

ESTIO

De se sperado, o principe atirou-se aos mais desenfreados prazeres. Quanto mais desvairados e terríveis elles eram, mais lhe agradavam. Fazia, com jovens libertinos, apostas insensatas, ganhando sempre. Conheceu os transportes da mesa, a exaltação que provocam os vapores do vinho, a voluptuosidade da digestão, o ventre impando de iguarias delicadas. Presidiu a tumultuosas orgias em que o sangue, com grandes luctas, por vezes cortadas, e a pureza aquatica d'uma esmeralda e a sua pelle um perfume de laranja. Apta para todos os papeis, sabia transformar-se ao sabor dos caprichos, adulando as paixões e encarnando os desejos.

Havia mulheres, molemente deitadas em leitos de flores, que riam e aplaudiam ao mais louco dentre elles. Nenhuma d'ellas impressionára o coração do principe. Mas como era preciso escolher uma, chamou a si a mais bella dentre todas, de nome Zafira.

Era alta e clara, de cabellos ruivos. Os seus olhos tinham a pureza aquatica d'uma esmeralda e a sua pelle um perfume de laranja. Apta para todos os papeis, sabia transformar-se ao sabor dos caprichos, adulando as paixões e encarnando os desejos.

O principe ia com ella, rio abaixo, n'um batel sem rémos. Deitada a seus pés, cantava e tocava cythara, enquanto o principe pescava peixes brilhantes, com escamas de ouro e nacar. A noite davam bailes nos jardins: as musicas ouviam-se ao longe, e as luzes reflectiam-se na agua. Pela manhã, lado a lado, galopavam pela floresta. Ficavam, muitas vezes, encerrados n'um pavilhão ornamentado á chineza, a beber gelados ou a brincar com os cães de Zafira, que traziam na colleira fitas de setim.

Antes, porém, que tivessem decorrido julho e agosto, um enorme pezar dominava o principe.

Palido, macilento, envelhecido antes de tempo, não sentia a queimadura das chamas do estio. Enquanto, um grande turpão enchia a terra, o principe vagueava ao sol, indifferente á florescencia magnifica das rosas, ao esplendor das fructas, ao misterio dos ninhos onde as aves chocavam os ovos, e á



...Mandou chamar os mais famosos medicos

metamorphose dos insectos. Que lhe importava que nos campos se colhessem as azevias e que os trigeas mostrassem as suas louras espigas? Com a fuga das horas, a sua agonia augmentou.

Não fallava a ninguém, tendo despedido violentamente os seus companheiros de prazeres. A sua unica distração consistia em compôr grandes ramos de heliotropos ou de tulipas. Colocava-os no seu quarto de dormir, á noite, para lhe provocarem sonhos: tinha-os funebres, extravagantes, e n'elles, uma vez por outra, a sua amante, desprovida do mais ligeiro disfarce, surgia-lhe envelhecida com quinhentos annos, e elle proprio immensamente velho.

Quando o estio acabou, disse bruscamente a Zafira: — "Vae-te!"

OUTOMNO

Viajou, atravessou reinos e cidades, terras estereis e vasias, altas montanhas arborisadas, e rios, parando, quando se sentiu cansado, junto do mar.

— Que torre é esta, perguntou a uns homens do campo, guardada por soldados?

— Vive allí, informaram, uma prisioneira, nobre e poderosa senhora, que commetteu crimes hediondos. Diz-se que em breve lhe será decepada a cabeça, a não sêr que a nossa rainha, com a sua bondade lhe permita apodreecer viva em prisão perpetua.

Estas palavras despertaram vivamente a curiosidade do principe, que não descansou enquanto não conseguiu, á força de dinheiro, ganhar a confiança dos guardas da torre. Por elles soube que a dama — que se chamava Bruissinda e era formosissima — tinha envenenado o marido e dois outros senhores, cousa, allí, de pouca importancia, comparado com os horrores mais inacreditaveis que se lhe improntavam. O principe desejou vê-la. Os carcereiros consentiram.

O encontro realisou-se n'um pequeno parque. Uma brisa humida, sob um ceo de perola, balouçava os altos, amarello e purpura, das arvores. As folhas secas juncavam o sólo, deslizando ao de cima dos charcos de agua morta. Um cheiro, pesado e enjoativo, de ferrugem, subia da terra encharcada, inspirando uma profunda tristeza, cheia de presentimentos e de pesares. Uma mulher, vestida de preto, alta e pallida, de espessos cabellos negros e com uns olhos cheios d'um grave scismar, caminhava á passos lentos, melancolica como o outomno. O principe surgiu, inclinándose na sua frente, e offerecendo-se para a servir.

Quando a sinistra creatura soube quem elle era, agradeceu-lhe a gentileza em termos simples e nobres, fazendo-lhe crer que se sentia muito feliz por o ter junto de si. Elle ficou e tornaram-se amigos.

O principe fazia-lhe companhia todos os dias, no parque e no seu aposento, que era vasto e circular, com barras de ferro nas janellas. Da prisão, da proxima sentença, do passado de Bruis-



Conheceu os transportes da meza

sinda, não fallaram nunca. Sobre taes factos, ella conservou-se muda, misteriosa, inexplicavel. O principe amava-a talvez mais assim, grave e enigmatica, no esplendor da sua belleza e da sua força, cercada do prestigio fatal de crimes inqualificaveis, cuja lembrança ella conservava activa e sem remorsos.

Quantas horas passaram juntos, silenciosos, ouvindo uivar o vento, vendo empalidecer o sol que morria, avolumar-se os rios com as chuvas, cair as folhas?! As andorinhas tinham partido: os insectos morriam: os gelos brancos cobriam a planicie. O outomno expirava.

O principe não deixava um só momento de pensar na sorte que esperava Bruissinda. Uma especie de terror sagrado lhe punha os cabellos em pé, ao lembrar-se que uma prisão sem fim ou a morte estavam suspensas sobre a cabeça d'aquella mulher. Por que tivesse subornado os carcereiros e os guardas, propoz-lhe fugirem. Ella recusou.

O principe ameaçou-a com um assalto á prisão. Leval-a-hia á força, com a ajuda dos seus homens de armas. Ella respondeu que não iria senão morta, e que esperava corajosamente o seu destino, fosse elle qual fôsse. O principe mandou mensageiros á rainha, empenhando-se, com supplicas e ameaças de guerra, para que puzesse a prisioneira em liberdade. Elle mesmo se dispunha a partir, quando, uma tarde, chegaram os commissarios com a sentença: era a Morte.

Bruissinda seria executada no dia seguinte, de madrugada. Em vão o principe lhe supplicou que lhe permittisse salva-la. Inutil. Não teve senão que conformar-se com assistir aos funehres preparativos.

A noite decorreu calma. Quasi não trocaram palavra. Bruissinda meditava, sentada n'uma poltrona. De madrugada, o carrasco chegou, e começou a ligar-lhe as mãos e os pés. Bruissinda parecia indifferente a tudo aquillo. Apoiada ao principe, todo elle tremendo, desceu com firmeza para uma sala sombria e toda revestida de negro, onde, junto do cépo, brilhava a lamina do cutelo. Bruissinda, sorrindo, fez uma reverencia ao principe. Depois, ajoelhan-



Elle viu uma donzella de grande fronte pensativa

do, cheia de vida e de belleza, levantou os cabellos e estendeu o pescoço. O cutelo silvoso e a cabeça, decepada, foi rolar até junto dos pés do príncipe.

INVERNO

De volta ao seu reino, reviu, com alegria, o velho palácio da sua infancia, os seus livros, os seus gatos, e o seu truão Mite. Recebido como o filho prodigo, mostrou-se affavel com todos e consentiu, por deferencia com o imperador, consultar um novo medico, que fazia curas maravilhosas: o judeu Ephrem Sabas. Teve o príncipe a phantasia de ir a sua casa. Alli, não encontrando ninguém para o receber, andou vagueando de sala em sala. Qual não foi a sua surpresa quando, n'um afastado laboratorio, elle viu, em logar do velho calvo que esperava, uma donzella de grande fronte pensativa, com um olhar de sacerdotisa, coberta de amplas vestes brancas! Era a filha de Ephrem, que elle, cuidadosamente, escondia de toda a gente. Não se espantou de vêr o príncipe, como se já o conhecesse.

— Estamos a trabalhar para vossa alteza; disse, mostrando um frasco com um liquido côr de sangue.

— Para mim? perguntou espantado. Em que descoberta trabalhaes, n'esse caso?

— Na da vida, respondeu. Meu pae e eu andamos á procura do fluido elixir, da panacéia divina. Esperamos descobri-la e a morte será vencida.

— Sois assim tão sabedora?

— Oh! eu não conheço, respondeu com modestia, senão o nome das plantas e das estrellas, sete linguas, os segredos da *Kabala*, o lêr o futuro na mão e vêr, de olhos cerrados, o presente, através das paredes e das distancias.

— De que vos serve essa sciencia? perguntou.

— De muito pouco... Ella baixou a cabeça com tristeza, e, em seguida, ergueu os olhos, onde brilhava uma esperanza mística, para um crucifixo de marfim, que estava na parede... E, ouvindo um leve ruido, disse com anciedade: "Sai! Meu pae matará quem quer que seja, homem ou príncipe, que comigo consiga fallar secretamente.

— Preciso voltar a vêr-vos. Quero!

Sim. Parto amanhã de manhã para aquellas montanhas, cujo cume azulado se divisa daqui. No cume da mais alta está o observatorio de meu pae. Vou passar o inverno lá, sosinha. Ide.

O príncipe para alli partiu e todos os dias voltou. Os dois entretinham graves e meigas conversações. Impressionado com o seu encanto sobrenatural, o seu saber e a belleza da sua alma, amou-a dentro em pouco com um amor todo espiritual, porque ella era toda pensamento, não mais que

espirito sem corpo. O que ella dizia era nobre, profundo, cheio de bondade e de justiça. Uma noite, depois de por muito tempo terem observado as estrellas, elle deu-lhe, por amizade, o nome de uma musa, Urania.

Os dias passaram-se em conversações, em que se discutiam os mais altos problemas, as metempsicoses da natureza; o problema do mal; saber se Deus existia; a immortalidade da alma. Ella acreditava; elle não. As noites passava-as ella, só, fria e casta, por entre as grandes chamas dos fórnos, vigiando os cadinhos, onde se volatilisavam os philtros. O inverno cobria a montanha de neve. O ar estava gelado. Havia frio intenso e as pedras de gelo estalavam debaixo dos pés.

A filha de Ephrem via, com magua, o príncipe tornar-se, cada dia, mais magro, mais livido, mais espectral. Ella fatigava-se á procura do elixir supremo, porque o inverno ia acabar em breves dias, e, pelos seus calculos, o seu amigo não teria mais que duas semanas de vida.

— Treze dias passaram, sem que ella dormisse um instante, ou se alimentasse. Na manhã do decimo quarto dia appareceu ao príncipe, transfigurada.

— Bebei! disse, estendendo-lhe um frasco estranho, cheio d'um limpido licôr. E como visse que elle hesitava, gritou: — "Se não beberdes, amanhã morereis".

O príncipe pegou no frasco; a sua mão tremia de medo.

— O milagre realizou-se, disse ella; a minha missão terminou. Vou partir, senhor...

— Para onde?

— Para um convento.

— Que dizeis! exclamou o príncipe. O meu trôno, as minhas riquezas e o imperio pertencem-vos. Partilhae da vida que me offereceis. Sede imperatriz e minha mulher!

A filha de Ephrem abriu a bocca n'um divino sorriso.

— Bebei a vida. O meu reino não é d'este mundo. E, apontando um crucifixo: — Só posso servir a um Senhor.

— Recusaes?

Ella contemplou-o, branca como um lirio, e cheia d'uma infinita magua, fez um signal affirmativo com a cabeça.

O príncipe não disse uma palavra — e partiu no ladrilho o frasco do elixir da vida.

III

O MAL DE PRÍNCIPE

Na noite do dia seguinte, que era o ultimo do inverno, o príncipe sentiu-se desfallecer. Tendo á direita seu avô, e á esquerda seu irmão, pediu-lhes perdão dos desgostos que lhes tinha causado. Recordava a sua vida passada, o tempo que fugira, as mulheres que amára. Amára! Seria, na realidade, amor, o seu desejo de Elza, a sua depravação com Zafira, a sua taciturna ligação com Bruissinda, a sua platónica affeição a Urania? E lembrou-se, então, melancolicamente, d'uma desconhecida que o amára, d'essa princeza Xaviéra, tão bella, segundo se dizia; que viera para o conquistar e que elle repelia, sem nunca a querer ver. "Quem sabe se não seria isso o amor: sêr amado, e não amar?" N'esse momento, ouviu-se um dobre de sino, que aterrorisou o imperador e Mainrad. O príncipe sorriu: — "E' o toque do fim do anno!" E, apertando-lhes as mãos com força, morreu n'um suspiro.



O cutelo silvoso e a cabeça, decepada, veio rolar até os pés do príncipe



VATICINIOS

Presenteamos as nossas leitoras e sobretudo as nossas leitoras com bellas promessas que faz o destino aos que nasceram n'este mez:

O homem nascido sob este signo é franco, valente, corajoso, liberal, magnanimo, e frequentemente orgulhoso. A sua alma pôde ser accessivel, em dados casos, ás doces commoções da compaixão; mas, por outro lado, elle compraz-se em mofar do proximo, em incommodar os outros, e inflamma-se, facilmente, nas chamas do entusiasmo e das paixões. De bella presença, agrada geralmente ao bello sexo, e sabe-o. Depois de ter, por muito tempo, aspirado ás honras do mundo, e de ter trabalhado, e até mesmo intrigado, para conseguilas, alcança-as-ha, por fim, vindo ellas ao seu encontro, quando já não as espera. — A mulher é animada, ativa, facil em encolerisar-se, audaciosa, guardadora de rancôres, e vingativa; mas formosa, amante e amada. Casará prematuramente, e

terá poucos filhos, a não ser que a Lua, n'ahora do seu nascimento, esteja em aspecto trigono com o Sol. Aos homens este signo faz casar com uma prima, com uma amiga de infancia, ou com uma cunhada, muitas vezes, rival da esposa.

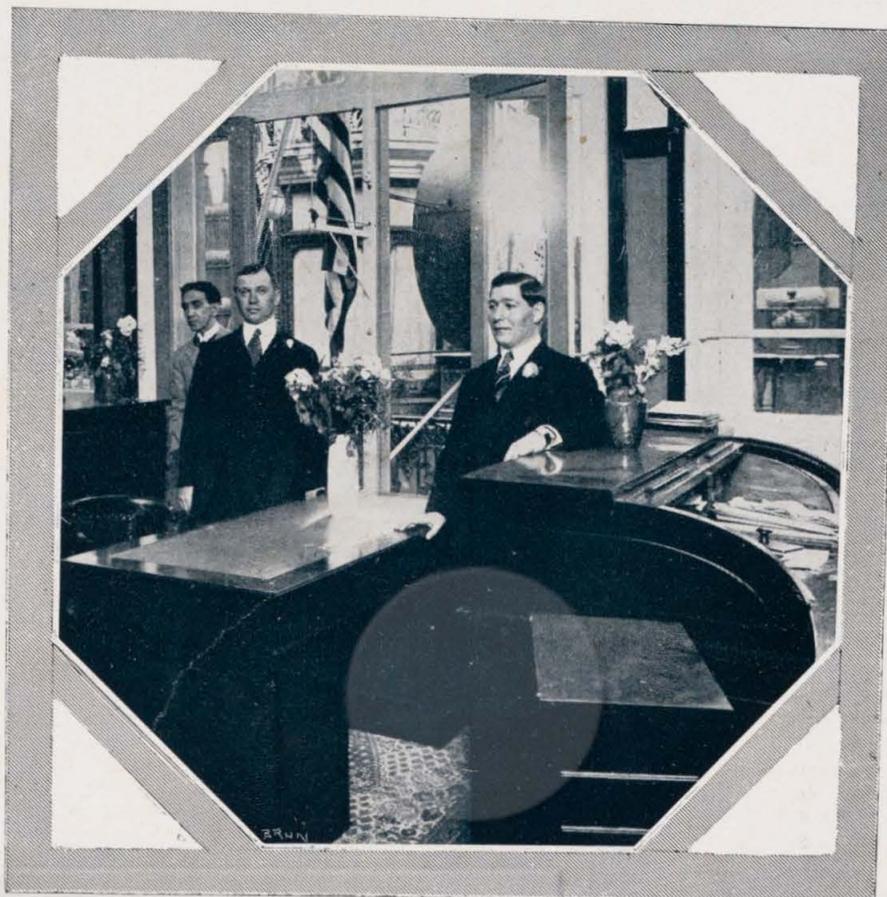
Uma seita estranha

Nos tempos do Primeiro Imperio, um certo Jung, conselheiro aulico e autor de varios romances, fundou na Snabia uma seita a que denominou das "Almas verdadeiramente despertadas". Os seus sectarios se distinguiam por chapéus brancos e "cocardes".

Num pamphletto contra os jornalistas que o accusavam de fanatismo, Jung empenhou-se em provar que, de accordo com o signo dos tempos, havia chegado o reino millenar de Deus, finalmente fixava peremptoriamente a resurreição dos mortos para o anno de 1836, "como o profeta, até á evidencia, dizia elle, o sacerdote da igreja Bengel, pelos seus calculos apocalypticos".

Vida Commercial

O commercio carioca conta, desde ha dias, mais um brilhante estabelecimento, o dos srs. Paul J. Christoph & C., inaugurado no dia 4 do corrente, na rua do Ouvidor 48, com grande concurso de amigos e de representantes do alto commercio d'esta cidade. E' a nova casa commercial um modelo de bom gosto na sua disposiçao material e vem destinada a um franco successo, devido ao tino e á intelligencia dos seus dirigentes. A sua actividade exerce-se, sobretudo, no desenvolvimento commercial de machinas de escrever e vitrolas, de que possuem as melhores marcas. Desejamos-lhes felicidades.



Os Srs. Otto Christophe Leon Norman Bensa bat, socios componentes da firma, em seu gabinete de trabalho

Grupo de convidados na inauguração do estabelecimento



AS NOSSAS ESCRITORAS

D. Julia Lopes de Almeida

AS mulheres que escrevem tiveram, em outros tempos, detractores eminentes, que lhe não pouparam sátiras e remoques, talvez mais por um receio natural de concorrência, do que por uma convicção da inferioridade cerebral, hypothese combatida pela eloquência dos factos de cada dia. Hoje, a actividade intellectual da mulher leva de vencida, pela sua valorisação, todos os preconceitos, e domina o mundo civilisado pela superioridade e bellesa do seu esforço.

Não se dirá que, no Brasil, o numero das escriptoras de merecimento incontestavel esteja na proporção do seu elevado grau de progresso material e mental. A mulher brasileira é, sem sombra de duvida, das mais intelligentes do globo: mas porque, talvez, maior que a sua actividade intellectual seja a vida do seu coração, não lhe sobra o tempo, nem lhe chega a coragem, para enfrentar esse abismo que é a publicidade, cheia de contrariedades, de espinhos, de feridas as mais cruéis, antes que chegue a hora do prestígio e da consagração.

Entre todas as nossas escriptoras, cabe o primeiro logar á illustre Sra. D. Julia Lopes de Almeida. Pertence-lhe *par droit de conquête et par droit de naissance*: pertence-lhe, porque o conquistou em uma obra forte de intenções nobres, segura de processos e de forma artistica; pertence-lhe, porque diante da sua cabeça, aureolada de nobres cabellos brancos, as gerações modernas se curvam reverentes, como diante de alguém, que, sendo uma artista de incontestavel merecimento, não abdicou de ser o anjo guiador do seu lar. A distincta e nobilissima mulher de letras, que é a Sr.^a D. Julia Lopes de Almeida, não lhe matou no coração as altas qualidades de esposa e mãe, antes lh'as encorajou e nobilitou.

* * *

A Sr.^a D. Julia Lopes de Almeida não conheceu jamais o que seja descanso nos seus afanosos labores intellectuaes. Trabalha ainda hoje com a mesma coragem, com a mesma fé, com o mesmo ideal com que, ha tantos annos, começou a encher de admiração a sociedade brasileira. Agora mesmo, quando já a sua tarefa consagrada lhe dava direito a um tranquilo repousar, a sua penna passa vertiginosamente no papel, traçando as linhas buriladas d'uma novella, os conceitos profundos d'uma conferencia pedagogica, os artigos brilhantes, as chronicas cheias de graça e de encanto. E trabalha, e trabalha sempre, como se precisasse ainda de firmar um renome que de ha muito a acompanha, na absoluta necessidade de dar canceira ao seu espirito culto e progressivo. E isto é bello e, tanto mais bello, quanto nenhuma das suas altas qualidades estheticas se perden, n'aquella sua maneira, a um tempo simples e artistica, de traçar figuras, de desenvolver situações, de nos transmittir as suas impressões de belleza.

Frou-frou... commetteu a maldade de ir fazer parar, por minutos, a penna brilhante da artista consagrada de *A familia Medeiros*. Queria abrir um inquerito interessante, e tinha o dever de a ouvir em primeiro logar.

A bondade com que se é recebido n'aquella casa de Santa Theresa tem já o quer que seja de proverbial. A um dos nossos companheiros dizia, ha annos, o grande Augusto Rosa que aquelle era o lar mais feliz e mais gentil erguido em terra brasileira. E *Frou-frou...* foi, como esperava, recebida gentilmente.

A illustre escriptora de *O livro das noivas* sentia-se imensamente feliz por ter abraçada a carreira litteraria. Na longa estrada que já percorrêra, se alguns espinhos lhe trouxera mais abundantes eram as braçadas de flores que lhe tapetavam o caminho. A victoria é, quasi sempre, a resultante da sinceridade do esforço, e a illustre romancista vencêra porque abraçara com sinceridade e amor uma carreira para a qual teve sempre um enternecido affecto.

A acção exercida pela escriptora no seu meio social, mórmente entre as mulheres, é enorme e benefica. Tanto basta que ella actue



n'um sentido educativo, fortalecendo na mulher as qualidades moraes que são a sua defesa. Para a illustre Sr.^a D. Julia Lopes de Almeida o actual movimento litterario no Brasil é animado e animador. A mulher póde e deve entrar n'elle com a sua influencia social e artistica, tanto mais que, pelos exemplos do momento, está demonstrado á sociedade que, no Brasil, a mulher de letras está perfeitamente em condições de concorrer com os seus collegas masculinos. As suas palavras são de encorajamento a todas as mulheres que sintam, na sua maneira de sêr, a necessidade de transmittir aos outros, com arte e elevada intenção, as bellezas das verdades que vivem agitando o seu cerebro. O que é preciso, naturalmente, é estudo, cultura, esforço, lembrando-se a mulher que a sua mais alta e nobre função social, ainda quando artista, é a de educadora. E' ahí que reside a sua maxima força e o pleno direito, do qual não deve abdicar. Grande e moralisadora, enfim, deve ser a influencia social exercida, entre as mulheres, pela mulher que escreve.

Nobres palavras, a que o nome da illustre escriptora empresta um cunho incontundivel de verdade. A mulher tem o pleno direito de entrar na luta artistica, pois para isso lhe não faltam condições e direitos. A sua brilhante carreira é o exemplo frisante de quanto o esforço tenaz e intelligente da mulher lhe póde conquistar triumphos.

E não tinha a *Frou-frou...* o direito de roubar mais tempo ao labôr intellectual da nobre senhora. Perguntamos ainda a qual dos seus livros mais afeição dedicava. E ella, que a todos queria como a bons filhos, respondeu-nos, que ao ultimo, áquelle que lhe tomava, presentemente, as melhores horas da sua vida.

Novellista, chronista, educadora, conferencista, tendo tocado, com brilho, todas as modalidades litterarias, nenhuma outra escriptora, no Brasil, gosa de prestigio equal ao seu, prestigio inabalavel pelos alicerces valiosos de toda uma obra de perfeição artistica. E', por equal, uma escriptora que tem collocado a sua penna de ouro ao serviço da felicidade das suas compatriotas, não se limitando a fazer arte pela arte, no egoismo da sua satisfação espirital.

D'aquí o tornar-se absolutamente justa a homenagem que a 26 do corrente lhe vão fazer as professoras do Districto Federal, manifestação aplaudida pelos poderes publicos, como é justo. Deve tal homenagem ir direita ao seu coração de brasileira, porque os que guiam a mocidade, lhe mereceram sempre um grande carinho e uma enternecida dedicação. A essa homenagem se associa calorosamente *Frou-frou...*

EXPOSIÇÃO DO CENTENARIO



Fogo de artifício — SS. Exas. o Snr. Ministro da Justiça e Dr. Flavio da Silveira em companhia dos delegados dos Estados no chá dansante oferecido a estes ultimos no Palacio dos Estados

Curiosidades
Arquitectonicas
Americanas



Albert J. Rousseau



Thomas J. George



D. H. Burnham & Co.



Lucian E. Smith



Henry Hornbostel and Eric Fisher Wood

Maquettes
d'un concurso da
"Tribune"
de Chicago



Pavilhão
Americanos

Independence
Day



Dois grupos
de convidados
nas horas de
alegria



Grupo de crianças no
campo da "Rio de Janeiro
Athletic Association"



*FEMINA — Rua Gonçalves Dias, 75 — Tel. C. 2893 — Rio
Perfumarias, novidades e artigos para senhoras*



INDEPENDENCE DAY — No Rio de Janeiro Athletic Association



Oiça a opera na Victrola

REG. U. S. PAT. OFF. MARCA INDUSTRIAL REGISTRADA

Quando se possui uma Victrola a casa converte-se imediatamente n'um verdadeiro teatro lyrico, no qual os maiores artistas lyricos do mundo apparecerão para recreio de V. Sa., de sua familia e de seus amigos.

Todos os comerciantes Victor teem Victrolas em grande variedade de modelos.

Victor Talking Machine Company
Camden, N. J., E. U. da A.

Distribuidores gerais **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY**
RIO DE JANEIRO — Ouvidor, 398 S. PAULO — Rua São Bento, 45



No Palco e no Focan



Dr. Viriato Correia

DO THEATRO Anunciam as gazetas que a Sra. Palmira Bastos vem ahí. É possível mesmo que, á hora a que estas linhas caíam sob os olhos do leitor, a antiga actriz portugueza esteja outra vez no Rio... para se despedir da vida de theatro, visto que, nos ultimos tempos, é para o que ella cá tem vindo. Realmente não comprehendemos por que empresarios, que conhecem, como as suas mãos, as platéas do Brasil, se encoimam a trazer a este paiz uma companhia de declamação com o nome, em primeiro lugar, desta conhecida actriz de opereta. Desde que, ha dois annos, a sra. Palmira Bastos deu allí, no Lirico, a vergonha d'uma "Fedora", "double" de "Viuva Alegre", que semelhante artista devia estar fóra das suas cogitações. Nem os sulza que a companhia traga actores do valor incontestavel de Carlos Santos e Henrique de Albuquerque. O nome que vem na bandeira indica perigo a bordo. É naufragio certo.

E depois, o Brasil ancia de conhecer o Portugal novo, o Portugal vida, o Portugal de hoje, toda a gente moça que está a insuflar nos palcos portuguezes uma ancia de progresso e da arte e que não aproou ainda á bahia Guanabara. Não seria mais util a todos, áquelles mesmos que são artistas a valer, como os dois acima apontados, ter de contrascenar com creaturas de merito?

NO TRIANON

Viriato Correia é dos escriptores nacionaes o que melhor sabe levar á vida movimentada dos palcos as figuras e os motivos caracterisadamente regionaes, nomeadamente do Norte. Nessa maneira artistica valorizou o seu nome e n'ella foi incontestavelmente um vencedor. Em "Zúzú", porém, que tão grande successo está conquistando no palco do Trianon, Viriato Correia apparece-nos, supomos que pela primeira vez, como commentador do meio carioca, no que elle tem de mais tipico, nas suas pequenas sociedades bairristas. O autor da "Jurity" focou, com rara felicidade, S. Christovão e deu-nos uma interessantissima comedia. De resto, os seus trabalhos são sempre ouvidos com admiração, porque elle é, antes de tudo, um escriptor. E é cousa tão rara em theatro!

Damos, a seguir, aos nossos leitores, o dialogo interessante de uma das mais bellas scenas da "Zúzú".

LAURINDO (*Entrando*) Dão licença?..

LAURA — Foi bom o senhor chegar. A Maria está dizendo que se pôde amar duas vezes na vida. Qual a sua opinião?..

LAURINDO — Que a Maria tem razão.

MARIA (*contente*) Está ahí!.. está ahí!.. ANNITA — O senhor, um escriptor, um poeta!..

LAURINDO — Por isso mesmo.

LAURA — Os escriptores que são sempre sentimentaes, idealistas..

LAURINDO — É que as senhoras fazem do coração e do amor uma idéa inteiramente errada. O coração não é nenhuma pilha electrica que esgota uma determinada carga de energia. Mesmo as pilhas electricas, a gente carrega quantas vezes queira. Eu vejo uma mulher — amo-a, essa mulher passa, dissipa-se; pôde vir outra. Por que não?... O coração deixou de pulsar porque essa mulher deixou de existir?..

MARIA — Isso, doutor, isso!..

LAURA — Mas um amor verdadeiro não se apaga.

LAURINDO — Que é que não se apaga na vida? Pois se a propria vida apaga-se!. Os factos, as imagens não se nos esvaem da memoria?... Por que é que as impressões não se nos podem dissipar do coração?

ANNITA — Mesmo quando são sinceras?

LAURINDO — Mesmo quando são sinceras. O amor é eterno e tudo que é eterno se renova. Não conheço eternidade mais indiscutivel que a do céu. E o céu, as senhoras bem sabem, muda de cor e de aspecto muitas vezes. (*Pequenina pausa*) Que é o amor?... É uma sensação. Mas o susto é uma sensação, a alegria tambem é, a dor tambem. Pôde-se amar uma, duas, quatro vezes como se podem ter quatro alegrias, quatro sustos, quatro dores.

MARIA (*Apoiando*) Assim, doutor!.. assim!..

LAURA — O senhor acabará dizendo que se podem amar quatro pessoas de uma vez.

LAURINDO — Pôde-se. Eu posso ter uma dor de dentes ao mesmo tempo que tenho uma dor de costella ou uma dor de garganta. Pôde-se amar uma mulher porque tenha uns olhos maravilhosos, ao mesmo tempo que se ama uma outra pelo corpo fulgurante e outra ainda pelos cabelos negros ou loiros.

LAURA — Que horror!.. Mas o senhor não era capaz de amar duas mulheres ao mesmo tempo?... (*Nesse momento Zuzú appareceu na porta E. M. Laurindo vai responder affirmativamente quando dá com os olhos nella. Embaraça-se. Cata-se.*) Responde.

LAURINDO (*Depois de uma pequenina pausa*). Sim. Duas, tres, vinte, cem.

ZUZU' — Boa tarde. (*Resposta de Laurindo*) Não quer entrar?... Papae está a sua espera para a injectão. (*Para Annita*) Onde está o baralho?

ANNITA — Na gaveta do aparador.

LAURINDO (*Que vai sair E. M. para Laura e Annita intencionalmente*). Vou tomar a injectão no braço, ao mesmo tempo que estou com uma dor de cabeça. São duas dores ao mesmo tempo. (*Sac. Zuzú que não passou da porta, sac tambem.*)

SCENA XIV — 1º ACTO.

REGRESSA LEOPOLDO FROES

Leopoldo Froes está de regresso aos penates. Eis ahí uma bella noticia. Lamentavel é, sómente, que o vejamos, desde já, fugir-nos, porque, ao que consta, começará a trabalhar em S. Paulo, no proximo



mez de Agosto. Em todo o caso, é uma noticia agradável sabe-lo no Brasil, onde o theatro nacional precisa do seu esforço intelligente e da sua arrojada iniciativa.

Frou-Frou... cumprimenta, pelo seu regresso á Patria, o *enfant-gaîté* das plateias cariocas.

O QUE SE PROMETTE

Municipal — A grande temporada lirica, a iniciar-se brevemente.

Trianon — uma comedia de Abbadie Faria Rosa.

Palacre-Theatre — A companhia portugueza de declamação, de que fazem parte Carlos Santos, Samuel Diniz e Henrique de Albuquerque.

Lirico — A Companhia Bata-elan.

Republica — Companhia Dramaticua Italia Fausta.

S. José — O original nacional "A boffica do Anacleto", com musica de Assis Pacheco.

Recreio — A revista "Foi ella que me deixou".



CARMEL MYERS



À
 BELLEZA
 E' DOM
 SUPREMO

Pollab., o maravilhoso CRIME DA AMERICAN BEAUTY ACADEMY representa a ultima palavra de ciencia dermatologica e nada mais o guale para embellezir, conservar e curar as imperfeicoes da cutis. Como CRIME DE TOILETTE deve ser usado **Pollab** diariamente para dar a COR CLARA SUAVE, PARELHA e ADHIRIR O PO' DI ARROZ, protegendo ao me mo tempo contra o vento, sol, poeira e ulos

PARA MAIOR EFFICACIA DO EMPREGO DO CREME **POLLAB**, ENVIAMOS GRATUITAMENTE, A QUEM NOS ENVIAR O ENDEREÇO, O LIVRINHO "A ARTE DA BELLEZA": NELE SE ENCONTRAM TODOS OS CONSIHOS PARA HIGIENE E EMBELLEZAMENTO DA CUTIS E CABILLOS.

(FROU-FROU...) Corte este "coupon" e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy - Rua S. de Marco, 151, sob. - Rio de Janeiro.

NOME _____ CIDADE _____
 RUA _____ ESTADO _____

NOS BASTIDORES DO CINEMA

O que os artistas da arte muda pensam do casamento



ALICE TERRY

sente-se bem com o casamento. Poderia. Quem manda é ella, ou melhor o marido. Rex Ingram, director da Metro.



VIOLA DANA

está nas mesmas condições da anterior. Está de cima.

DOUGLAS FAIRBANKS

diz bem do casamento, porque já o praticou duas vezes, sendo a segunda vez com a "cavalheira" que segue.



MARY PICKFORD

é da opinião do anterior. Era o que fallara que não fosse.



ANNITA STEWART

escreve para casar com o sr. Rudey Cameron. Mas como preferia o amor do publico ao de um marido, desistiu.

RUDOLPH VALENTINO

tem repetido a dose. Tem usado e abusado tanto do casamento, que não se comprehende bem o que elle entende por "isso".



MARGARIDA DE LA MOTTE

a ingenha dos films de Fairbanks, diz que sempre recusou casar-se e que n'esse proposito continuará



LEATRICE JOY

declara que um marido é sempre prejudicial quando não é director de scena, como no caso de Alice Terry, Viola Dana e Norma Talmadge.





PEGGY HYLAND

44 Cricco fino

A PERFIDA

PERSONAGENS

Gilda Fontaine (A seductora).....Estelle Taylor
 John Schuyler (O Imprudente).....Lewis S. Stone
 Senhora Schuyler.....Irene Rich
 Muriel Schuyler.....Muriel Dana
 Nell Windthrop.....Marjorie Daw
 Tom Morgan.....Mahlon Hamilton
 Avery Parmalee.....Wallace MacDonald
 Foggis.....William V. Mong
 Parks.....Harry Lonsdale

DA
 FOX
 FILM



Era uma esposa abandonada



Aquella falta enloqueceu-o



UDO seguia ás mil maravilhas para John Schuyler. Tinha uma bella esposa que o estremecia, e dois filhinhos que o adoravam; seus negócios prosperavam largamente, possuindo elle um selecto numero de amigos que o estimavam com veneração. Na vespera da sua partida para a Russia, em viagem de negocio, Schuyler sabe que Avery Parmalee, um membro da junta directora da companhia, mantem relações com uma mulher de má reputação. Schuyler chama a atenção



A perfida tinha-o bem seguro

braços da Danila, chegando mesmo a escrever a uma cunhada de Schuyler, narrando-lhe todo o occorrido. A senhora Schuyler ao ser informada por sua irmã do que se passa, manifesta sua determinação de ser fiel a seu esposo, succeda o que succeder.

Schuyler regressa da Europa e installa sua amante em sua casa separada. Inteiramente preso ás seducções de Gilda acha-se o joven amante quando é avisado de que a companhia o havia

de Parmalee par.1 o facto, obtendo deste a promessa de rompimento com a amiga.

No dia seguinte, encontra-se Schuyler a bordo com sua familia, que lhe vem fazer as despedidas, alli achando-se tambem Gilda Fontaine, a amante de Parmalee. Este apparece já á ultima hora, supplicando a amante que o perdôe pelo seu gesto de renuncia que tivera para com ella. Gilda, entretanto, responde-lhe com alto desprezo, dando logar a que o joven, desesperado com tal situação, realize alli, ante a familia de Schuyler, seu tragico intento, desfechando um tiro na cabeça.

A perfida emprega agora todo o seu esforço para conquistar Schuyler. Por muitos dias resiste este denodadamente a todas as seducções empregadas, mas por fim cae nas tramas armadas pela sereia. Chegados a Londres, ali Schuyler se detem, enquanto Gilda segue para o lago Como, de onde lhe escreve, suggerindo que a encontre alli. Schuyler, já completamente entregue aos caprichos de Gilda, renuncia sua viagem á Russia e parte em seguida para o lago referido a encontrar-se com a mulher seductora, entregando-se ahi a mais desenfreada orgia amorosa. Do lago partem elles para Veneza, onde se exhibem no Carnaval que alli se effectua. Parks, seu secretario, faz o possivel para o subtrahir aos



A sua consolação era a sua filha

destituído do lugar que tinha por não ter elle levado a effeito a missão que lhe fôra confiada. Livre agora de qualquer compromisso, entrega-se Schuyler á vida dissipada, buscando consolo á sua magua nas noitadas em que a embriaguez predomina.

O proprio Parks, servidor fiel, resolve abandonar o seu patrão e amigo. Em um momento de completa loucura alcoolica Schuyler destroe grande parte dos moveis e adornos de sua casa. Neste instante apparece Tom Morgan, velho amigo, que o admoesta da depradação commettida, informando-o então de que sua esposa permanece fiel a seu nome, esperando um momento para a reconciliação.

Schuyler vem a saber por um detective que Gilda tem sido a ruina de muitos homens e que actualmente tem outro amante a quem encontra com frequencia.

Quando Schuyler volta a encontrar-se com Gilda expôbela o comportamento que tem tido, expulsando-a de casa. Ella obedece, mas antes de retirar-se lhe faz vêr que não é com facilidade que se livrará della. Schuyler recebe então sua esposa e a filhinha, prometendo-lhes que regressará ao lar naquella mesma noite. Morgan accôrda em o substituir por uns momentos.

Ao descer as escadarias, prompto para deixar de uma vez a casa dos desregramentos, Schuyler ouve o pranto de uma mulher, reconhecendo Gilda que o espera. A perfidia sabe que o vae perder para sempre e usa então todos os seus enleios e seducções para o dissuadir do intento que tem. Schuyler parece firme no seu proposito, desprezando-a a principio, mas logo se deixa novamente vencer, cahindo-lhe nos braços. Morgan os encontra nesse estado de transporte amoroso.

A mulher quer fascinar Morgan que, furioso, atira-a para longe, sahindo precipitadamente de casa. Schuyler ao presenciar este incidente sente-se cheio de desolação. Quer voltar ao carinho domestico, mas ante elle e o lar ergue-se a esphinge dessa mulher irresistivel de quem se não pode librtar. Neste estado de deses-



Schuyler desconfiava de Gilda



A pobre esposa soffria



pero chega elle a architectar o plano de mata-la para ver-se livre do seu encanto.

A perversa lhe offerece os labios num gesto de lascivia louca, sendo então que Schuyler, desvairado, tenta estrangulal-a, mas ella consegue desprender-se de suas mãos, fugindo de escadarias a cima. Ao chegar ao alto da escada, Schuyler, que a segue, agarra-a novamente. Gilda esforça-se por se desprender dos braços que a querem matar, e fal-o com tal força que arroja Schuyler de escadas abaixo.

A queda fôra fatal. A perfida desce a escadaria até onde se encontra o cadaver do pobre moço, e ahi, ante o corpo de sua misera victima, despreoccupadamente pôe-se a rebicar os labios e concertar o toucado, levemente em desarranjo. Depois, com um gesto de desprezo, despeta uma rosa sobre a face do morto e sáe tranquillamente, sem se virar para traz...

* * *

Grande parte das scenas de "A Perfida", a exhibir-se brevemente, foram feitas a bordo do esplendido vapor costeiro "Yale",

de S. Francisco a Los Angeles, e em ambas viagens de ida e volta, foi permittido aos seus passageiros tomarem parte nas scenas focalizadas no convéz e nos camarotes.

Por mais de uma semana o director scenico e os actores tiveram de permanecer a bordo do "Yale", e para não interromper as viagens do vapor e, tambem, para facilitar diversões aos passageiros, o director arranjou que dois caracterisadores da companhia ajudassem a disfarçar os viajantes que queriam tão originalmente *debutar* na cinematographia.

Na primeira viagem foram tiradas as scenas do convéz, e na segunda, as interiores. Tal foi o interesse que a novidade despertou que muitos dos passageiros permaneciam a bordo em vez de irem para terra nos portos, allegando que em vista do que se estava passando a bordo a terra não lhes perpretava interesse algum. Muitos chegaram mesmo a mandar buscar em terra vestidos de gala para tomar parte nas scenas inferiores que figurarão na teta como sendo tiradas a bordo de um grande transatlantico.

Um casal de noivos do Este chegou a abandonar os projectos de lua de mel para se dedicar ao trabalho da fita. A esposa se desempenhou tão bem que se lhe reservou um papel secundario no trabalho do film, o qual ella o executou maravilhosamente. Agora o seu marido se volta contra o director scenico da companhia, responsabilizando-o pelo transtorno que operou na cabeça de sua mulher que a toda força quer entrar para o cinema.

Para o melhor effeito das scenas a bordo foi necessario o concurso de 60 pessoas a mais, além do elenco, sem contar com grande numero de carpinteiros, electricistas, photographos, etc. Tornou-se tambem necessaria a installação a bordo de baterias electricas e dynamos, pois que a maioria das scenas foram tomadas á noite, depois do jantar.

A perfida contempla a sua obra



EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO



Verão aspectos da noite oferecida por Sr. E. P. R. Ministro de Justiça aos Sr. Dilectos e amigos



INVERNO

As mais recentes criações da moda em

Vestidos de grande toilette
 Vestidos de lã para rua
 Vestidos em malha de lã
 Vestidos de seda

Costumes tailleurs
 Costumes de seda
 Costumes de Jersey de seda
 Costume de malha

PELLES — RENARDS — FOURRURES

Casacos malha de lã
 Casacos de Jersey seda
 Casacos de lã

Capas de marrocaïn
 Capas de malha de lã
 Capas de Jersey de seda

MANTEAUX — SAHIDAS DE BAILE

Royal Store

187, OUVIEDOR, 189

Phone M. 6717



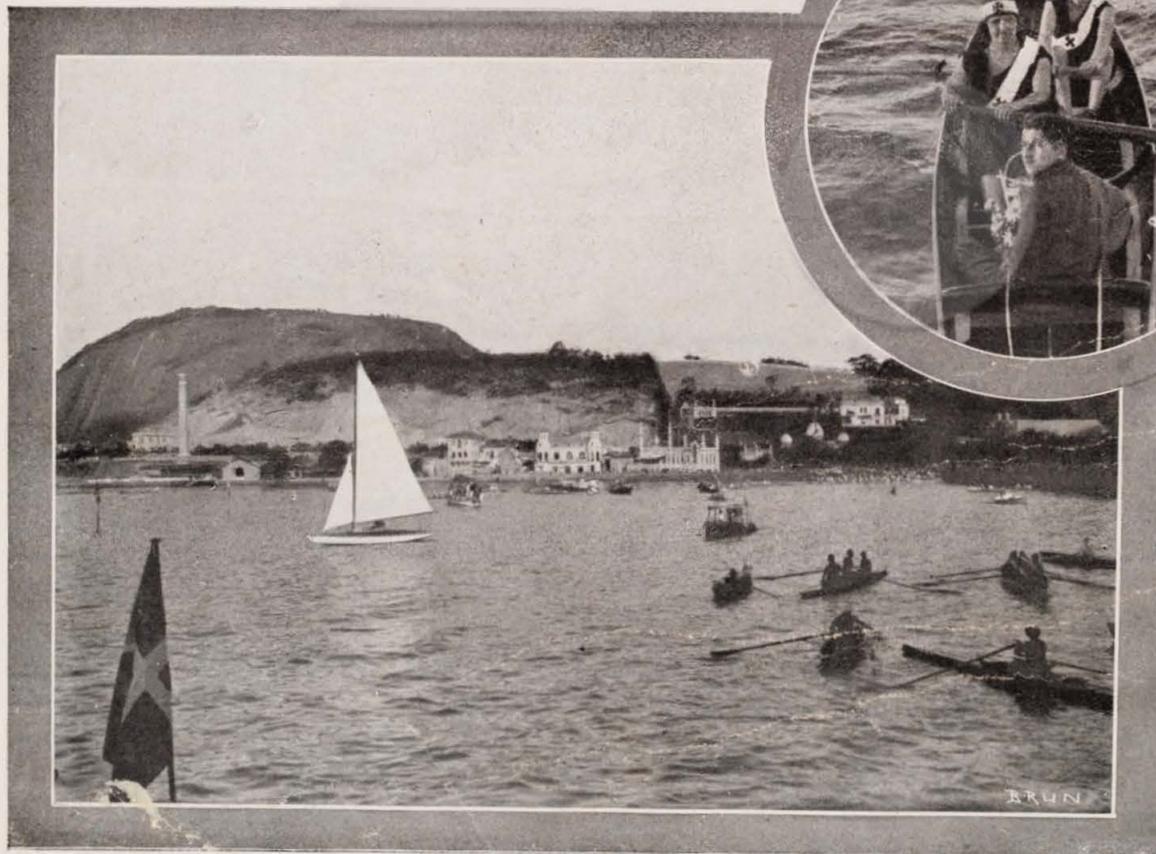
O Mundo Sportivo

O Sport é Feminista

Não ha duvida alguma que os nossos netos terão de se declarar vencidos deante da marcha victoriosa do feminismo — isto é, da competição da mulher com o homem em todas as manifestações da actividade humana. A força phisica ainda era, até agora, um differential de respeito. Mas as mulheres estão se entregando com tanto entusiasmo ás provas sportivas, que a historia ainda ha de registrar um Samsão... de saias. Em todo o caso, somos cios que applaudem com maior entusiasmo o gosto pelos exercicios phisicos entre as nossas lindas cariocas, tanto mais que não vier atras... que se defenda.

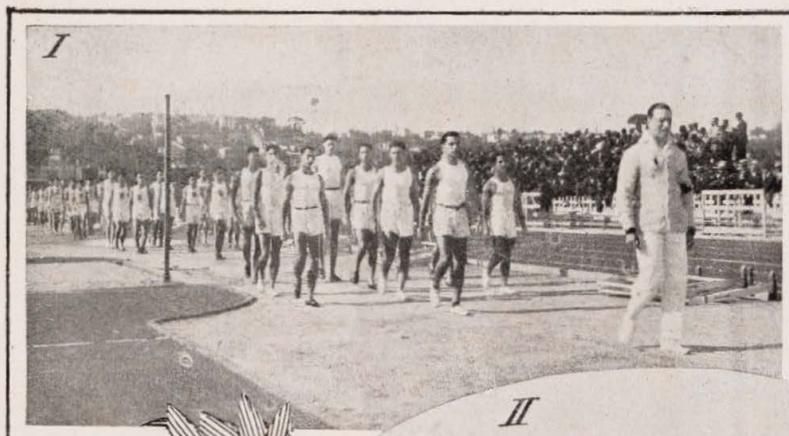
Em baixo : Um aspecto da enseada de Botafogo no dia das regatas de 17 de Junho.

No medalhão : As vencedoras do pareo feminino.



FROU-FROU... em S. PAULO

CLUB ATHLETICO PAULISTANO



I --- Desfile dos Athletas, na inauguração da nova praça de sports.

II --- Chegada da corrida de duzentos metros.

III --- Lançamento de peso.

S. Paulo, o Estado modelo, que em tantos campos de actividade nacional dá exemplos a todo o Brasil, acaba de inaugurar a sua praça de sports no "Club Athletico Paulistano". Foi uma festa brilhantissima que teve uma concorrencia numerosa e distincta, que se não cansou de applaudir os vencedores em todas as provas realizadas. São Paulo, por este modo, dá-nos uma verdadeira e eloquente lieção de cultura phisica: a de que se não deve limitar ao

"foot-ball" a actividade dos nossos "sportmen", havendo outras manifestações que, por equal, serviriam a prender a attenção e os cuidados dos cultores do levantamento do vigor da raça. O uso e abuso exclusivo d'uma só especie de sport leva a essa infelicissima situação de luctas mesquinhas e partidarismos, que a tão tristes scenas dá o r.

A "Frou-Frou..." dirige ao "Club Athletico Paulistano" os seus mais sinceros cumprimentos de parabens.



Uma variedade de moda

A MODA NO THEATRO

PERÍODO culminante da vida mundana é marcado, no Rio, pela abertura da temporada lírica no Municipal. Até então, fazem-se algumas leves escaramuças, prodromos da grande batalha, a que só o Sr. Mocchi tem o direito de dar início. Está, por conseguinte, muito próximo o rompimento da lucta naquelle salão branco e ouro, arena onde se chocam ambições sem limite e vaidades sem conta, pe. o ou medida.

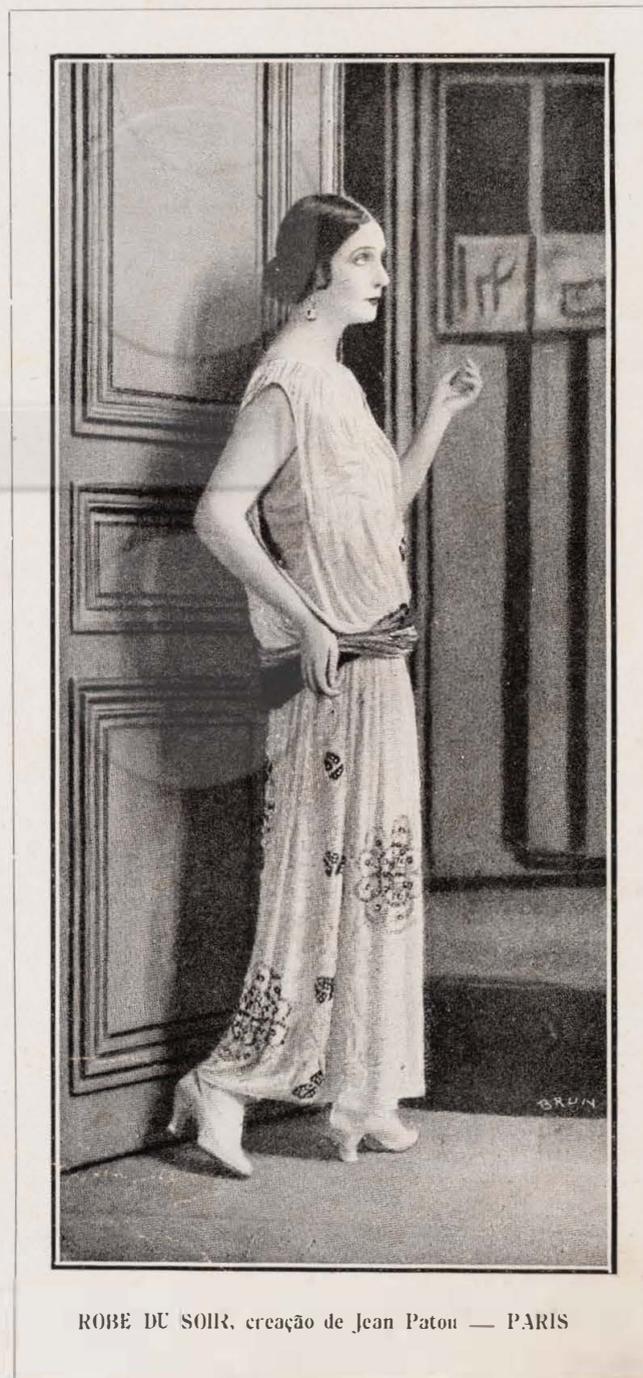
Frou-frou... apresia o seu cambêho para anotar as *toilettes* mais elegantes, mais artisticas, mais sensaçõnaes que durante a temporada lírica deslumbrem os frequentadores do primeiro theatro brasileiro.

Sabemos já que o Egipto, com os seus frisos triangulares e as suas rigidas linhas decorativas, andará por alli em profusão. Não será de estranhar que 1830 nos appareça exhibindo as suas minusculas rosas pallidas e os seus arremêdos de erinoline. Quer dizer que veremos, lado a lado, Cleopatra e Mimi Pinson. Não se devem dar bem. O sensaçional, entretanto, da estação estará na decoraçãõ das cabeças, na originalidade dos *manteaux*.

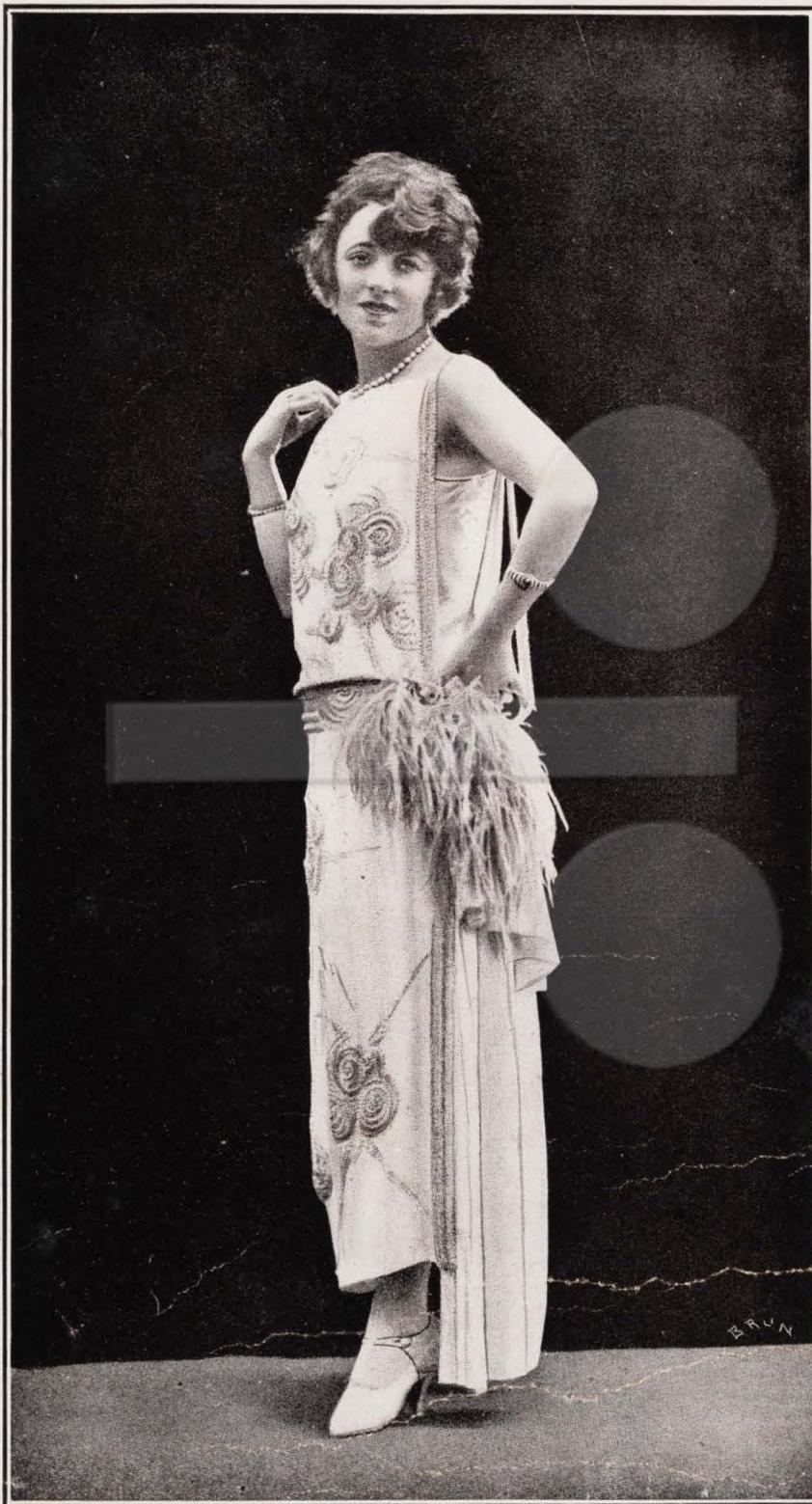
Estão em moda em Paris os *bals costumés*, com reconstituições rigorosas de povos e de seculos.

Quando resolverá a *hauté-gomme* carioca iniciar a sua imitação parisiense neste capitulo ?

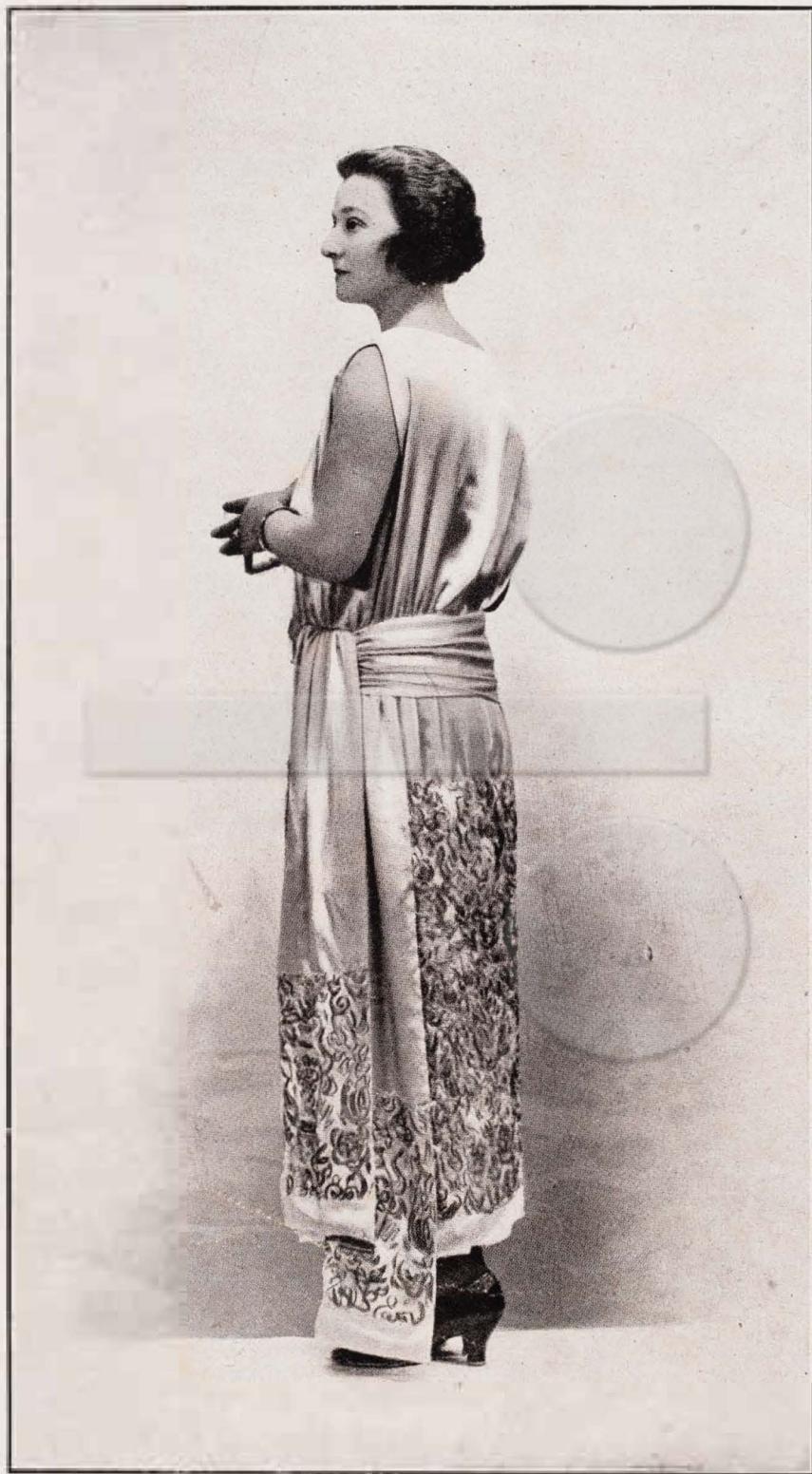
Certamente, o periodo mais brilhante a reconstituir seria o do *romantismo*, com os seus poetas, os seus políticos, as senhoras que então davam brilho aos salões do Rio e ás noites do Provisorio.



ROBE DU SOIR, criação de Jean Patou — PARIS



ROBE DU SOIR, criação de Jean Patou — PARIS



ROBE DU SOIR, criação de Monge — PARIS

CHAPEUS

Ultimas

Modas



Toque de "peau de Suède" preto. Aba estreita, ornamentado com fios de alumínio. Ornatos de fitas plissadas, postas á direita, um pouco para traz.



Chapeu em tricot preto. Forro de scilim, cobrindo a parte inferior da aba. Leço de "moire".



Toque com laço de tulle.

"Cloche", marginado interiormente d'uma grinalda de flores.

"Cloche" em que a grinalda occupa a base do toque.





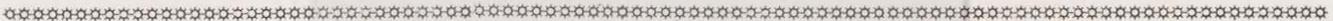
Robe de Fillette, criação da casa Ménard et C. - Paris



Grande chapéu. com a aba
fendida na reataguarda
Rosacca em lita
de faille.



Outro modelo da casa Ménard et C. - Paris



ASTOR
DARLETO

MODAS... MODAS...

- Não achas que este salão parece uma enfermaria ?
- Por que ?!
- Porque estão todas... "hespanholadas"...

O Jersey em pleno successo



O gracioso e original tecido de *Jersey* está em pleno successo. A Europa, no inverno que passou, e que, infelizmente ainda, serve de norma ás nossas elegantes, usou e abusou da *jersey*,

applicando-o de mil maneiras: *plissé, brodé, piqué...* Entre nós, pelo menos para este inverno *primaveril* que vae passando, o *jersey* está sendo um exagero, um *trop de zéle* censuravel por parte das rigoristas cumpridoras da moda. E' de notar que o *jersey* de lã não se usou no inverno europeu para passeio ou visitas, como por ahi se está vendendo. O seu uso foi especialmente marcado para as tardes de *sport* invernaes, como o *golf*, por exemplo. E' d'esse o modelo que as nozas gentilissimas leitoras podem ver junto, na gravura que acompanha esta nota.

E' uma *toilette de golf*, em *rouge e gris*. A saia é plissada, e sobre o busto está uma capa, por igual plissada e dos mesmos tons da saia. O corpete é de *jersey*, combinada, a gosto da dona da *toilette*, com uma das côres da saia e da capa. Usa-se o *jersey* tambem em capa de agasalho para passeio de automovel, em amplo *pantalon*, ou em casaco justo com manga solta; em *robe de tenis*, de *jersey* branco, plissado, etc. O que, repetimos, caracterizou o uso de *jersey* no inverno europeu foi a sua applicação ás horas de *sport*. Só temos muita pena das nossas lindas cariocas, que o vestem... com 20." á sombra.

A renda está ainda e sempre na ordem do dia. Com ella se compõe no modelo junto, ao centro, um lindo costume para receber. Tunica de renda sobre crepe de seda. Fita escocesa na cintura.



Dois vestidos de visita: o da esquerda, em crepe, azul marinho. Mangas e laço de crepe de cachemira; o da direita em crepe "Chine noir", com "fichu" e "volants" bordados a azul vivo e com rosas.



Muitos "volants" e dispostos de mil maneiras, mas sobretudo na frente. A moda mais recente consiste em fazel-os descer muito baixo na frente e arredondados.



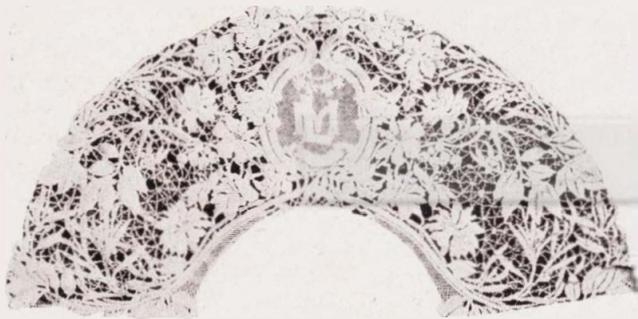


A POESIA DAS RENDAS

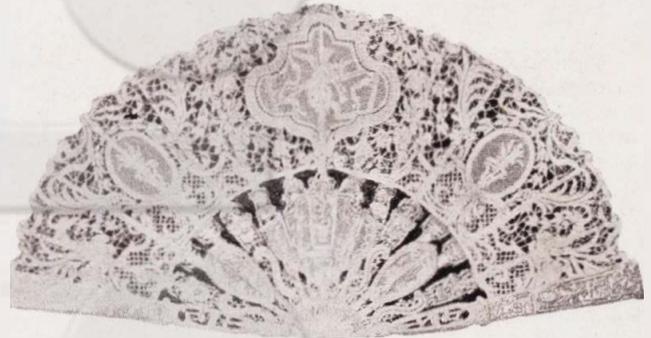
DAS

DURANTE muito tempo, a arte da renda teve, na Europa civilizada, uma aurea de grande esplendor. O seu encanto e delicadeza vivem, de ha seculos, na historia e na lenda. O seu tecido leve andava no luxo estonteante dos soberanos e senhores. Carlos V usava, debaixo da

eram decorados com riquissimas rendas, e como essa Nossa Senhora da Soledade, cujas rendas, pelo seu valor e quantidade exigiam o cargo d'uma dama de honor — viam-se por toda a parte as rendas mais preciosas e da mais maravilhosa riqueza. O seu uso era, então, absolutamente prohibido ás classes inferiores.



Um leque de renda portuguesa pertencente a Mme. Loubet, esposa do antigo presidente da republica francesa.



Leque de Malines

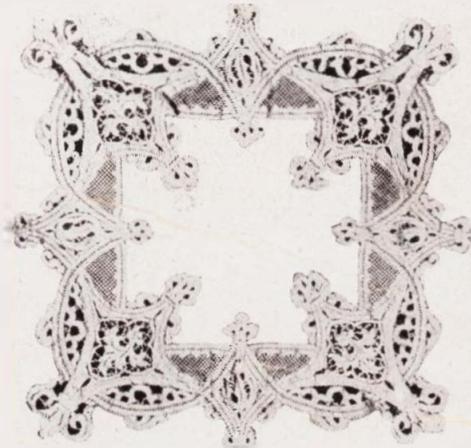
corôa, um solidéo de finissima renda. A repudiada Catharina de Aragão tinha, nos seus dedos de rendeira habil, um dos melhores argumentos para se defender das accusações do seu voluvel marido Henrique VIII. Catharina de Medicis empregava algum do tempo que lhe deixavam as intrigas politicas e religiosas tecendo renda com as suas tres filhas,

Claudia, Isabel e Margarida. No guarda-roupa da grande Isabel de Inglaterra, após a sua morte, encontraram-se tres mil vestidos guarnecidos de rendas. Não menos habil rendeira e amante de rendas era a sua inimiga e victima, a infeliz Maria Stuarts, de cujos vestidos ella se apoderou.

No tempo dos Valois usavam-se rendas de ponto de Flandres nas golas, nos peitos, nos punhos voltados, nas beiras das botas. Desde as carruagens e as cadeirinhas, que eram guarnecidas com rendas de Hespanha; desde os leitos e as mesas, cujos pannos eram ornamentados com rendas de Veneza, até ás imagens dos santos, como esse Santo Antonio de Valença, cujo chapéu e punhos do habito

Quem transgredisse essa determinação real, seria cruelmente castigado. A Renascença foi o período aureo d'essas rendas flamengas, que pareciam poemas de linho e de sêda. Henrique III, de França, inventou as ridiculas golas de renda encanodada, a que chamavam pittorescamente "fraise de veau", para occultar uma

cicatriz que tinha no pescoço. Nos principios do seculo XVII era tal o gasto que se fazia em França de rendas de Genova e Veneza, que Colbert procurou remediar o mal, desenvolvendo a industria nacional. Installou, para esse fim, em Lunray, na Normandia, uma fabrica sob a direcção de Madame Gilbert, natural de Alençon, a quem deu o subsidio de 50.000 escudos. Os methodos estrangeiros, modificados pelo gosto francez, crearam essas maravilhas que, sob o nome de rendas de Alençon, causam a admiração universal. Essa epoca, o seculo de Luiz XIV, enfim, é a epopeia das rendas, que não se usam mais só nos salões, mas se transportam, á guisa de armadura contra feridas de amor, n'esses brilhantes e pittorescos trajes da



Lenço, estylo gothico

guerra "en dentelles". Maria Antonietta fez, pelas suas mãos levianas e preciosas, um admiravel vestido "en point d'Alençon". Napoleão era um grande admirador de rendas. Ao vêr, pela primeira vez, o rendilhado ornamento d'uma Cathedral gothica, exclamou: "Parece uma formosa renda de Malines". Foi a seu convite que se reuniram as mais habéis rendeiras de Alençon para tecerem um balaieiro para o Rei de Roma. Para a imperatriz Maria Luiza, sua segunda mulher, irmã da primeira imperatriz do Brasil, mandou confeccionar o vestido de renda de seda e prata que hoje se encontra no museu Galliera, e uma guarnição de leito em ponto de Alençon, em cujos contornos se teceram bandos de abelhas.

● segundo imperio retomou, sob esse ponto de vista, as tradições do primeiro. A cidade de Alençon mandou executar, em 1855, um vestido de renda, que o imperador comprou por 200.000 francos e que a imperatriz Eugenia, fallecida ha poucos annos ainda, transformou em "roquette", offerecendo ao Papa.



Roquete em rendas de Malines, pertencente ao papa Leão XIII

Quem um dia não parou em frente a uns bilros em movimento, escutando o seu "craquement" original, não teve jámais a impressão da maravilhosa magia de que as mãos femininas podem ser dotados. D'aquelle voltear rapido, vertiginoso, dos pequenos pedaços de madeira. obedecendo ao nervosismo d'uns dedos cujo contorno, pela rapidez em que se agitam, mal se adivinha, surge, pouco a pouco, a espuma delicada das rendas, com os seus florecimentos caprichosos, com os seus entrelaçados surprehendedes. E' como, lentamente, um panno fosse descendo e pondo a descoberto uma branca e delicada architectura onde as archivolvas rosaceas gothicas se reproduzissem em formas minusculas e delicadas.

Entre nós a renda está ainda no seu estado incipiente. O nordeste brasileiro produz com belleza e primôr, mas produz o que já produzia quando, ha seculos, lá parou, n'essas plagas, a primeira rendeira açoriana ou madeirense. A' rendeira nacional falta incentivo efficaz e maior cultivo artistico, condições essenciaes d'um progresso n'esta interessante industria, que em paizes adiantados já sahio ha muito do seu periodo domestico. Em França, onde a renda nacional é uma das suas bellas tradições artisticas, a rendeira, em sua maioria vive e trabalha em sua casa, mas obedece, na orientação do seu labor, ás indicações do artista profissional. Cada uma das mulheres que, sob o seu tecto, trabalham na sua pequena tarefa, não se preocupa senão com o que tem de executar. O desenho do conjuncto é previamente composto por um desenhador especial. Depois divide-se esse desenho em pedaços de dez a vinte centimetros. Um empregado dos grandes manufactureros percorre os campos e entrega o cartão preparado com os fragmentos do desenho, vendendo ao mesmo tempo o fio ou a sêda de que a rendeira tem necessidade.

O processo mechanic de realisar o trabalho é que não varia muito. Lá, como por aqui, os bilros tem a mesma forma e disposição. Os bilros, longos como dedos, vão se adelgaçando para

a extremidade, onde o fio está enrolado. A extremidade do fio é seguro por um alfinete. A combinação de quatro extremidades de fio, retidos por um quinto em volta d'um alfinete, formando o centro, constituem a "chave" da renda a tecer. A "chave" é a parte mais leve da renda; as flores e os ornatos são d'um tecido mais opaco mas, em todo o caso, o processo de trabalho é o mesmo. Assim se fazem as "malines" e as "valenciennes"; como as da Madeira, como as do Ceará.

O que se torna necessario fazer para valorisar as rendas nacionais? Dar-lhe apenas um pouco de orientação artistica, creando modelos proprios e desenvolvendo nos trabalhadores d'esta industria domestica o gosto e o conhecimento tecnico, pois todo o seu trabalho de hoje é meramente tradicionalista e material. Costuma dizer-se que "de minimis non curat pretor"; mas em todo o caso não seria improprio, nem improductivo, que os homens da politica curassem um pouco des-

tes assumptos. Sabemos que, n'este rico e vasto paiz, onde os productos creadores de prosperidade enchem as horas dos homens publicos com a sua collossal fonte de riquezas; n'um paiz onde se cura do café, do assucar, da borracha e do algodão não parece justo que se dediquem uns minutos de attenção a essa pobre e humilde cousa que é a industria das rendas, fonte de dinheiro para paizes pobres. Mas do que se trata aqui não é de fazer brotar um rio de ouro, mas valorisar uma pequena e brilhante manifestação de arte nacional, não a deixando morrer á mingua, nem definhar n'uma estagnação de processos e de modelos rotineiros. E veremos, que não é tão desvantajosa assim a protecção a dar, pelos poderes publicos, á industria domestica das rendas nacionais, se tivermos o cuidado de examinar as estatisticas e verificarmos que sahem pelo mar fóra, na compra de rendas estrangeiras, centenas de contos em cada anno.

Existe um meio pratico de desenvolver em todo o territorio nacional o gosto pelo fabrico das rendas e o seu consequente melhora-mento: o de tornar obrigatorio nas escolas o seu ensino, introduzindo-lhe nova orientação artistica e despertando emulação em concursos publicos. Na camara franceza, os deputados do Haute-Loire apresentaram, ha annos, um projecto de lei n'esse sentido, principalmente para os departamentos rendeiros. Os resultados obtidos foram maravilhosos. A renda tornou-se, n'essas escolas, materia tão necessaria como a arithmetica ou a grammatica.

A renda, nas suas linhas delicadas, é um padrão de gosto e os motivos de decoração que poderiam ser arrancados á flora brasileira dariam á renda nacional um cunho todo especial, valorisan do-a, artistica e industrialmente. Porque não tentar?

Frou-frou... teria um grande prazer em estimular esta iniciativa, chamando a attenção dos homens publicos, que sejam ao mesmo tempo homens de cultura artistica, para a necessidade de dar uma orientação mais productiva á bellissima arte que tanto nobilita os estados do norte.



Uma obra prima de paciência: um vestido de renda feito à mão

OS CONTOS LICENCIOSOS

DE CRISTOBAL DE CASTRO

— Imbecil!
 — Mas, meu senhor!
 — Anuncia-me a Sua Alteza Imperial, já te disse.
 — E' que... tenho ordens terminantes...



— Idiota!
 Mas, meu senhor...
 — O'ventura ignora, pedaço de velhaco, que estás fallando a Leão Naritchkin?

— Foi tal o seu gesto de ameaça, que o criado recitou até ao reposteiro. De dentro vinham risos, um sussurro de vozes alegres, e uns vagos tons de violino.
 O cavaleiro Naritchkin, com a sua casaca azul, de espadim e cabelleira de rubicho, apresentava-se, entre empertinante e elegante, como um verdadeiro Grammont. Passava, aspirava uma pitada de rapé e colava o ouvido ao reposteiro...

Estamos na corte slava de Isabel Teodorona,

onde se assentára um arremêdo juvenil e audaz das licenciosidades engenhosas, dominantes em Versailles e White Hall. A familia imperial cercava Naritchkin de considerações; o príncipe herdeiro tratava-o com singular intimidade, como a um camarada. As damas de Isabel e Catharina disputavam a sua conversação como se fosse uma aventura galante. Até o populacho, nos mercados do Pontanka e no Bairro Tartáro repetia as suas anedotas licenciosas com um prazer egual ao que os carregadores de Londres sentiam ao repetir as aventuras de Shéridan e o mulherio de Paris as mordazes anedotas de Beaumarchias.

Dentro colaram-se, de repente, as gargalhadas e os sons do violino. O cavaleiro endireitou a gravata de rendas e um creado, rapidamente ergueu o reposteiro. Com uma boneca nos braços, appareceu Sua Alteza Imperial, o grão-duque Pedro, presumptivo herdeiro do trono.

— Olha para ella, coitadinha. Pallida, desgrenhada, sem cor. Imagina. Está apaixonada.

— Como se chama, Alteza?
 — Natalia Paulona, mas devees apellidá-la, respetosamente, em francez, *Mlle Tristesse*. Não estás vendo? Que cara! que olhos! Vamos! Diz-lhe alguma coisa com espirito para ella se rir. Mas em francez. Leão Naritchkin. Os francezes sabem culiar melhor da sua lingua que os russos.
 — Naturalmente. Aos russos... arranca-cam-n'a.

— Leão Naritchkin! Nada de illusões. Vamos ver como te portas esta noite no Conselho. Tens algum conto novo? Tens? Aviso-te que hoje o salão Bayardo vai ficar repleto. Tergio Orloff convidou seis officiaes. André Krupin quasi toda a familia. Vamos lá. "Mlle. Tristesse". Não vês que cara, que olhos que ella tem Naritchkin?

II

Entre os estumes extravagantes, decadentes de Sua Alteza Imperial, destaca-se a criação d'esse Conselho, copia requintada, como russa que era, das *conversazioni*, entre cortezas e licenciosas, iniciadas pelo Decameron e melhoradas no *Diario* de Burkhardt.

Pedro, ao approximar-se a hora da reunião do Conselho, batia as palmas jubiloso, consultando a lista dos convidados *especiaes*, entre os quaes sempre se encontrava algum grave senhor conde ou barão, que julgava o Conselho revestido de character ecclesiastico. Os frequentadores assíduos, entre sorrisos e cotoveladas, cercavam o cateum no. O engenhoso Naritchkin, *contista imperial*, fazia uma venia ao grão-duque e presignava-se. E logo depois começava a narrativa d'um conto licencioso.

Naquella noite havia um convidado especial, o Conde Pablo Stolipin, agregado do Santo Sinodo, protector do convento de São Alexandre N-wky, homem que era tão religioso que resava até quanto comia.

A concorrência era grande. Erhavam os lustres e nos *panneaux* do salão Bayardo animavam-se as scenas bellicas, em que os primeiros duques de Kief perseguiam á lança as hordas de Tamerlen. Entrou Sua Alteza Imperial com a boneca nos braços, e guiado por Leão Naritchkin e pela sua guarda. Fez-se silencio, e como se estivesse n'uma cerimonia religiosa, o grão-duque disse solemnemente:

— Podeis começar, Leão Naritchkin. Neste salão não estão senhoras...

O gentil cavaleiro persignou-se devotamente. Todos imitaram.

— Todos sabemos — com çou Leão Naritchkin — que a condessa Karenin...

Assombro geral. Porque lembrar a condessa Karenin, senhora honestissima, nas reuniões licenciosas do Conselho? Saboreando aquelle espanto geral, o gentil cavaleiro repetiu, destacando as syllabas:

— Todos sabemos que a condessa Karenin...
 O genio vivo e impaciente de Sua Alteza sentiu-se irritado:



— Vae para o diabo, Leão Naritchkin. Que é que nós sabemos todos da condessa Karenin?... Acaba!

— Como acabar. Alteza, se só agora é que eu começo? Todos sabemos...

— Já ouvimos. Que a condessa Karenin...

— Ah! Vossa Alteza tambem sabe? — disse, sorrindo, Naritchkin...

O auditorio ficou estupefacto, julgando que o grão-duque tambem conhecia algum facto grave na vida da condessa. Com aquelle honestissima senhora? Quando? porque? Com quem?

— Acaba por uma vez, já disse! vham-te seis-centos demonios.

O religioso conde Stolipin, acolhendo-se na sua poltrona, julgava-se sob o dominio d'um pesadão. Nêbros calunniando s nobras! Príncipe blasphemando como cocheiros! E ia resuando, entre dentes, desolado: "senhor! Tende piedade de nós!"

Naritchkin, cedendo ao manio de Sua Alteza, disse:

Todos sabemos que a condessa Karenin é uma senhora honesta, de reputação inatrevcl...

— E' claro...

— Claro, claro...

— Mas...

A pausa foi imposta por um pigarro teimoso de Leão Naritchkin. O genio impaciente do grão-duque dispunha-se a fazer das suas, quando erguendo o reposteiro, sufocada de indignação e de raiva, a propria condessa Karenin surgiu, feroz como um Euménides.

— Que tens que dizer de mim, calumniador? Que tens que dizer de mim?

A sensação foi enorme. O silencio tão profundo, que se ouvia o crepitar das velas dos lustres.

Leão Naritchkin fez uma respeitosa e longa reverenda e disse:

— Todos sabemos que a condessa Karenin, senhora honestissima... se esconde atraz dos reposteiros para ouvir as calumnias que aqui se levantam contra as outras senhoras...



BANCO DO RIO DE JANEIRO

Teleph. N. 107 e N. 6159

RUA D'ALFANDEGA, 26

End. Telegr. "BANRIA"

Filiaes: Miracema, Cabo Frio, Muquy e Santo Antonio do Carangola

CORRESPONDENTES EM TODAS AS PRAÇAS DO BRASIL

Capital autorizado 10.000.000\$000

Tabella de Juros em c/c.

Movimento	3 %	Aviso	6 %
Limitada	5 %	Praso: 6 meses	7 %
	1 anno.		7 1/2 %

FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS EXCEPTUANDO CAMBIO
 26, RUA D'ALFANDEGA, 26



A correspondencia da Duquesa

ALBUM FAMILIAR

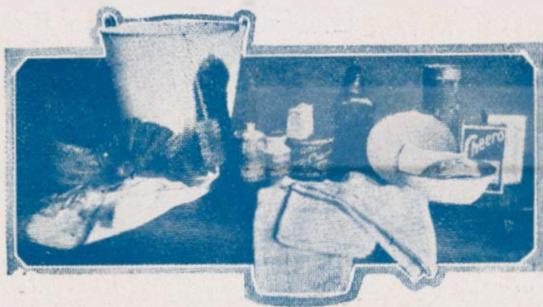
A boa Economia Domestica

A limpeza completa de uma casa é o assumpto do presente artigo, e a boa dona de casa que o ler encontrará tudo que necessita para emprender a renovação annual do lar.

A limpeza total de uma casa é um dos problemas mais sérios para uma dona de casa pela perturbação que vem causar na vida de cada dia.

Os homens esgueiram-se para os cafés e clubs, e as donas de casa, n'esta tarefa, procedem de uma maneira tal que criam desordem e confusão. Muito desse 'barulho' trazido por essa limpeza geral é, contudo, desnecessario, e essa funcção de fórma alguma merece a importancia que se lhe dá.

PLANO DO TRABALHO. — Muitos dos desconfortos usualmente trazidos com a limpeza annual podem ser evitados, fazen-



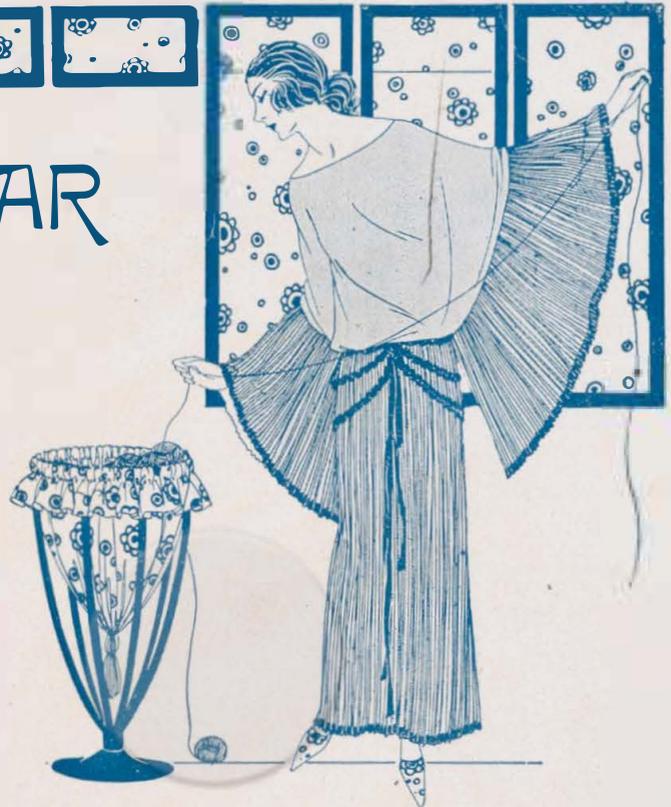
Antes de se dar inicio ao trabalho, devemos ter todo o material necessario: pinceis, escovas, pás, polidores, etc

do-se um plano prévio e cuidadoso antes de principiar o trabalho. Primeiramente deve-se determinar a data e ter-se tudo prompto ao approximar-se esse dia marcado. Pelos fins da Primavera é sempre melhor; porém, se houver antes uma época de bom tempo, podemos utilisal-a com vantagem.

A boa dona de casa não se esquecerá de arranjar todos os necessarios auxiliares para o trabalho e em tempo devido, lembrando-se de que muitos dos seus vizinhos estão fazendo os mesmos planos e as mesmas preparações como ella, e de que se deixar estes cuidados para uma época muito approximada ao tempo que ella houver marcado para começar o trabalho, ella poderá soffrer uma decepção, faltando-lhe os auxiliares indispensaveis. Determine-se, pois, a data com 15 dias de antecedencia.

RENOVAÇÃO E DECORAÇÃO. — Do mesmo modo, deve-se decidir sobre qualquer renovação ou decoração necessaria. Escolha-se o papel e as pinturas e faça-se o decorador ver o que vae ser preciso adquirir de antemão, tratando-se, ao mesmo tempo, com elle, uma data para começar o seu trabalho.

Deve-se fazer, como medida preliminar, uma inspecção completa em cada quarto ou divisão da casa. Munida de um caderno e de um lapis, a dona de casa deverá ir de quarto em quarto e annotar qualquer reparo preciso, para que saiba de antemão o que deverá ser feito, o que deverá ser renovado ou decorado. O mais importante é que se tenha tudo prompto, todo o material adquirido antes de se começar o trabalho. Nada é mais nocivo á efficiencia deste trabalho do que, no momento chegado, começar a notar-se que falta o polidor, que a escova está perdendo os pellos quando se necessita de um polimento bom ou de uma boa escova para a necessaria limpeza de um compartimento.



LIMPEZA E POLIMENTO. — Para um resultado efficiente e economico, a limpeza e o polimento de uma casa devem ser feitos juntamente.

As seguintes receitas teem provado seus effeitos no uso corrente:

Para polir a madeira. — 10 decilitros de óleo de linhaça; 2 1/2 de aguarraz; 1 1/4 de litro de vinagre e 1 1/4 de espirito methylisado. É essencial que se use as proporções bem exactas na mistura dos ingredientes para esta receita.

Pasta para madeira. — 2 onças de cêra nova amarella; 1 onça de cêra branca; 2 onças de sabão coalhado, 0,5 de aguarraz; 3 1/4 de agua de chuva ou agua fervida. Corte-se bem meudinha a cêra e dissolva-se na aguarraz. Corte-se bem o sabão e dissova-se em agua. Deixe-se esfriar e incorpore-se vagarosamente, batendo com uma colher até que se torne expesso e se torne em pasta ou crême.



Ao interior do pinno deve dar-se uma limpeza geral, desmontando-o, se for preciso.

Polimento para móveis de madeira velha. — 1 litro de cerveja, 1 2 onça de cêra moída; 1 2 onça de assucar mascavo. Dissolva-se o assucar e a cêra na cerveja, e applique em quanto quente á madeira, usando-se um pincel para as partes esculpidas. Deixe-o secar e quando secco, póde polir com polidor bem secco e brando.

Mistura para esfregar. — 2 pacotes de extracto de sabão, 1 libra de pó de prata, 1 bola de branquear. Misture tudo bem e guarde em latas de folha de Flandres.

Sabão para tapetes. — Corte bem 2 onças de sabão caseiro, colloque-o em seguida em uma frigideira,

derramando sobre isso um pouco de agua fervendo. Colloque a frigideira no fogo e mecha-a até que o sabão se tenha dissolvido.

Adicione-se 1/2 onça de soda de lavagem e 3 colheres de ammonio. Misture tudo bem e despeje-se tudo num vaso ou jarro.

DANDO INICIO AO TRABALHO. — Devemos fazer uma escala e um horario do trabalho a realizar. Cada qual deve ter umas certas funcões para desempenhar, e estas devem ser planeadas de fórma que não sobrecarreguem os afazeres de outrem. Um horario escripto e um plano de trabalho feitos cautelosamente, discriminando e distribuindo os afazeres de tal maneira que nenhum dia seja sobrecarregado, será de efeitos surprehendedentes.

Quando se estiver elaborando o horario, não se deve esquecer a hora de fazer as refeições. E' um plano excellente organizar-se um "menu", para a semana, de alimentos leves.

E' melhor começar o trabalho de cima. E' essencial evitar-se qualquer apparencia de confusão e isto se consegue com uma boa direcção, fazendo-se tudo em boa ordem. Tudo que fór possível, no tocante a moveis e mobiliarios, deve ser arreado do compartimento em limpeza. Tendo-se tirado e limpo as escrivaninhas, gabinetes, etc., deve-se espanar o tecto e as paredes com um espanador especial para paredes ou com uma vassoura mole, em cuja ponta se deve prender um espanador brando.

PINTURAS. — Não se deve usar soda para limpar os quadros: ella tanto remove o sujo como a pintura. Deve-se usar pannos molles, um dos quaes se emerge numa bacia de agua quente e esfrega-se o quanto mais seccamente possível antes de molhal-o no pó. O successo depende de se usar só um pouco de agua. Passe o panno de cima para baixo — nunca circularmente — e, tendo limpo um pouco da pintura, lave e enxugue bem antes de passar a proceder noutra parte do quadro. Deve-se ter cuidado especial com a pintura a verniz. O verniz sahe facilmente, por isso deve-se evitar a agua quente. A agua fria ou tepida abrandada com um pouco de borax é o melhor. Usando-se uma camurça para a lavagem e usando-se para a seccagem um panno de linho.



Aos objectos de prata deve cuidar-se a limpeza para não soffirem arranhões

Para a frente dos portaes e outros trabalhos de pintura, nada é melhor do que parafina. Porém, use-se muito pouca quantidade de parafina e esfregue-se ao geito da pintura. Deve-se polir bem antes de limpar. As frentes dos portaes, etc., assim tratadas, conservam-se mais do que se tratadas da maneira ordinaria.

OS RELOGIOS. — Os relogios devem estar em boa ordem de trabalho para corresponder á ordem geral da casa. Se bem que qualquer reparo necessario deva ser feito por um profissional é, comtudo, surprehendente o resultado que póde ser obtido na maneira "antiga" de os limpar. Exemplo: colloca-se uma almofada de algodão saturada de parafina dentro da base de um grande relógio. A poeira cahe na almofada com parafina, cujas exhalacões tambem lubrificam as peças.

LIMPEZA GERAL DA COSINHA. — E' essencial uma limpeza geral nos utensilios da cosinha.

Aqui, como no resto da casa, é melhor limpar o apartamento a um tempo, ou no caso de uma cosinha e dispensa combinadas — realizar alguma operação menor de limpeza antes de se fazer um desmantalamento total.

O primeiro passo deve ser tirar os armarios e gavetas e, depois de uma lavagem com vassouras e depois de bem enxuto, deve-se ornamentar as prateleiras com papel ou com pannos americanos proprios. Depois as panellas, frigideiras, caçarollas etc., devem



Deve ter-se nm cuidado especial com os aparelhos electricos
O aquecedor deve ser escovado com uma escova macia para remoção dos detritos.

ser bem limpas e dispostas. Os utensilios menores de estanho devem ser lavados com agua fervendo para remover os depositados resquícios de gordura.

Um cuidado especial se deve tomar na raspagem dos fundos das challeiras e panelas a que se aggregam resquícios de fúigem e de gordura que vem obstar que ellas ferveram depressa e sejam, por isso mesmo, grandes desperdiçadoras de lenha. Muitas pessoas não tomam o devido cuidado com o fundo d'esse utensilios.

A' proporção que as panelas e a louça forem bem lavadas, deverão ser examinadas cuidadosamente quanto aos buracos e nodos.

Será bom ir-se fazendo um inventario do equipamento da cosinha quando se proceder á limpeza, de sorte que, quando cada artigo passar pelas mãos do limpador, se faça um registro.

Não se deve esquecer nem do menor material electrico. O aquecedor electrico deve ser bem limpo. Os elementos devem ser espanados para remover qualquer sujeira e o utensilio todo deve ser raspado. Comtudo, deve-se tomar cuidado de não cortar ou causar ruptura no fio electrico e, assim, estorvar o sufficiente supprimento da corrente electrica

No proximo numero "Frou-frou..." continuará a dar-vos o seus conselhos sobre esta materia

Os nossos Jardins

O primeiro jardim que o homem habitou foi certamente o do Paraiso, mas aos chinezes parece que devem attribuir-se os primeiros jardins imitando a natureza. A arte de fazer jardins, segundo um velho escriptor chinez, consiste no seguinte:

"A arte de fazer jardins consiste na combinação d'uma vista agradável, d'uma vegetação abundante, sombra, solidão, repouso,



tudo isto arranjado de modo que possa illudir os sentidos e fazer-lhes crer que é realmente a natureza. A diversidade é o principal atractivo da paisagem natural; é necessario procurar imital-a nos jardins e escolher com cuidado um terreno, que nos facilite tambem o formar collinas, valles, gargantas, rios, cascatas e lagos, com plantas apropriadas. A simetria cança e aborrece"

É quem não tiver terreno para tanta phantasia, — perguntará a leitora, que tem apenas tres metros quadrados de terra, no seu ninho, onde se possa exercer o seu gosto de jardineira?... Não faz os lagos, nem os valles, nem gargantas, nem os rios; e aproveita tambem o formar de terra com gosto e cuidado e accrescenta-lhe trepadeiras floridas, empregando os grosseiros caixotes que lhe venderá o seu vendeiro, e a que umas pincladas de laca branca darão um ar de alegria e de belleza. Claro que estamos escrevendo para quem não possua milhões, mas que tenha gosto.

CORTINADOS



Não somos apologistas de amplos e pesados reposteiros nos nossos domicílios urbanos. A riqueza dos panejamentos de velludo ou d'outro qualquer tecido de preço fica desharmonicamente na mesquinhez das nossas salas burguezas. De mais a mais, em climas quentes como o nosso, os grandes e grossos reposteiros parecem dar mais calor ás pequenas salas e são, sem duvida, um bom repositório de poeira e de microbios, isto mesmo levando em conta o asseio cuidadoso da nossa lei tora.

Modernamente, porém, ha uma grande corrente para o uso de tecidos leves, répes, mórmente nas salas de jantar e nos quartos. N'estes ultimos aposentos não os aconselhamos. Para as salas de jantar são, na verdade, interessantes e economicos, porque os encontramos, de typo inglez e americano, fabricados no Brasil. São de preço relativamente rasoavel, podendo ser adquiridos, mesmo por quem não tenha dinheiro na Caixa Economica.

Tem um pequeno defeito: perdem rapidamente o colorido. Mas como não são caros... podem ser substituidos.

VELOCIDADE DO VENTO

A fim de dar uma ideia da rapidez com que os ventos transpõem distancias, aqui apresentamos, conforme calculos feitos no mar, as differentes velocidades percorridas no espaço de uma hora pelas grandes correntes de ar.

Vento que enferma bem as velas de um navio: 20.000 metros por hora.

Vento bom para moinhos: 25.000 metros.

Vento para um bom andamento no mar: 35.000 metros.

Vento que faz colher as vélas altas de um navio: 55.000 metros.

Ventos impetuosos: 70.000 metros.

Vento tempestuoso: 80.000 metros.

Grande furacão: 200.000 metros.

CARLOS V E AS LINGUAS

Carlos V, querendo fazer sentir a differença de carater das linguas, proprias para differentes objectos, dizia que fallaria francez a um amigo, "francese ad un amico"; allemão ao seu cavallo, "tedesco ai suo cavallo"; italiano á sua amante, "italiano alla sua signora"; hespanhol a Deus, "spagnuolo a Dio"; e inglez aos passaros "inglesi agli uccelli".

Quando era simplesmente o principe D. Carlos, costumava dizer que queria servir-se da lingua italiana para fallar ao Papa; da hespanhola para fallar á rainha Joanna, sua mãe; da ingleza para fallar á rainha, sua tia; da flamenga para fallar aos seus amigos; e da franceza para se entreter com siigo mesmo.

A generosidade dos vencedores é a sua maior virtude. Napoleão, que sabia vencer como ninguém, como ninguém, igualmente, sabia ser generoso e nobre. Na famosa campanha da Russia, ócaso brilhante do seu sol da victoria, travou-se a terrível batalha de Moskowa, em que Napoleão, viu afastarem-se da lucta, feridos ou mortos, quarenta e tres generaes. A mortandade fora horrivel. Um cavallo, na marcha espatifou o cerebro d'um ferido estendido no caminho. Alguem observou que não havia mal. Tratava-se d'um russo. Napoleão, repostou violentamente: "Depois da victoria não ha mais inimigos; mas sômente homens!" E obrigou os officiaes da sua guarda a ir auxiliar o serviço de feridos.

BORDADOS A' MACHINA

A MATIZ, SOBRE VELLUDO

Traça-se o desenho a filó e colloca-se esta especie de tela sobre o lado direito do velludo, unindo-a a este com alinhavos finos. Tem de preparar a machina com agulha n.º 0 e seda n.º 00 e passar um pesponto por todas as linhas do desenho.

Corta-se depois os *nifis* de toda a parte do modelo que abarca os arcos e começa-se a fazer o bordado como de costume.

O OURO SOBRE SETIM

O desenho traça-se no revez do tecido, que ficará voltado assim ao sêr collocado nos aros. Enrola-se na bobina torsadilho de ouro de tres cabos, muito fino, deixando a tensão um tanto frouxa, o necessario para que o fio metalico passe sem retorcer. Ponha-se agulha n.º 1 na machina e no carretel seda da côr do ouro, o mais parecida passível ao fio metalico e com a tensão precisa para que venha sempre bem adherente ao lado direito do setim, sem ficar frouxa, nem tão esticada que se conheçam os pontos. O bordado irá aparecendo do lado de baixo que é o direito do tecido, onde o fio de ouro ficará estendido, sujeito pela seda do carretel. Ao collocar o bastidor na machina tira-se o fio de ouro através a tela por meio d'um ponto, sujeitando-o com a seda de cima. Dá-se um outro ponto e amarram-se os dois. Feito isto, começa-se o trabalho com pontos muito curtos e o mais uniformes possível. Devem-se encher as figuras do desenho com o fio de ouro, collocando as linhas bem perto uma das outras, sem se sobreporem.



O CAVALHEIRO DISTINCTO

evita em sua toilette todo exaggero.

Usando sómente a *4711* com seu delicado e discreto aroma, conseguirá sublinhar a sua distincção e elevar o conceito de sua elegancia.

Reparem a marca registr. *4711* sobre rotulo AZUL-OURO de Ferd.

Mulhens Cologne s. Rheno
(Allemanha)



4711 Eau de Cologne

Agentes Geraes no Brasil: EWEL & COHEN (Limitada) Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE ITABORAHY, 32-A

NOS ESTADOS.

SÃO PAULO - F. Traus & Comp.

BAHIA - F. Frank & Comp. Limitada.

RECIFE - Carlos von den Steinen. PORTO ALEGRE - Carlos Engel.



A criação inteira move-se ao impulso das quatro letras deste imperativo: VIVE!

Mas para cumpril-o integralmente, isto é para "viver a vida," gozar as suas alegrias, afrontar com serenidade as suas penas, alcançar as glórias que ella nos promete, cumpre manter-se a salvo da dor physica que é o maior inimigo da actividade e do entusiasmo.

A CAFIASPIRINA é o remedio que de mais seguro existe contra as dores de cabeça, garganta e ouvido, nevralgias e resfriamentos. Não sómente proporciona alivio immediato, como faz desaparecer o abatimento physico consequente ás dores fortes, ao excesso de trabalho mental e ao abuso de bebidas alcoolicas.

CAFIASPIRINA possui, entre cem outras vantagens, a de ser absolutamente inoffensiva para o coração.

Vende-se em tubos de 20 e em Enveloppes de dois comprimidos, um e outros identificados pela Cruz Bayer.



A Historia de MANON LESCAUT

Do ABBADE PRÉVOST

(Continuação)

Não manifestou nem rigor nem desdem. Respondeu-me, após alguns momentos de silencio, que sabia que ia ser muito infeliz; mas como não encontrára maneira de evitar semelhante desgraça, estava convencida que aquella era a vontade do céo. A doçura dos seus olhares, o aspecto encantador de tristeza ao pronunciar estas palavras, ou antes a força do meu destino que me arrastava para a minha desgraça, não me deixaram reflectir um momento sobre a minha resposta. Assegurei-lhe que se a minha honorabilidade lhe merecia alguma confiança e acreditava na ternura infinita que me inspirava, eu empregaria a minha vida em a livrar da tirania de seus paes e em a fazer feliz. Tenho-me espantado mil vezes, ao reflectir em tudo isto, com o arrojo e facilidade de expressão que então me veiu; mas não se faria do amor uma divindade se elle não operasse d'estes prodigios.

Acrescentei mil outras palavras convincentes. A minha adorada desconhecida sabia muito bem que, na minha idade, não se é mentiroso. Confessou que se eu encontrasse um dia meio de lhe dar, de novo, a liberdade, ella julgava dever conceder-me alguma cousa mais caro do que a vida. Respondi-lhe que estava disposto a tomar qualquer resolução; mas como não tinha experiencia da vida sufficiente para, de repente, descobrir os meios de lhe sêr prestavel, fiquei-me n'este offerecimento vago, que não podia servir-lhe de grande auxilio, nem a ella, nem a mim. O seu argus, que viera de novo para junto de nós, faria que se me esvassem as ultimas esperanças, se Manon não tivesse tido bastante iniciativa para suprir a que me faltava a mim. Foi grande a minha surpresa quando a ouvi tratar-me por seu primo, ao chegar junto de nós o creado. Sem a menor perturbação da sua parte, acrescentou que se sentia muito feliz por me encontrar em Amiens e que ia transferir para o dia seguinte a sua entrada no convento, para ter o prazer de ceiar commigo. Compreendi perfeitamente o estratagem. Offereci-lhe, então, alojar-se numa hospedaria, cujo proprietario, que se estabelecera em Amiens, tinha sido, durante muito tempo, cocheiro de meu pae, sendo-me inteiramente dedicado. Eu mesmo para alli a levei, enquanto o seu velho servidor parecia ir, pelo caminho, murmurando pouco satisfeito, e o meu amigo Thierge nos seguia sem pronunciar uma palavra parecendo não ter comprehendido cousa alguma d'aquella scena. Não tinha escutado a nossa conversação. Ficára a passear no pateo da hospedaria, enquanto eu falava de amor á minha linda adorada. Como receasse os seus conselhos, encarreguei-o de uma missão, para o afastar de mim. Deste modo, tive a felicidade de, ao chegar á hospedaria, ficar a sós com a soberana do meu coração. Reconheci então, dentro de pouco tempo, que eu era menos creança do que julgava. O meu coração cedeu a mil impetos de prazer, de que não tinha, até aquelle momento, a menor ideia. Um delicioso ardor se espalhava pelo meu sêr. Fiquei n'uma especie de transporte, que durante alguns instantes me não deixou fallar, e que se manifestava

apenas nos meus olhos. Mlle. Manon Lescant, — foi assim que ella me disse chamar-se — pareceu-me muito contente com esta impressão que em mim produziam os seus encantos. Pareceu-me que ella não se sentia menos commovida do que eu. Confessou que eu lhe parecia muito amavel e que sentia contentissima por me dever a sua liberdade. Quiz saber quem eu era e as minhas afirmações mais lhe augmentaram a sympathia, porque, sendo d'uma familia burguesa, sentiu-se envaidecida com a conquista d'um homem nas minhas condições sociaes. Conversamos sobre a maneira de nos pertencermos para sempre. Após um grande numero de reflexões, concluímos que não nos restava outro meio que não fôsse a fuga. Tornava-se preciso illudir a vigilancia do seu creado, que era um homem para temer, apesar de ser apenas um criado. Combinamos que eu mandaria preparar durante a noite

uma cadeira de viagem e que voltaria de madrugada á hospedaria antes do creado acordar; que seguiríamos, em segredo para Paris onde, logo que chegassemos, casaríamos. Eu tinha cerca de cinquenta escudos, que eram o producto das minhas pequenas economias; ella tinha quasi o dobro. Imaginavamos, como creanças sem experiencia que eramos, que aquelle dinheiro não acabaria mais.

Depois de ter ceado com uma vontade como nunca até então sentira, retirei-me para dar execução ao nosso projecto. Conseguir o que desejava foi tanto mais facil quanto eu tinha tudo preparado para partir no dia seguinte para casa de meus paes; a minha equipagem estava prompta. Não tive difficuldade alguma no transporte da minha mala e em conseguir uma cadeira de viagem para as cinco horas da manhã, que era a hora a que as portas da cidade deviam estar abertas. Encontréi, porém, um obstaculo com que não contava, e que, por pouco, me destruiu todos os meus planos.

Thierge, posto que apenas tres annos mais velho do que eu, era um moço d'um grande senso moral e d'uma conducta regularissima. Estimava-me sincera e apaixonadamente. A presença d'uma linda moça, como era Manon, a minha pressa em a guiar; o cuidado com que o afastara, fizeram-lhe nascer algumas suspeitas sobre o meu amor. Não se atrevêra a voltar á hospedaria onde me deixára, com receio de me offender com o seu regresso; mas fôra esperar-me no meu quarto, onde o encontrei ao chegar, apesar de serem já dez horas da noite. A sua presença contrariou-me. Elle comprehendeu-o perfeitamente. "Tenho a certeza, disse sem dissimulação, — que pensas em alguma cousa que pretendes occultar-me. Conheço-o no teu rosto" Respondi-lhe, com asperêsia denasiada, que eu não tinha obrigação de lhe dar conta de todos os meus actos. "Realmente assim é, replicou; mas sempre me trataste como um amigo; e esta qualidade supõe a existencia d'um pouco de confiança e de franquesa". E tanto, e durante tanto tempo me importunou para que lhe revelasse o meu segredo, que como nunca fôsse reservado para que com elle, lhe fiz completa narrativa da minha paixão. Recebeu essa confidencia



Eu cavalgava ao lado da cadeirinha

com tanto descontentamento que me assustou. Arrependi-me, sobretudo, de lhe ter revelado o meu desejo de fugir. Observou-me que era bastante amigo meu para não deixar de opôr-se com toda a sua energia a semelhante loucura; que queria, em primeiro lugar, dizer-me tudo aquillo que lhe parecia sufficiente para me fazer mudar de ideias; mas que se eu não renunciasse immediatamente a minha desgraçada resolução, elle avisaria pessoas que certamente teriam poder para me segurar. Fez-me depois unia séria advertencia durante mais de um quarto de hora, e concluiu ameaçando de novo denunciar-me, se eu não lhe dêsse a palavra de que seguiria uma conducta rasoavel e prudente. Fiquei desesperado por me haver traído assim tão idiotamente.

Comtudo, porque o amor me abriu extraordinariamente os olhos em tres ou quatro horas, rapidamente notei que não o transformara do desejo de que a minha fuga se realisasse no dia seguinte e resolvi, por isso, enganalo. "Tiberge, disse-lhe, eu estava convencido até agora que éras meu amigo e por isso quiz pôr essa amizade á prova com esta confidencia. Realmente eu amo, não te enganel, informando-te; mas no que diz respeito á minha fuga, não é empresa para tomar assim levanamente. Vem buscar-me amanhã ás nove horas; vou apresentar-te a minha amada, caso seja possível, e então verás se não merece que se faça por ella tal sacrificio". Deixou-me só, depois d'alguns meus protestos de amizade sincera. Gastei a noite a pôr em ordem os meus negocios, partindo de madrugada para a hospedaria de Manon, que já me esperava. Estava á janella que dava para a rua, de maneira que apenas me avistou desceu a abrir-me a porta. Saimos sem ruído. Manon trazia apenas, por bagagem, o sacco da sua roupa, que eu mesmo carreguei. A cadeira de viagem estava prompta. Saimos immediatamente da cidade. Contarei mais tarde qual foi o procedimento de Tiberge quando descobriu que o tinha enganado. O seu zelo, a sua amizade, não foi então menos dedicada. Vereis a que excessos o levou e quanto eu deveria chorar ao lembrar-me da recompensa que lhe dei.

Apressamos tanto a nossa marcha que chegamos a Saint-Denis antes da noite. Eu cavalgava ao lado da cadeira, o que quasi nos não permittiu conversarmos senão durante a mudança dos animaes; mas quando nos vimos tão proximos de Paris, isto é, quasi em segurança, tratamos de refazer as nossas forças, pois nada tínhamos comido desde a nossa partida de Amiens. Por mais apaixonado que eu estivesse por Manon, ella teve artes de me convencer que o não estava menos por mim. Eramos tão pouco reservados nas nossas caricias, que não tínhamos paciencia para esperar encontrarmos-nos sós. Os postilhões e os hospedes olhavam-nos com espanto; notei claramente a sua surpresa, ao verem duas creanças como nós parecendo amarem-se assim tão furiosamente. Os nossos projectos de casamento foram esquecidos em Saint-Denis; transgredimos os preceitos da Igreja e encontramos, sem reflectir, nos braços um do outro, como marido e mulher. Tenho a certeza que sendo como sou, do meu natural, terno e constante, seria feliz por toda a minha vida se Manon me tivesse sido fiel. Tanto mais eu a conhecia mais n'ella ia descobrindo novas adoraveis qualidades. O seu espirito, o seu coração, a sua doçura e a sua belleza, formavam uma cadeia tão forte e tão encantadora que eu fazia consistir toda a minha felicidade em nunca d'ella me libertar. Terrivel transformação? Aquillo que faz hoje o meu desespero podia ter feito a minha felicidade. Julgo-me hoje o mais infeliz de todos os homens por essa mesma constancia de que eu deveria esperar a mais doce de todas as existencias e as mais perfeitas recompensas do amor.

Alugamos um aposento mobilado em Paris. Foi na rua V... e, por minha infelicidade, junto da casa de M. de B... Tres semanas se passaram durante as quaes eu me senti tão dominado pela minha paixão que quasi não pensei em minha familia e na tristesa que deveria ter sentido meu pae com a minha ausencia. Comtudo, como eu fôra até então correcto na minha conducta, e que Manon, por sua vez também, se mantinha com toda a siseudez, a tranquillidade em que viviamos trouxe-me pouco a pouco a recordação do meu dever, resolvendo então reconciliar-me, se fôsse



...trocavamos mil protestos de amor

possível, com meu pae. A minha amante era tão atrahente que eu tinha a certeza que conquistaria a sua sympathia, se eu pudesse encontrar um meio de tornar d'elle conhecida a sua cordura e os seus merecimentos; n'uma palavra, consolar-me-hia obter o seu consentimento para o meu consorcio, tendo posto de parte a ideia de o realizar d'outra maneira. Communiquei o meu projecto a Manon e fiz-lhe comprehender que alem das razões do amor e do dever, o da necessidade poderia tornar irrevocavel tal passo, porque os nossos haveres estavam bastante minguados e eu começava a perder a opinião de que elles eram inexgotaveis. Manon recebeu friamente a minha proposta. Comtudo, os argumentos com que me refutava pareciam filhas do carinho e do receio que tinha de me perder, se meu pae não concordasse com o nosso desejo, depois de ter descoberto o lugar onde nos haviamos refugiado. Eu não tinha a menor suspeita do golpe cruel que ella preparava para me dar. A minha objecção das necessidades, respondeu-me que ainda tinhamos com que viver algumas semanas e que, depois d'isso, procuraria e encontraria recursos da parte de algumas pessoas suas amigas a quem escrevera na provincia. A sua recusa, envolveu-a de caricias tão ternas e tão apaixonadas que eu, que só para ella vivia e que não nutria desconfiança alguma do seu coração, concordei com todas as suas respostas e resoluções. A nossa bolsa ficára inteiramente á sua disposição para que pagasse as despesas. Pouco tempo depois comecei a notar que a nossa mesa era mais farta e que ella estava tomando certos compromissos de não pequeno valor. Como eu não ignorava que nos deviam restar apenas dôze ou quinze pistolas, fiz-lhe algumas observações sobre este augmento apavorante da nossa opulencia. Pediu-me, a rir, que me não preoccupasse. "Eu não te prometti que havia de achar recursos?" Amava-a com extrema simplicidade para que taes cousas me podessem alarmar.

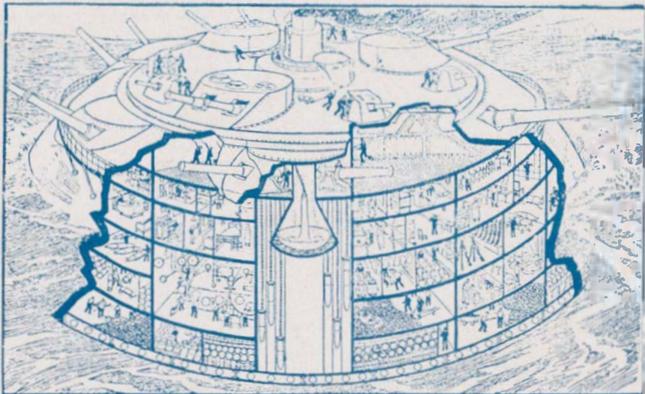
Um dia, como eu tivesse saído de tarde e a tivesse avisado que me demoraria mais tempo que o ordinario, fiquei muito admirado, ao regressar, por me fazerem esperar dois ou tres minutos á porta. Servia-nos uma creadinha que tinha, pouco mais ou menos, a nossa idade. Quando ella veiu abrir, perguntei-lhe por que se demorara tanto. Respondeu-me, embaraçada, que não tinha cuidado bater. Eu batêra apenas uma vez. Perguntei-lhe, então: "Mas se não me ouviste bater, por que vieste abrir?" Esta pergunta desconcertou-a de tal maneira, que não tendo sufficiente presença de espirito para me responder, se pôz a chorar, affirmando-me que a culpa não era sua. A Sra. prohibira-lhe abrir a porta antes de M. de B... sahir pela outra escada que correspondia ao gabinete. Fiquei tão perturbado, que não ousei entrar.

(Continua).

UM INVENCIVEL NAVIO DE GUERRA

A ultima guerra trouxe a convicção da inutilidade das grandes unidades navias, tendo sido como toda a gente sabe, o pequeno submarino o supremo dominador. Talvez por isso mesmo os americanos não tivessem realizado o sonho d'um dos seus maiores engenheiros navias, apresentado quatro annos antes de rebentar a grande guerra.

Traza-se do Sr. Anson Philips Stokes, *yachtsman* archi-millionario e alumno da Escola do Engeheiros da Armada, que apresentou perante a Sociedade de Architectos Navias de Nova York, uma memoria descriptiva de certo navio de combate por elle imaginado, em o qual o seu auctor promettia fazer uma completa revolução — a guerra maritima. O novo tipo do monitor, pois era, na essência, o navio do Sr. Anson Philips, tinha o nome



Cão Cerbero

em thol gico de Cão Cerbero e se não dispunha, como o guardador de Had's helico, tres cabeças regulamentares para devorar os que se lhe aproximem, teria em compensação, alguma cousa mais eficaz para os tempos de hoje, cincoenta canhões de 40 centimetros de calibre, montados em torres blindadas.

A idéa-mãe d'este invento encontrou-a o archi-millionario norte-americano na affirmação do celebre Capitão Mahan, que escreveu sobre os guardas-costas. Sacrificando velocidade, de que taes barcos para nada precisam pode-se-lhes augmentar a blindagem

e a artilharia ou, que é o mesmo, potencia allidade defensiva e offensiva.

Óra, bem: o Cão Cerbero parece ser uma exacta applicação da theoria sustentada pelo auctor da obra *Sea Power* (Poder Maritimo), com uma vantagem sobre o guarda-costas ordinario: e é que disporá de velocidade, quando esta fór necessaria.

Como se observará na gravura annexa differirá, pela sua forma, de todos os typos de navios de guerra conhecidos. Redondo como uma boia, sem proa nem popa, sem o galhardo aspecto que caracteriza a embarcação moderna, será, contudo, mil vezes mais effiziz do que muitos couraçados juntos. N'isto, como n'uma infinidade de cousas, o pratico vai acabando com o bello.

A figura excepcional do Cão Cerbero foi suggerida a Mr. Anson Philips pela contemplação, durante uma das suas viagens, da pequena ilha chamada "Rocha do Diamante", que se encontra a uma milha a sudoeste da Martinica. E não foi só a vista da solitaria penha, o que gerou na imaginação do riquissimo viajante o pensamento do monitor futuro; foram tambem as lições da historia. A este proposito, retrocedamos um pouco.

Cerca do anno de 1781, o almirante inglez Sir Samuel Hood abordou a dita ilha. Não passando inadvertidas para o insigne marinheiro a magnifica posição strategica do ilhoté e as suas condições de inexpugnabilidade fêz, artilharia convenientemente, desembarcando, para esse effeito, parte dos canhões do *Centauro*. Não se tinha equivocado Sir Samuel Hood nas suas previzes, pois um punhado de homens, com algumas toneladas de pólvora e balas, conseguiram ter em cheque, durante quinze mezes, os navios francezes, impedindo-lhes o livre accesso á proxima bahia de Fort-de-France. A "Rocha do Diamante" rendeu-se finalmente por falta de munigiões; porém antes de ser arriado n'ella o pavilhão inglez, tinha causado tres mezes de troço a esquadra franceza sem perder mais do que cousa meia duzia de defensores.

O Cão Cerbero do inventor norte-americano será, por conseguinte, um ilhoté artilhado e fluctuante, que, situado na entrada de qualquer porto ou na proximidade de uma costa, fará terribes estragos ao adversario em a menor exposição possivel.

A sua forma clroular e a grande inclinação dos angulos na sua parte descoberta, farão perder ao tiro inimigo grande parte da sua efficacia. As blindagens poderão alcançar no Cão Cerbero até 48 por 100 do deslocamento, sendo facto que nos navios de guerra actuaes essa proporção não excede 25 por 100.

As machinas motoras e auxiliares estarão distribuidas por diversas camaras estanques, de tal forma que, destruidas ou inundadas algumas d'ellas pelas granadas contrarias, não se interrompam, nem a marcha do navio, nem as manobras.

Como o objective do Cão Cerbero é a defesa, de preferencia á aggressão, não haveria necessidade de dotal-o com grande potencia locomotriz. Bastariam alguns milhares de cavallos para mover os hélices, cabrestantes, dynamos, ventiladores e outros mecanismos, o que suppõe uma consideravel economia de combustivel, com o conseguinte aproveitamento de espaço, o qual poderia ser reservado para armazenar projecteis e viveres. As partes vitales (obras vivas) do monitor serão protegidas por grossas placas de blindagem.

PASTA PARA DENTES

MEU CORAÇÃO

Para a hygiene da bocca
e conservavão do esmalte dos dentes
não ha melhor.

Preço — Tubo 2\$000 e 1\$200

À venda em todo o Brasil

PERFUMARIA LOPES

Praça Tiradentes N. 36 e 38
e rua Urugayana N. 44

RIO

J. LOPES & Cia.

Grandes exportadores de perfumarias nacionaes
e estrangeiras.

Loção MEU CORAÇÃO

Superior ás melhores.





Gabinete Feminino

para

As nossas gentis leitoras

ALDA BRAGA — A sua pergunta não é de resposta muito facil. Seria preciso sabermos primeiro qual a sua maneira de pensar, os seus habitos, os seus gostos... e a sua educação. Então lhe diriamos o que mais lhe convinha ler. Suponhamos, porém, que se trata d'uma senhora com conhecimentos gerais, capaz de sustentar uma conversação vulgar entre pessoas ilustradas, sem commetter uma "gaffe". Quer desenvolver os seus conhecimentos litterarios? Principie por estudar a litteratura do seu paiz, mórmente do seculo XVIII em diante. Tem estudo para mais de um anno, sem aprofundar é claro. Depois estude a litteratura portugueza. E' indispensavel. Procure, em seguida, o conhecimento da historia litteraria de Roma e Grécia. Não é preciso saber latim. Os classicos estão todos vertidos em bom francez. Depois, é claro, vem o resto; a litteratura franceza, allemã, italiana, ingleza, etc., etc. Está satisfeita?

J. C. — O seu caso, minha senhora, é um caso muito complicado. Precisaríamos talvez de recorrer ao Sr. Bourget, mestre d'estas transcendentes psychologias femininas. Elle não gosta de si? por que? — lhe: estude-o primeiro e depois mande-nos as informações. Faça a esse homem o que fazia aos seus bonecos ahi pelos quatro annos. Veja o que elle tem por dentro. As vezes pôde ser que tenha apenas um pouco de palha ou serradura de madeira, e então não vale gastar cêra com tão ruim estulto.

MADAME DORAT — Sou uma senhora que já attingiu os quarenta e cinco. E' dolorosa esta confissão, mas o anonimato serve admiravelmente para nos evitar o vexame. A minha saude está extremamente abalada. Sinto vertigens, calores subtos que me sufocam, um mal estar geral, que me desespera. De que será tudo isto? — X. X. X.

R. — E' da idade, minha senhora. A mulher no Brasil, como de resto em todos os paizes de clima desigual, vive muito em pouco tempo. Se é certo que nos espante vemos uma senhora de 14 annos, ique, nas suas formas e na sua vida organica, é, em absoluto, uma mulher; não é menos certo que, aos quarenta

annos, essa senhorita será quasi velha... se não souber defender-se. E' o remedio: defenda-se, minha senhora. Mas defenda-se com criterio. Nada de pinturas; nada de excessos. Procura levar a vida mais regular e mais calma, tanto de espirito como de corpo. Faça exercicios phisicos. O que envelhece excessivamente a mulher brasileira é a sua atrofiante vida de lar. Ha tempo para tudo: para ser uma boa dona de casa e para cuidar de si.

F. RIBEIRO — Não lhe aconselhamos o uso de injeccões locais para o seu caso, minha senhora. De resto, os factos ainda ha pouco registrados no noticiario dos jornaes deviam pô-la de sobreaviso. E' possivel que lá fóra o uso das ampollas esteja de tal moda scientificamente estudado que seja de resultados praticos para o desapparecimento dos estragos do tempo n'umas lindas faces de mulher. Se como no diz, as rugas do seu rosto não estão em justa proporção com a sua idade — acreditto piamente na informação — aconselhamos-lhe, de preferencia, o uso de pomadas e massagens electricas. Quando não cure para sempre o seu desgosto, remediará. A massagem electrica arranca do rosto todas as impurezas, os cravos, as agglomerações de glandulas sebaceas, e refresca extraordinariamente a pelle.

MADAME DORAT — Sou excessivamente nutrida e, no entretanto, não creio que exista no mundo pessoa de menos força phisica do que eu, falta que se agrava com uma tristesa e falta de vontade que me acabrunha e contra a qual não consigo reagir. Que me aconselha que faça? **Sára.**

R. — Pouca coisa, se bem que o seu caso é mais um caso que compete a um consultorio medico que a esta secção. No entretanto lá vá. Em primeiro lugar um regimen alimentar; vegetaes, carnes brancas, nada de alcool e fructas. Este ultimo conselho é só no caso em que a senhora tenha fortuna. Deve tambem tomar banhos de mar e dar largos passeios a pé. O que se lhe poderia dizer além disto não é da nossa competencia. Diz mais respeito ao seu medico do que a nós.

MADAME DORAT

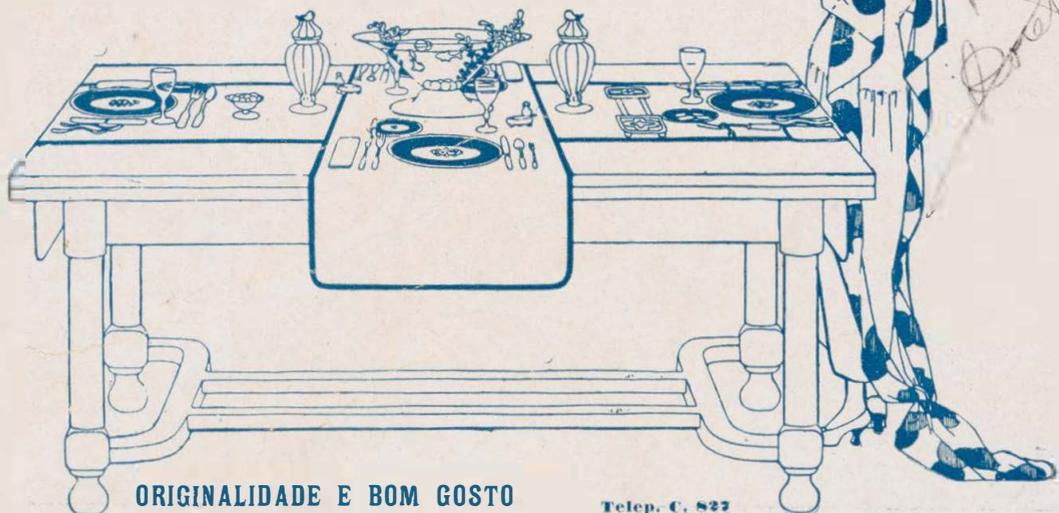
BAZAR AMERICA

38 e 40 -- RUA URUGUAYANA -- 38 e 40

A primeira casa do genero nesta Capital

Finissimos
Objectos para
presentes

Especialidade em
Porcellanas,
Crystaes,
Metaes finos, Fa-
queiros
e falheres de
Christofle.



ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Telep. C. 822